



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS – CAMPUS DE FOZ DO IGUAÇU-PR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO – NÍVEL MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM CIÊNCIAS, LINGUAGENS, TECNOLOGIAS  
E CULTURA**

**FERNANDA CARMINATI DE MOURA**

**Uso do álcool relacionado ao abandono e a evasão escolar na concepção  
dos adolescentes**

**FOZ DO IGUAÇU - PR**

**2020**

**FERNANDA CARMINATI DE MOURA**

**Uso do álcool relacionado ao abandono e a evasão escolar na concepção  
dos ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Nível mestrado da UNIOESTE, campus Foz do Iguaçu – PR, para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Linha de pesquisa: Ensino de Ciências e Matemática.

**FOZ DO IGUAÇU - PR**

**2020**

**FERNANDA CARMINATI DE MOURA**

**Uso do álcool relacionado ao abandono e a evasão escolar na concepção dos adolescentes**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ensino – Mestrado em Ensino, área de concentração em Ciências, Linguagem, Tecnologia e Cultura, Linha de Pesquisa Ensino em Ciências e Matemática, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Elis Maria Teixeira Palma Priotto.  
Professora Orientadora- Unioeste.

Prof. Dr. Reinaldo Antônio da Silva Sobrinho  
Professor examinador – Unioeste.

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Rosana da Silva Moraes -  
Professora examinadora convidada – Unioeste.

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Shiderlene Vieira de Almeida -  
Professora examinadora convidada – UTFPR

**FOZ DO IGUAÇU - PR**

**2020**

## EPÍGRAFE

*“Não existe tal coisa como um processo de educação neutra. Educação ou funciona como um instrumento que é usado para facilitar a integração das gerações na lógica do atual sistema e trazer conformidade com ele, ou ela se torna a "prática da liberdade", o meio pelo qual homens e mulheres lidam de forma crítica com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo”.*

**Paulo Freire**

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, João Carminati e Romilda Teles Carminati pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu marido, Flavio de Moura, meu amigo e grande incentivador na minha vida profissional e acadêmica, o qual sempre me apoiou dando o respaldo necessário para chegar até aqui. Obrigada pelo seu carinho e amor dedicado, pois eles fizeram e fazem diferença no meu dia a dia, obrigada por ter compreendido os momentos de minha ausência dedicada ao estudo superior e entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

Aos meus, filhos João Pedro Carminati de Moura, Jose Henrique Carminati de Moura e Vitor Antônio Carminati de Moura por serem minhas inspirações de vida, agradáveis, inteligentes, companheiros, solidários e amigos, pelas orações que fizeram para o meu sucesso, talvez vocês não saibam, mas as suas existências me garantem forças para prosseguir em todos os momentos.

À minha Irmã, Rosângela Teles Carminati Soares e meu Irmão Jonas Rafael Carminati que sempre estiveram nas arquibancadas da vida torcendo por este momento.

À minha amiga, Cintia Guerin com seu carinho e boas vibrações fizeram diferença na minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar ao meu Deus, fonte de inspiração para os meus dias, o qual me proporciona saúde, paz e força para superar todas as barreiras da vida, obrigada Senhor.

À Santa Vó Rosa, à Maria Santíssima, a Jesus e ao irmão Aldo que iluminaram meus passos e permitiram que eu encontrasse pessoas para me ajudar e orientar neste processo de aprendizagem.

Meu profundo agradecimento pelo apoio das pessoas e instituições que me deram esta grande oportunidade de conhecer outros horizontes.

À Universidade Estadual do Oeste do Paraná onde tive a oportunidade de dar os primeiros passos da minha vida acadêmica e o corpo docente do Mestrado em Ensino, direção e administração que oportunizaram esse novo horizonte.

À minha orientadora, Elis Palma Teixeira Priotto. Posso dizer que pessoas chegam a nossas vidas e rapidamente nos damos conta de que isto acontece porque deve ser assim, para servir a um propósito, para nos ensinar uma lição, ou para descobrir quem somos na verdade e o que podemos fazer. Obrigada pelo suporte e apoio no incentivo a pesquisa e correções, obrigada por ter me apoiado nesta temática e por ter acreditado no meu potencial, meu eterno agradecimento e admiração especialmente, por ser uma pessoa sensível e compreensiva, que com seu ensino e orientação me levou pelo caminho para alcançar a meta, senão fosse por sua ajuda nunca a teria alcançado, obrigada por ser minha orientadora a senhora é especial.

Aos docentes Dr<sup>a</sup> Carmem Célia Barradas Correia Bastos e Dr. Reinaldo Antônio da Silva Sobrinho, pelas contribuições no exame de Qualificação.

A todos os adolescentes que fizeram parte da minha pesquisa, que disponibilizaram o seu tempo em meu aprendizado, pela paciência em participar dos grupos focais, pela valiosa contribuição, sem a qual não teríamos esse produto. Obrigada.

Às escolas que disponibilizaram um ambiente especial para este estudo, aos diretores e pedagogos.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Durante esta caminhada percorrida para conclusão de uma dissertação intercalada por uma multiplicidade de sentimentos de satisfação e prazer pelas descobertas, de sofrimento pelas dificuldades enfrentadas, intensa recompensa pelos novos conhecimentos adquiridos. Como foi bom viver todos esses sentimentos.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b>	Convite para participar da pesquisa.....	18
<b>Figura 2:</b>	Explicação dos objetivos da pesquisa e entregas dos TA e TCLE...	22
<b>Figura 3:</b>	Momentos de Pesquisa na Biblioteca.....	24
<b>Figura 4:</b>	Banca de Qualificação.....	44
<b>Figura 5:</b>	Etapas necessárias para apreciação dos resultados.....	55



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Distribuição das turmas de Ensino Fundamental Final e Ensino Médio do Colégio A	46
<b>Tabela 2</b>	Taxa de abandono escolar por série no Colégio A dados do INEP (2019)	46
<b>Tabela 3</b>	Taxa de distorção de idade/ ano do Colégio A, dados no INEP (2019)	47
<b>Tabela 4</b>	Distribuição das turmas de Ensino Fundamental Final e Ensino Médio do Colégio B	47
<b>Tabela 5</b>	Taxa de abandono escolar por série no Colégio B dados do INEP (2019)	47
<b>Tabela 6</b>	Taxa de distorção de idade/ ano do Colégio B, dados no INEP (2019)	48
<b>Tabela 7</b>	Participantes do estudo por período nos colégios A e B no ano de 2019 e idade	52
<b>Tabela 8</b>	Distorção de idade do colégio A e B(INEP, 2019)	79
<b>Tabela 9</b>	Taxa de reprovação do colégio A e B conforme dados do INEP(2019)	79
<b>Tabela 10</b>	Taxa de abandono escolar no Ensino Fundamental Final e Ensino Médio conforme dados do INEP (2019) turmas do colégio A e B	82

## LISTA DE ABREVIATURAS

APME	- Associação de Pais, Mestres e Funcionários
CEBRID	- Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicoativas
CF	- Constituição Federal
CID	- Classificação Internacional de Doenças
CIEE	- Centro de Integração Empresa Escola
CONANDA	- Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
ECA	- Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	- Educação de Jovens e Adultos
ESF	- Estratégia Saúde da Família
GF	- Grupo Focal
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	- Índice de Desenvolvimento Humano
INEP	- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
ISTs	- Infecções Sexualmente Transmissíveis
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases
MEC	- Ministério da Educação
MS	- Ministério da Saúde
NIAA	- <i>National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism</i>
OMS	- Organização Mundial de Saúde
SEED	- Secretaria de Estado da Educação do Paraná
SENAD	- Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas
TA	- Termo de Assentimento
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNICEF	- Fundo das Nações Unidas para a Infância
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UNIOESTE	- Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UTFPR	- Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## SUMÁRIO

	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	16
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	23
<b>3</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	25
3.1	ADOLESCÊNCIA.....	26
3.2	ADOLESCÊNCIA: RISCOS E VULNERABILIDADES.....	28
3.3	O USO DE ÁLCOOL NA SAÚDE DO ADOLESCENTE.....	30
3.4	ADOLESCENTES E O ESPAÇO ESCOLAR.....	33
3.5	ENSINO FUNDAMENTAL, ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS.....	35
3.5.1	Ensino Fundamental Inicial e Final.....	36
3.5.2	Ensino Médio.....	36
3.5.3	Ensino EJA.....	37
3.6	FRACASSO, ABANDONO E EVASÃO ESCOLAR: FATORES RELACIONADOS.....	37
3.6.1	Fracasso escolar.....	38
3.6.2	Abandono escolar.....	39
3.6.3	Evasão escolar .....	41
3.7	PROGRAMA DE COMBATE AO ABANDONO ESCOLAR NO PARANÁ.....	42
<b>4</b>	<b>DELINEAMENTO DE ESTUDO</b> .....	45
4.1	TIPO DE ESTUDO.....	45
4.2	CENÁRIO DE ESTUDO.....	46
4.3	PARTICIPANTES.....	48
4.3.1	Critérios de inclusão.....	49
4.3.2	Critérios de exclusão.....	49
4.4	INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS.....	49
4.5	PROCEDIMENTOS.....	50
4.6	ANÁLISES DOS DADOS.....	53
4.7	ASPECTOS ÉTICOS.....	54
<b>5</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	56
5.1	CATEGORIA I- CARACTERIZAÇÃO DOS ADOLESCENTES, O PRIMEIRO USO DE BEBIDA ALCOÓLICA (INFLUÊNCIA, FAIXA ETÁRIA, FAMILIAR E SOCIAL).....	56
5.2	CATEGORIA II- REAÇÃO E COMPORTAMENTO APÓS O USO DE BEBIDA ALCOÓLICA.....	62
5.3	CATEGORIA III- RISCOS E DANOS RELACIONADOS AO USO DO ÁLCOOL A SAÚDE.....	64
5.4	CATEGORIA IV- PROBLEMAS FAMILIARES.....	66
5.5	CATEGORIA V- PROBLEMAS PARA A SOCIEDADE.....	67
5.6	CATEGORIA VI- MOTIVOS PARA USAR ÁLCOOL (BEBIDA ALCOÓLICA).....	69
5.7	CATEGORIA VII- COMO A BEBIDA ENTRA NA ESCOLA E O REGIMENTO ESCOLAR.....	71

5.8	CATEGORIA VIII- RELAÇÃO ENTRE USO ÁLCOOL E OS PROBLEMAS ESCOLARES.....	74
5.9	CATEGORIA IX- REPROVAÇÃO, ABANDONO ESCOLAR E EVASÃO ESCOLAR.....	77
5.10	CATEGORIA X- INDICAÇÃO DE AÇÕES DE PREVENÇÃO AO USO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS E AO ABANDONO E EVASÃO ESCOLAR.....	84
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	90
7	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	92
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	107
	APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO.....	108
	APÊNDICE C – GRUPO FOCAL.....	109
	ANEXO 1- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	110

## RESUMO

O abandono e a evasão escolar são um problema antigo na sociedade brasileira e tem como fatores determinantes, intrínsecos e extrínsecos, sendo destacado nesta pesquisa o uso de bebida alcoólica na adolescência, fase caracterizada por mudanças biológicas, cognitivas, emocionais e sociais, período do desenvolvimento humano onde ocorrem mudanças de comportamento e vulnerabilidades. Objetivo: nesse sentido, este estudo teve como objetivo geral conhecer a opinião de adolescentes escolares de Ensino Fundamental Final, Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos) da cidade de Foz do Iguaçu – PR, quanto à relação do uso/consumo do álcool na evasão e abandono escolar e como objetivos específicos: examinar as principais causas relacionadas ao uso do álcool e o aprendizado citadas pelos adolescentes que estão frequentando a escola; analisar se o álcool é um dos fatores que contribui para o abandono e evasão escolar na faixa etária de 10 a 19 anos e analisar a opinião dos adolescentes quanto aos meios que podem ser utilizados para prevenir o abandono escolar e a evasão escolar relacionado ao uso de álcool. Materiais e métodos: a abordagem metodológica, proposta neste estudo, é qualitativa, de natureza básica, com análise descritiva e exploratória, utilizando-se da técnica de Grupo Focal para a coleta de dados, com nove questões norteadoras. Para a análise dos dados, utilizou-se da técnica de Análise de Conteúdo. Resultados: participaram do estudo 23 adolescentes estudantes de dois colégios estaduais, um nos períodos matutino e vespertino e outro no período noturno. Verificou-se que o uso de bebida alcoólica está associado a um conjunto de fatores que são aceitos pelas famílias e a sociedade; contudo, interfere de várias maneiras no desenvolvimento do adolescente e em seu aprendizado. Considerações finais: a carência de estudos não referencia o álcool como um fator de comprovação ao abandono e a evasão escolar. Existem programas com o propósito de reduzir o abandono e a evasão escolar; porém, é preciso maiores investimentos em políticas públicas para incentivar a permanência do aluno na sala de aula, assim como possibilitar, desde a infância, conhecimentos sobre o uso de bebida alcoólica, visto que a educação por si só não melhora apenas a vida do conculinte, mas pode contribuir para questionar a sociedade.

Palavras-chave: Adolescência; álcool; Educação Básica; Abandono escolar.

## RESUMEN

Introducción: el abandono y la evasión escolar son un viejo problema en la sociedad brasileña y tienen como factores determinantes, intrínsecos y extrínsecos, destacando en esta investigación el uso de bebidas alcohólicas en la adolescencia, una fase caracterizada por cambios biológicos, cognitivos, emocionales y sociales, período de desarrollo humano donde se producen cambios de comportamiento y vulnerabilidades. Objetivo: en este sentido, este estudio tenía como objetivo general conocer la opinión de los adolescentes de primaria de final primaria, secundaria y EJA (Educación para Jóvenes y Adultos) en la ciudad de Foz do Iguazú - PR, con respecto a la relación entre el consumo/consumo de alcohol en deserción escolar y la deserción escolar y como objetivos específicos: examinar las principales causas relacionadas con el consumo y el aprendizaje del alcohol citados por los adolescentes que asisten a la escuela; analizar si el alcohol es uno de los factores que contribuye a la deserción escolar y la deserción escolar en el grupo de edad de 10 a 19 años y analizar la opinión de los adolescentes sobre los medios que se pueden utilizar para prevenir la deserción escolar y la deserción escolar relacionada con el consumo de alcohol. Materiales y métodos: el enfoque metodológico propuesto en este estudio es cualitativo, de carácter básico, con análisis descriptivo y exploratorio, utilizando la técnica del Grupo de Enfoque para la recopilación de datos, con nueve preguntas orientativas. Para el análisis de datos, se utilizó la técnica Análisis de contenido. Resultados: 23 estudiantes adolescentes de dos escuelas estatales participaron en el estudio, uno por la mañana y por la noche y el otro por la noche. Se encontró que el uso de bebidas alcohólicas está asociado con un conjunto de factores que son aceptados por las familias y la sociedad; sin embargo, interfiere de varias maneras en el desarrollo y aprendizaje del adolescente. Consideraciones finales: la falta de estudios no se refiere al alcohol como un factor corroborador para la deserción escolar y la deserción escolar. Existen programas para reducir la deserción escolar y la deserción escolar; sin embargo, es necesario invertir más en políticas públicas para fomentar la estancia del estudiante en el aula, así como para permitir, desde la infancia, el conocimiento sobre el uso de bebidas alcohólicas, ya que la educación por sí sola no sólo mejora la vida de los ancianos, sino que puede contribuir a cuestionar a la sociedad.

Palabras clave: adolescencia; alcohol; Educación básica; Abandono escolar.

## ABSTRACT

Introduction: dropout and school evasion are an old problem in Brazilian society and have as determinant factors, intrinsic and extrinsic, being highlighted in this research the use of alcoholic beverages in adolescence, a phase characterized by biological, cognitive, emotional and social changes, period of human development where behavior changes and vulnerabilities occur. Objective: in this sense, this study had as general objective to know the opinion of primary school adolescents from Final Elementary School, High School and EJA (Youth and Adult Education) in the city of Foz do Iguaçu - PR, regarding the relationship between alcohol use/consumption in dropout and dropout and as specific objectives: to examine the main causes related to alcohol use and learning cited by adolescents who are attending school; to analyze whether alcohol is one of the factors that contributes to dropout and dropout in the age group of 10 to 19 years and analyze the opinion of adolescents regarding the means that can be used to prevent school dropout and school dropout related to alcohol use. Materials and methods: the methodological approach proposed in this study is qualitative, of a basic nature, with descriptive and exploratory analysis, using the Focus Group technique for data collection, with nine guiding questions. For data analysis, the Content Analysis technique was used. Results: 23 adolescent students from two state schools participated in the study, one in the morning and evening periods and the other in the night. It was found that the use of alcoholic beverages is associated with a set of factors that are accepted by families and society; however, it interferes in several ways in the adolescent's development and learning. Final considerations: the lack of studies does not refer to alcohol as a corroborating factor for dropout and school dropout. There are programmes to reduce school dropout and dropout; however, it is necessary to invest more in public policies to encourage the student's stay in the classroom, as well as to enable, since childhood, knowledge about the use of alcoholic beverages, since education alone not only improves the life of the senior, but can contribute to questioning society.

Keywords: Adolescence; alcohol; Basic education; School dropout.

## APRESENTAÇÃO

Nasci em uma família constituída de pai e mãe. Minha mãe descobriu no trabalho de vendedora ambulante uma forma de ajudar meu pai, que trabalhava como vigilante para sustentar a família. Lembro-me que, quando pequena, antes de ir para a escola, meu pai já me incentivava a estudar, sempre trazendo caderno, lápis para pintar e desenhar.

Ao iniciar minha vida escolar, minha mãe me acompanhava nos deveres de casa; então, sempre tive muito incentivo familiar mesmo meus pais não tendo concluído o Ensino Fundamental Final. Esse ambiente familiar, certamente, influenciou-me nos estudos. Aos nove anos, comecei a ajudar nas vendas, pois gostava de negociar. Nesse período, eu estudava de manhã e à tarde saía para vender salgados, frutas, etc. Isso me fez crescer vendo a importância de um trabalho digno.

Quando acabei o Ensino Fundamental II, relatei à minha mãe que gostaria de ser professora. Então, minha mãe, com todo seu esforço, madrugou no Colégio Barão para conseguir uma vaga para mim. No primeiro dia, meu pai me levou e explicou sobre ônibus e tudo. Comecei o Magistério. Adorei e quando estava no segundo ano, fiz minha inscrição no Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE).

Logo me chamaram e daí comecei a trabalhar como estagiária em um Centro de Educação Infantil. Este Centro tinha uma educadora que trabalhava como auxiliar de enfermagem e, no decorrer do tempo trabalhado em companhia da mesma, ela ia relatando um pouco de sua experiência. Assim, comecei a me interessar por essa área. Foi, então, que a mesma me recomendou que fizesse o curso, pois eu iria gostar.

Desta forma, cheguei em minha casa, conversei com minha mãe sobre a proposta, e ela continuou incentivando. Naquele tempo, eu fazia o Magistério pela manhã, à tarde trabalhava como estagiária e, à noite, ia para o curso de Auxiliar de Enfermagem. Assim se passaram dois anos e então concluí o Magistério e o curso de Auxiliar de Enfermagem juntos.

No ano seguinte, prestei vestibular na Unioeste. O curso de Enfermagem que cursei foi a primeira turma do Campus de Foz do Iguaçu. Fiquei na classificação



de 41. Logo fui chamada na segunda chamada. Então, estudava em período integral e trabalhava no período noturno como Auxiliar de Enfermagem.

No decorrer dessa trajetória, cada dia mais apaixonada pela profissão escolhida, concluí a Graduação dentro do prazo estabelecido. Foram períodos de lutas, mas de muitas vitórias também.

Durante esse período, iniciei a formação de minha família: casei, tive meu primeiro filho; porém, sempre segui minhas metas, sempre com Deus me guiando e me dando suporte com pessoas maravilhosas. Formei-me em 2008; logo prestei concurso em Medianeira junto com minha amiga Elidia Figueira, que sempre me ajudou. Começamos trabalhar em uma Unidade com Estratégia Saúde da Família (ESF). Foi muito aprendizado e, no decorrer de todo esse tempo, fiz duas pós-graduações: uma em Método e técnicas de ensino nos anos iniciais, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e outra em Saúde para professores de Ensino Médio, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Porém, eu desejava algo, além disso, pretendia ingressar no curso de Mestrado, pois a minha meta sempre foi ser docente.

Inscrevi-me três vezes e na terceira fui aprovada. Para minha alegria maior, tive o imenso prazer de ter como orientadora a Dr<sup>a</sup> Elis, pessoa à qual sempre tive muito carinho, pois foi uma das docentes que estava presente durante minha formação acadêmica. Ela participou das lutas para que o curso de Enfermagem com Licenciatura permanecesse neste Campus. No entanto, quando fiz o pré-projeto sobre o uso de drogas em adolescentes, o fiz pensando em realizar ações que contribuíssem com nossos adolescentes. Após aprovação, sentamos e readaptamos o projeto.

A pesquisa foi iniciada e, no decorrer, fui me apaixonando pelo tema. Chego então, neste momento, com este trabalho finalizado, porém vejo que há muito ainda a se pesquisar em relação à escola e ao adolescente. Este, um ser que está em constantes mudanças biológicas, sociais e culturais. Todas essas inquietações, vivências e estudos me levaram a ser mais participativa na vida profissional e pessoal, a ser mais questionadora das situações que se apresentam e acreditar que o movimento coletivo e reflexivo é capaz de realizar grandes transformações. Minha história é a prova disso.

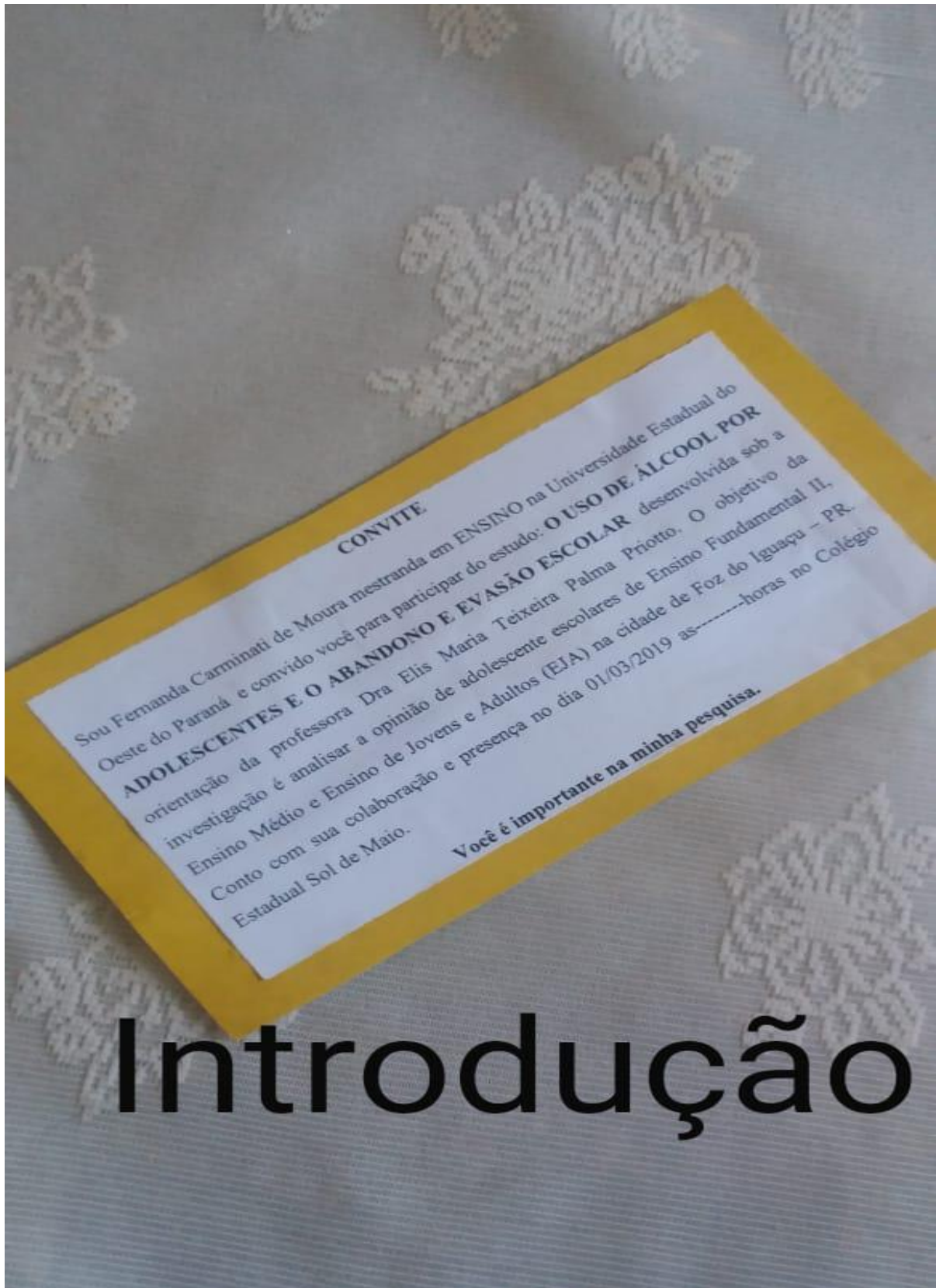


Figura 1- Convite para participar da pesquisa.

## 1 INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre abandono e evasão escolar como fenômenos que tiram milhares de adolescentes da escola. Tendo em vista esse aspecto, cabe diferenciar abandono escolar de evasão escolar: para Maitê e Arraes (2018), abandonar é deixar de estudar por um determinado período e retornar aos estudos; evadir é deixar os estudos, não retornando nos anos seguintes.

A evasão e o abandono escolar são um grande problema relacionado à educação brasileira. As metas estipuladas pela Constituição Federal (CF), de 1988, que determinam a universalização do Ensino Fundamental e a “erradicação” do analfabetismo, ainda não se concretizaram, mesmo sendo a educação um direito garantido e determinado em seu art. 6º. Neste, a educação – juntamente com moradia, trabalho, lazer, saúde, entre outros – constitui um direito social (BRASIL, 1988), apesar de apresentar deficiências e desagregação entre as diferentes regiões do país.

Segundo Auriglietti; Schmidlinlöhner (2014), os sujeitos que, por um motivo ou outro, abandonam ou evadem-se da escola serão parte de um grande contingente de cidadãos com má formação educacional, com dificuldades de assumir questões fundamentais de uma vida em sociedade, tanto na esfera pessoal como profissional ou no que tange à cidadania; logo, eles poderão vir a se tornar os futuros excluídos da sociedade e do mercado de trabalho, sendo problemas enfrentados por gestores, educadores e pela sociedade.

Com a taxa de 24,3%, o Brasil tem a terceira maior taxa de abandono escolar entre os 100 países com maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), só fica atrás da Bósnia Herzegovina (26,8%) e das ilhas de São Cristovam e Névis, no Caribe (26,5) (UOL EDUCAÇÃO, 2018). Segundo dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), existem no Brasil cerca de 21 milhões de adolescentes, com idade entre 12 e 17 anos, sendo que de cada 100 estudantes que entram no Ensino Fundamental apenas 59 terminam o 9º ano (UNICEF, 2011).

Segundo dados da Fundação Abrinq (2017), na Região Sul do Brasil, no ano de 2015, a taxa de abandono escolar foi de 1,1% no Ensino Fundamental e 7,4 % no Ensino Médio. Em relação à taxa de distorção idade/série, é de 15,9% no Ensino Fundamental e 22,4% no Ensino Médio.

Conforme dados do Brasil (2019) 75,8% de adolescentes de 16 anos tinham concluído o Ensino Fundamental Final; dos adolescentes que não finalizaram a etapa, 23% deles estão fora das salas de aula, mesmo já tendo, em grande maioria, frequentado a escola em algum momento da vida, somente 63,5%, dos adolescentes de 19 anos, já concluíram o Ensino Médio; dos adolescentes que ainda não finalizaram a Educação Básica, 62% já nem frequenta mais a escola e, desses, mais da metade (55%) parou os estudos ainda no Ensino Fundamental.

Os fatores de exclusão escolar são diversos e ultrapassam os muros da escola, e, uma vez nela, têm assegurado seu direito de permanecer estudando, de progredir nos estudos e de concluir toda a educação básica na idade certa; há de se considerar que essas barreiras podem ser socioculturais e econômicas, e podem estar vinculadas às questões educacionais, políticas, financeiras e técnicas (UNICEF, 2017).

Alguns fatores podem estar relacionados ao abandono e à evasão escolar podendo eles ser internos, como a difícil relação com professores, organização da escola com regras, excesso de conteúdo escolar, ou externos, como condições familiares, necessidade de trabalhar para auxiliar os pais no sustento da família e na diferença de classes que alteram as relações sociais (ZAGO, 2011; SOUZA *et al.*, 2012).

Diante do exposto, sabe-se que o consumo de substância lícita - o álcool - é considerado um dos fatores relacionados ao abandono e à evasão escolar e o início do seu consumo tem sido cada vez mais frequente na adolescência, grupo afetado pelo impacto de vulnerabilidades como a pobreza, violência, exploração sexual, baixa escolaridade, exploração do trabalho, gravidez, abuso de drogas lícitas e ilícitas e a privação da convivência familiar e comunitária (UNICEF, 2011).

Há de se considerar que a adolescência é faixa etária de maior preocupação quanto ao uso de substâncias lícitas, álcool e o tabaco, e as ilícitas, por não possuírem a mesma maturidade que um adulto e estarem relacionados à estimulação social (BECKER, 2017; MEIRELES; CINTRA, 2018).

Além disso, estudos referem que o uso de álcool e outras drogas por adolescentes estão associados a diversas consequências, entre elas os problemas escolares, como evasão e abandono escolar (GALDURÓZ, 2010; LARROSA; PALOMO, 2010). Tema esse objeto de pesquisa.

Diante desta situação, esta pesquisa buscou verificar a relação entre o uso de álcool por adolescentes e o abandono e a evasão escolar relacionado em adolescentes estudantes no município de Foz do Iguaçu, região de fronteira trinacional (Brasil, Paraguai, Argentina), no Estado do Paraná, guiado pela pergunta norteadora: O uso do álcool é uma das causas que interfere no abandono e na evasão escolar pelo adolescente nos colégios de Foz do Iguaçu?

Para tanto, o presente estudo objetivou analisar as principais causas relacionadas ao uso do álcool e ao aprendizado, citados pelos adolescentes que estavam frequentando a escola, analisar se o álcool é um dos fatores que contribui com o abandono e evasão escolar na faixa etária de 10 a 19 anos, e ainda analisar a concepção desses adolescentes quanto aos meios que podem ser utilizados para prevenir o abandono escolar, a evasão e o uso de álcool.

A abordagem proposta, neste estudo, é qualitativa, de natureza básica, com análise descritiva e exploratória, utilizando-se da técnica de Grupo Focal para a coleta de dados e a técnica de Análise de Conteúdo. O presente estudo foi estruturado em seis capítulos sendo:

Introdução (Capítulo 1), que tem por finalidade a contextualização da pesquisa e sua problematização. O Capítulo 2 apresentação dos objetivos da pesquisa. O Capítulo 3 contempla uma fundamentação teórica acerca da temática estudada, abordando a adolescência, seus riscos e vulnerabilidades, o álcool e a saúde do adolescente, adolescência e a escola, problemas relacionados ao uso da bebida alcoólica, a aprendizagem, o abandono e a evasão escolar e, por fim, o programa de prevenção ao abandono e evasão escolar.

No Capítulo 4, buscou-se apresentar o percurso metodológico adotado no presente estudo, contextualizando o local da realização da pesquisa, os instrumentos de produção de dados e os procedimentos adotados para a análise dos resultados. No Capítulo 5 são apresentadas as análises e discussões dos resultados, que foram divididos em 10 Categorizações, conforme Análise de Conteúdo e, no Capítulo 6, as Considerações Finais.

Dessa forma, este estudo pode analisar a opinião de adolescentes escolares de Ensino Fundamental Final, Ensino Médio e da EJA, na cidade de Foz do Iguaçu – PR, quanto à relação do uso/consumo do álcool, ao abandono e evasão escolar, respaldado nas normatizações e leis, a fim de minimizar o índice de abandono e evasão escolar.



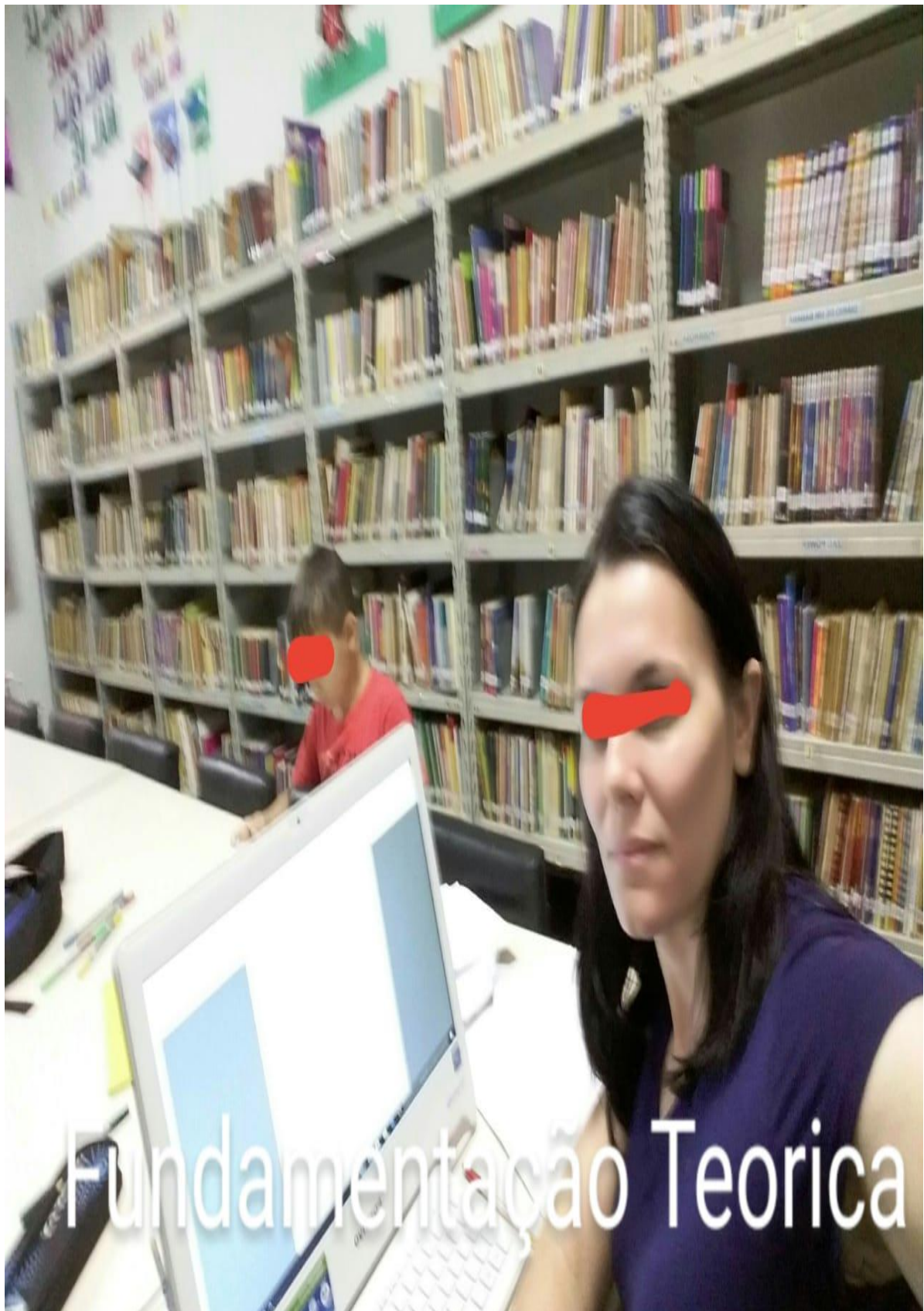
Figura 2: Explicação dos objetivos da pesquisa e entregas dos Termos de Assentimento e TCLE.

## 2 OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa foi conhecer a concepção de adolescentes escolares de ensino fundamental final, ensino médio e da EJA na cidade de Foz do Iguaçu – PR quanto à relação do uso/consumo do álcool no abandono e na evasão escolar.

Como objetivos específicos:

- Examinar as principais causas relacionadas ao uso do álcool e à aprendizagem citados pelos adolescentes que estão frequentando a escola;
- Analisar se o álcool é um dos fatores que contribui para o abandono e para a evasão escolar na faixa etária de 10 a 19 anos;
- Analisar a opinião dos adolescentes quanto aos meios que podem ser utilizados para prevenir o abandono escolar e a evasão escolar relacionado ao uso de álcool.



**Figura 3: Momentos de Pesquisas na Biblioteca**



### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta pesquisa o eixo temático é sobre o uso de bebida alcoólica como fator relacionado ao abandono e a evasão escolar no Ensino Fundamental, Ensino Médio e no EJA.

As pesquisas apresentam que o abandono e a evasão escolar são problemas que persistem nas escolas brasileiras, mesmo existindo leis que garantem o acesso e a permanência dos alunos no ambiente escolar, leis que estão presentes na Constituição Federal, de 1988, e na LDB nº 9.394/1996, que rege as normas de todo nosso sistema educacional.

No entanto, para que se possa compreender melhor o abandono e a evasão escolar estão relacionados a vários fatores determinantes que de acordo com Fontes (2003), são classificados em: escola, aluno, responsável e sociedade, ou seja, são motivados por inúmeros condicionantes sociais, políticos, econômicos e culturais (SILVA, 2010) e suas consequências levam o aluno à exclusão social (FORNARI, 2010).

Dentre vários estudos, a pesquisa tem o objetivo de identificar se o uso de bebida alcoólica é um fator relacionado ao abandono e à evasão escolar, que poderá contribuir com algumas propostas que podem ajudar na permanência dos adolescentes e para uma melhor reflexão sobre os dilemas enfrentados na educação, em relação ao abandono e à evasão escolar.

Esta pesquisa apresenta as concepções dos adolescentes, referente ao uso de bebidas alcoólicas, e se isso interfere na sua aprendizagem, na sua saúde, assim como indica medidas de proteção que a família, a sociedade e a escola podem contribuir.

Para sedimentarmos a pesquisa abordou-se a adolescência, ressaltando-se as concepções e diferentes visões, tanto no campo da Saúde, da Psicologia, da Sociologia e da Educação, sem perder de vista a noção de cultura nas Ciências Sociais (BERNI; ROSO, 2014).

Arminda Aberastury, pioneira no estudo da psicanálise de adolescentes na América Latina, dedicou grande parte do seu trabalho ao aprofundamento da problemática da adolescência, que não deve ser vista apenas como uma passagem para a vida adulta, sendo importante salientar que as constantes mudanças de

humor são características normais da adolescência e fazem parte do processo de luto enfrentado nessa idade (ABERASTURY; KNOBEL, 1989).

Nesta perspectiva, busca-se conhecer o conceito de adolescência, adolecer, uso/abuso de bebida alcoólica, consumo do álcool na adolescência, fracasso escolar, abandono escolar e evasão escolar.

### 3.1 ADOLESCÊNCIA

Neste tópico, é pontuado o conceito de adolescência, para contextualizar a faixa etária dos estudantes que frequentam o Ensino Fundamental Final, Ensino Médio e EJA.

Partindo para origem etimológica do termo adolescência, César (1998) descreve:

A palavra “adolescência” tem dupla origem etimológica e caracteriza muito bem as peculiaridades desta etapa da vida. Ela vem do latim ad (a, para) e olescer (crescer), significando a condição ou processo de crescimento, em resumo o indivíduo apto a crescer. Adolescência também deriva de adolecer, origem da palavra adoecer. Adolescente do latim adolescere, significa adoecer, enfermar. Temos assim, nessa dupla origem etimológica, um elemento para pensar esta etapa de vida: aptidão para crescer (não apenas no sentido físico, mas também psíquico) e para adoecer (em termos de sofrimento emocional, com as transformações biológicas e mentais que operam nesta faixa de vida) (CESAR, 1998).

Entretanto, a caracterização da fase do desenvolvimento humano chamada de adolescência é muito complexa, com diferentes parâmetros para sua definição. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), fundada no caput do seu artigo (art.) 2º:

Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até 12 anos de idade incompletos e, adolescente aquela entre 12 (doze) e 18 (dezoito) anos de idade. Parágrafo único: Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre 18 (dezoito) e 21 (vinte e um) anos de idade (BRASIL, 1990).

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), compreende-se por adolescência a faixa dos 10 aos 19 anos (BRASIL, 2010) fase que será usada como referencial nesta pesquisa. Esse período pode ser considerado períodos/etapas distintas, assim explicitadas: Período Inicial (10 a 13 anos): marcado pelo crescimento e pela puberdade; Período Médio (entre 14 a 16 anos): marcado pelo

desenvolvimento do intelecto e pela identificação com grupos; Período Final (17 a 20 anos): marcado pela consolidação das ideias e da identidade e pela proximidade e ingresso no mundo adulto (BEHRMAN; KLIEGMAN; JENSEN, 2003).

Para Eisenstein (2005) adolescência é considerada como o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive.

O autor Levinsky (1995) descreve a adolescência como sendo um estágio do desenvolvimento em que a criança gradualmente passa para a vida adulta, de acordo com as situações ambientais e de história pessoal.

Para Aberastury (1990), a adolescência é um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento que atravessa três momentos fundamentais: o primeiro é o nascimento, o segundo surge ao final do primeiro ano, com a eclosão da genitalidade, a dentição, a linguagem, a posição de pé e a marcha; e o terceiro momento aparece na adolescência. Além das modificações corporais que marcam esse período, a autora enfatiza as modificações psicológicas, ambas levando a uma nova relação do adolescente com os pais e com o mundo. Essa etapa é marcada por três tipos de luto: do corpo de criança, pela identidade infantil, e pela relação com os pais da infância (ABERASTURY, 1990).

Segundo Priotto e Silva (2019), a adolescência é um período importante da construção de sua identidade, carregada de características muito próprias, além daquelas que resultam da interface com outras idades, caracterizando-se como um período da vida em que existem grandes mudanças e crises profundas, o que possibilita vulnerabilidades como o uso/consumo de álcool e outras drogas.

Erickson (1976) cita a adolescência como uma fase especial no processo do desenvolvimento, na qual se dá a confusão de papéis e bloqueios para estabelecer uma identidade própria. Nessa perspectiva, Rosa (2015) complementa que esta fase da busca da identidade e da expressão da autonomia, tentando responder inúmeros questionamentos, evidenciando, portanto, um processo complexo e marcado por conflitos.

Nessa busca pela identidade, o adolescente muitas vezes escolhe o caminho mais fácil, fazendo identificações maciças com o grupo, ou prefere uma

“identidade negativa”, já que para ele “é preferível ser alguém perverso, indesejável, a não ser nada” (ABERASTURY E KNOBEL, 1989).

Essa fase pode ser entendida pelo adolescente como um estado de indecisão, um estado emocional de angústia, estado irrequieto, confuso; não sendo um estado tranquilo, ao contrário: na adolescência fala-se de uma ansiedade pela eminente decisão da sociedade, e se girar ao adentrar a fase adulta, e ainda a possibilidade de tornar-se vulnerável ao risco (PRIOTTO, 2011). Evidencia-se o experimento da bebida alcoólica como a primeira de outras drogas, necessário para tornar-se adulto, independente (PRIOTTO, NIHEI, 2016).

Contudo Papalia; Feldman (2013) salienta que os primeiros anos da adolescência são mais propícios para o uso/abuso de substâncias lícitas e ilícitas, ressaltando que estas estimulam áreas cerebrais ainda em desenvolvimento; sendo assim, quanto mais cedo se inicia o consumo, maior é a chance de dependência. E a consequência se revela no rendimento escolar.

### 3.2. ADOLESCÊNCIA: RISCOS E VULNERABILIDADES

O termo vulnerabilidade tem origem nos vocábulos em latim “*vulnerare*” (ferir, lesar, prejudicar) e “*bilis*” (suscetível a) (CARMO; GUIZARDI, 2018).

Para Ayres *et al.* (2006), a vulnerabilidade pode ser diferenciada em vulnerabilidade individual, compreendendo os aspectos biológicos, emocionais e cognitivos; vulnerabilidade social caracterizada por aspectos culturais, sociais e econômicos que determinam as oportunidades de acesso a bens e serviços; vulnerabilidade programática, referindo-se aos recursos sociais necessários para a proteção do indivíduo a riscos de integridade e ao bem-estar físico, psicológico e social.

Barchifontaine (2006) define vulnerabilidade como o estado de indivíduos ou grupos que, por alguma razão, têm a sua capacidade de autodeterminação reduzida, podendo apresentar dificuldades para proteger os seus próprios interesses devido a déficits de poder, inteligência, educação, recursos, força ou outros atributos.

Em relação ao uso de drogas lícitas e ilícitas, a vulnerabilidade está relacionada às variáveis individuais, coletivas e contextuais que influenciam no desenvolvimento de padrões de abuso ou dependência como os fatores/recursos necessários para a proteção a eventuais riscos (REICHERT *et al.*, 2019).

No período da adolescência, o indivíduo pode ficar vulnerável decorrente das transformações biológicas ocorridas em seu corpo, mudanças sem precedentes, provocadas, no mundo moderno, pelo impacto da explosão demográfica, do progresso científico, de tecnologia, das comunicações, das novas aspirações humanas e da rápida transformação social (CAMPOS, 2010).

Dependendo do meio social, o adolescente experimenta instabilidades extremas; oscila entre a audácia e a timidez, o desinteresse e a apatia, concomitante aos conflitos afetivos, crises religiosas, intelectualização, condutas sexuais, tudo isso constitui uma entidade semipatológica que Aberastury e Knobel (1989) denominam de síndrome normal da adolescência.

Há de se considerar que é, nesse período, que o adolescente precisa de apoio em seu convívio familiar para superar as crises interiores; contudo, é nesses momentos que além das preocupações gerais dos pais, com a questão de como lidar com a adolescência dos filhos, existem problemas que afligem os mesmos, sendo eles a iniciação sexual precoce e a ameaça do uso de drogas (BISPO, 2011).

De fato, o contexto no qual os adolescentes se desenvolvem associado às características de imaturidade emocional, impulsividade e comportamento desafiador, resulta no engajamento de comportamentos considerados de risco, que podem ser definidos como capazes de ameaçar a saúde a curto, médio ou longo prazo, tais como comportamentos que contribuem para as lesões acidentais, violência, uso de álcool e outras drogas e comportamentos sexuais desprotegidos (ZAPPE; ALVES; DELLAGLIO, 2018).

Portanto, o uso de drogas pode surgir devido a curiosidade, pressões grupais para obter reforço social, como também para aliviar as tensões inerentes à essa fase da vida, aspectos estes que corroboram a adolescência como um período de maior vulnerabilidade e predisposição a comportamentos de risco (MICHELI *et al.*, 2014).

Segundo Schenker e Cavalcante (2015), a vulnerabilidade deve ser entendida por condições de desigualdade social ou falta de recursos materiais, diversas modalidades de desvantagens afrontadas por alguns grupos, como fragilização dos vínculos de pertencimento, violência, perda dos direitos fundamentais, alto índice de reprovação escolar, falta de perspectivas profissionais e de projetos para o futuro, além da inserção precoce ao mundo do trabalho.

Diante disso, compreender as vulnerabilidades do adolescente implica em conhecer as condições que podem deixá-los em situação de fragilidade e expô-los ao adoecimento, permitindo pensar a prevenção para além da responsabilização pessoal, apontando para dimensões sociais, como a questão da realidade socioeconômica e cultural que pode dificultar ou impedir o acesso à informação, políticas públicas de proteção, aos insumos e aos serviços de saúde públicos (SES, 2013).

### 3.3 O USO DE ÁLCOOL NA SAÚDE DO ADOLESCENTE

Estudos brasileiros realizados por Steinberg (2010) e Carlini *et al* (2010) têm identificado o álcool como a primeira droga e a mais utilizada entre os adolescentes, sendo considerada a substância que possui maior associação com as condutas de risco, por ser uma droga que diminui as atividades do Sistema Nervoso Central, provocando aumento da loquacidade, desinibição, diminuição da capacidade de planejar e de discernir os riscos.

Partindo deste preceito, Gasparini (2003) define droga como: substância, natural ou sintética que, uma vez introduzida no organismo vivo, pode modificar sua função, podendo ser classificada em drogas lícitas: substâncias comercializadas de forma legal, podendo ou não estar submetidas a algum tipo de limitação de sua comercialização, e as drogas ilícitas: aquelas cuja produção, comercialização e consumo são considerados crime, sendo proibidos por leis específicas (GASPARINI, 2003).

Álcool é um termo genérico para designar uma família de substâncias químicas orgânicas de propriedade comuns, no entanto há uma grande variedade de bebidas alcoólicas, obtidas pela fermentação ou destilação do mosto fermentado, formando diferentes tipos de bebidas com diferentes porcentagens alcoólicas (CISA, 2004).

Para classificação do padrão de consumo dos valores de referência propostos pelo *National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism* (NIAAA, 1995): consumo leve/moderado (entre 1 a 7 doses/semana para mulheres e 1 a 14 doses/semana para homens) e o consumo de risco (mais de 7 doses/semana para mulheres e mais de 14 doses/semana para homens).

Os conceitos dos termos uso/abuso, o qual se entende pela classificação Internacional de Doenças (CID-10) define "uso" como qualquer consumo, independente da frequência; "abuso", um consumo associado à consequências adversas recorrentes (OMS, 2014).

O estímulo para beber pode vir em forma de influência familiar ou de aquisições de valores de um grupo de referência (PAEZ; POSADAS, 2015).

O uso de drogas lícitas e ilícitas por adolescentes é um problema de saúde pública mundial, que está relacionado a manifestações psicossociais e efeitos no indivíduo físico, mental e social, pois adolescentes iniciam o uso de bebidas cada vez mais cedo e de forma exagerada, apresentando condutas que os colocam em risco levando à morbidade e mortalidade (KANN *et al.*, 2015; SOUZA *et al.*, 2018).

Para Coutinho *et al.*(2013) e OMS (2014) as condutas de risco mais comuns entre os adolescentes são consumo de drogas legais e ilegais, envolvimento em situações de violência, alimentação inadequada, níveis insuficientes de atividade física e condutas sexuais desprotegidas, riscos sociais e da elevada morbidade, associado a fatores de estresse psicossocial como tristeza, solidão, insônia e pensamento de suicídio, elevando o número de mortes especialmente as decorrentes de acidentes de trânsito e agressões.

Segundo Paiva *et al.* (2015), o início precoce do consumo de álcool estimula atitudes de risco à saúde, tais como: implicações no desenvolvimento psicossomático; pobre desempenho escolar; precocidade na iniciação sexual, por conseguinte Figueiró (2009) comenta que a sexualidade inclui sexo, afetividade, carinho, prazer, amor ou sentimento mútuo de bem querer, comunicação, toques e intimidade; no entanto, o álcool geralmente é usado por adolescentes apenas para facilitar o ato sexual, tornando as relações afetivas superficiais e prejudicando o desenvolvimento da sexualidade.

O uso descontrolado e em excesso de álcool na adolescência tornou-se um problema de saúde pública, ocasionando prejuízos à vida desses sujeitos, como maior probabilidade ao alcoolismo na vida adulta, disposição a vários tipos de comportamento de risco (exposição ao sexo sem preservativo, contaminação por Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), pela falta do uso de preservativo, gravidez indesejada, situação de rua, violência, suicídio e acidentes de trânsito (OLIVEIRA, 2015; ARAUJO, *et al.*, 2016; REIS; MOLA, *et al.*, 2016; MOURA;

MONTEIRO; FREITAS, 2016; FAIAL, *et al.*, 2016; RAIZEL *et al.*, 2016; CARVALHO, *et al.*, 2017).

A concepção ampliada da violência gera danos físicos, psíquicos, sociais, culturais, cognitivos e até letais, tanto no tempo presente, quanto ao longo da vida, sendo danos caracterizados por ações dirigidas a si próprias, à outra pessoa ou contra um grupo ou uma comunidade, por meio de práticas reais ou ameaças (WHO, 2015).

Outro fator de relevância é que o uso de álcool e outras drogas inibem a neurogênese, prejudicando o desenvolvimento cerebral e piorando a performance neurocognitiva, interferindo negativamente nas atividades básicas do cotidiano desempenhadas pelos adolescentes como: alimentação, sono, higiene, estudo, perda de vida escolar regular, relações pessoais, lazer, práticas esportivas (BAVA; TAPERT 2010; OLIVEIRA, *et al.*, 2015; MOURA; MONTEIRO; FREITAS, 2016; SANTOS, *et al.*, 2016).

Conforme estudo realizado por Rosa; Loureiro; Sequeira (2016), o abuso do álcool contribui com que os adolescentes tenham dificuldade de se controlar, falta de responsabilidade, com grande probabilidade para o vício, sendo um grave problema para a saúde pública. Como observado, indivíduos que fazem uso de álcool apresentam inconstância de humor desde alegria à tristeza, fazendo com que estas adotem comportamentos intolerantes diante de determinadas situações, apresentando atitudes agressivas e muitas vezes violentas (SANTOS *et al.*, 2016).

Cabe salientar que o uso demasiado de álcool em adolescentes pode levar à perda da memória momentânea, podendo influenciar no comportamento do indivíduo, apresentando inconstância de humor como tristeza, alegria, agressiva (RAIZEL *et al.*, 2016; SANTOS *et al.*, 2016). Tais impulsos, quando não regulados devido a uma baixa capacidade de autocontrole, podem dar origem a comportamentos de risco psicossocial, sobretudo com manifestações de violência (ALMEIDA *et al.*, 2014; REIS; OLIVEIRA, 2015; CARVALHO *et al.*, 2017).

Destaca-se também que o consumo de álcool está associado a indicadores de estresse psicossocial como tristeza, solidão, insônia e pensamento de suicídio, podendo levar a problemas de saúde, acarretando consequência a nível fisiológico, nomeadamente ao nível do sistema metabólico e endócrino, gastrointestinal, nervoso e cardiovascular (MOURA; MONTEIRO; FREITAS, 2016; FERREIRA *et al.*, 2017; RAIZEL *et al.*, 2016).



No entanto, observa-se que o envolvimento do adolescente em atividades culturais, sociais, esportivas, religiosas são fatores de proteção, sendo necessárias parcerias entre família, escola e sociedade, porém sabe-se que não é bem simples assim, a maioria desses adolescentes não tem um espaço de lazer em seus lugares de moradia devido à ausência do poder público.

### 3.4 ADOLESCENTES E O ESPAÇO ESCOLAR

Para Silva (2016), a escola deve ter estrutura, organização, possuir equipamentos e infraestrutura para a aprendizagem, sendo necessário que seus gestores e envolvidos tenham a consciência da importância desse espaço para a realização do processo democrático educacional.

Freire (1997) expressa que a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem, um lugar em que a convivência permita estar continuamente se superando, porque a escola é o espaço privilegiado para pensar.

Sabe-se que a escola é um ambiente privilegiado de encontros e interações entre os adolescentes, um importante agente de sociabilidade do adolescente por juntar, em seu interior, a comunidade de pares e por ter fortes instrumentos de promoção da autoestima e do autodesenvolvimento em mãos (SCHENKER; MINAYO, 2004).

Pode-se dizer que é, sobretudo, na escola que a criança e o adolescente encontram condições de enriquecimento no campo das relações interpessoais, de desenvolvimento do senso crítico, social, do sentimento de solidariedade e de participação, de exercício da criatividade, de manifestação franca e livre do pensamento, de desenvolvimento, em necessário preparo ao pleno exercício da cidadania (SOTTO MAIOR NETO, 2004).

Para tanto, é necessário entender que o adolescente é um viajante que deixou um lugar e ainda não chegou ao seguinte, vivendo um período entre liberdades anteriores e responsabilidades, vivendo uma última hesitação antes dos sérios compromissos da fase adulta (LOSACCO, 2005).

Segundo Priotto (2009), a escola nem sempre está preparada para reconhecer e, conseqüentemente, não está também preparada para trabalhar os problemas que o adolescente traz consigo. A autora completa citando que a escola tem por finalidade ensinar e socializar a cultura e orientar os educandos para

compreenderem a realidade da qual fazem parte, tornando-se capazes de conviver em uma sociedade em constante processo de transformação cultural, política, econômica, científica e atualmente educacional.

No que pertence à Educação, nas últimas décadas, no Brasil, estudiosos de diversos segmentos têm colaborado com argumentos acerca do processo educativo com alunos adolescentes, nos aspectos relacionados à falta de limites, baixo rendimento acadêmico, violência, desrespeito às autoridades, responsabilização penal e outras (NOSELLA, 1989; GUIMARÃES, 1996; COHEN, 2006; CHECCHIA, 2010; AGUIAR; ALMEIDA, 2011; PEREIRA, 2012).

Quando se fala em Educação, entende-se por algo capaz de nortear o conhecimento e a capacidade de um cidadão em se relacionar individualmente ou em conjunto com a comunidade onde ele vive, pois conforme a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996), educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (CARVALHO, 1998).

O direito de acesso à escola formal é garantido constitucionalmente e demonstra ser essa a instituição de maior expressão da educação na sociedade, uma vez que se configura um espaço onde o aluno pode interagir; dessa forma, é função da escola garantir o acesso ao conhecimento científico e erudito a todos os alunos, uma vez que o domínio desse conhecimento é condição de cidadania para essa parcela da população (SAVIANI, 2000).

A visão que se tem sobre a Escola é de que seja capaz de formar cidadãos indagadores e atuantes na sociedade. Para alcançar esse objetivo, é imprescindível que a Instituição trabalhe assuntos emergentes no âmbito social, bem como utilize estratégias didáticas que vislumbrem o aprendizado significativo (VIEIRA; FARIAS 2007).

O processo de ensino e aprendizagem tem seu início na sala de aula, desenvolvido num diálogo contínuo entre os envolvidos no processo, como esclarece Paulo Freire (1996, p. 80), ao enfatizar:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e esperança (...) a esperança de que o professor e os alunos juntos podem aprender ensinar, inquietar-nos, produzir junto igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria.

Nesse sentido Priotto (2009) dialoga, citando que a escola deve ser reconhecida pelos adolescentes como um espaço para além de aprender conceitos, fatos, princípios, procedimentos que contribuem para a construção das capacidades intelectuais para operar com símbolos, signos, ideias e imagem na representação e vivência da realidade, e também falar sobre os seus questionamentos e conviver com a diferença.

Cabe aqui explicar as divisões existentes entre Ensino Fundamental inicial e final; Ensino Médio regular e Ensino de Jovens e Adultos (EJA), de acordo com o Regimento Escolar e o Projeto Político Pedagógico (PPP), pois o público entrevistado tem adolescentes estudantes nestes.

Contudo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), em seu artigo 12, inciso I, prevê que – “os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e a do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: elaborar e executar sua proposta pedagógica”, deixando claro, a ideia de que o Projeto Pedagógico é a ligação entre escola e sociedade, propondo a desconstrução de concepções preestabelecidas, e construindo novos conhecimentos e são por meio do Regimento Escolar que são estruturadas, definidas e normatizadas as ações do coletivo escolar.

### 3.5 ENSINO FUNDAMENTAL, ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Os estabelecimentos de ensino ofertam a Educação Básica com base nos seguintes princípios das Constituições Federal e Estadual: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Plano Nacional de Educação e Plano Nacional de Direitos Humanos e Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, que orientam a escola para se um espaço:

- Igualdade de condições para acesso, permanência, inclusão e sucesso do aluno na escola, vedada qualquer forma de discriminação e segregação;
- Gratuidade de ensino, com isenção de taxas e contribuições de qualquer natureza vinculadas à matrícula;
- Garantia de uma Educação Básica igualitária e de qualidade (BRASIL, 2013).

### 3.5.1 Ensino Fundamental Inicial e Final

O Ensino Fundamental, com nove anos de duração, de matrícula obrigatória para as crianças a partir dos 06 anos de idade, tem duas fases com características próprias, chamadas de anos iniciais, com cinco anos de duração, em regra para estudantes de 06 a 10 anos de idade; e anos finais, com quatro anos de duração, para os de 11 a 14 anos (BRASIL, 2013). A Lei. Estadual/PR nº 16.049, de 19 de fevereiro de 2009, tem por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

- O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social;
- Garantir a igualdade de condições a todos, devolver o sentimento de respeito a diversidade e de repúdio a todas as formas de discriminação;
- A valorização da cultura local/regional e suas múltiplas relações com os contextos nacional/global;
- O respeito à diversidade étnica, de gênero e de orientação sexual, de credo, de ideologia (BRASIL, 2013).

### 3.5.2 Ensino Médio

O Ensino Médio tem a duração de três anos, sendo que o aluno iniciaria aos dezesseis anos com término aos dezoito anos de idade. É a etapa final da Educação Básica, tem duração mínima de três anos e atende à formação geral do educando, podendo incluir programas de preparação geral para o trabalho e, facultativamente, a habilitação profissional.

Tem como finalidade:

- A consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- A formação que possibilite ao aluno, no final do curso, compreender o mundo em que vive em sua complexidade, para que possa nele atuar com vistas à sua transformação;
- O aprimoramento do aluno como cidadão consciente, com formação ética, autonomia intelectual e pensamento crítico;
- A compreensão do conhecimento historicamente construído, nas suas dimensões filosófica, artística e científica, em sua interdependência nas diferentes disciplinas (BRASIL, 2013).

### 3.5.3 Ensino da EJA

A Educação de Jovens e Adultos destina-se aos jovens e adultos que não puderam efetuar os estudos na idade própria, oferecendo oportunidades educacionais adequadas às suas características, interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames no nível de conclusão do Ensino Fundamental, para maiores de 15 anos e, do Ensino Médio, para maiores de 18 anos.

A ofertada da EJA baseia-se nos seguintes objetivos:

- Assegurar o direito à escolarização àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria;
- Garantir a igualdade de condições para o acesso e a permanência na instituição de ensino, vedada qualquer forma de violência, discriminação e segregação;
- Garantir a gratuidade de ensino, com isenção de taxas e contribuições de qualquer natureza vinculadas à matrícula;
- Oferecer Educação Básica igualitária e de qualidade, numa perspectiva processual, formativa e emancipadora;
- Assegurar oportunidades educacionais, considerando as características dos estudantes, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudo sem caráter regular;
- Respeitar o ritmo próprio de cada estudante no processo de ensino-aprendizagem, fornecendo subsídios para que se afirmem como sujeitos ativos, críticos, criativos e democráticos;
- Organizar o tempo escolar a partir do tempo disponível dos estudantes trabalhadores;
- Assegurar a prática de gestão democrática, consoante ao compromisso com a formação humana e como acesso à cultura geral, de modo que os educandos aprimorem sua consciência crítica, e adotem atitudes éticas e compromisso político, para o desenvolvimento da sua autonomia intelectual (BRASIL, 2013).

Contudo, a escola é um lugar de resguardo e permanência de estudantes sujeitos ao conteúdo ministrado por pessoas aptas a lecionar disciplinas avaliadas básicas, em um determinado período de tempo, no decorrer da infância até o fim da adolescência (RODRIGUES; CHECHIA, 2017). No entanto, é de suma importância descrever os termos: fracasso escolar, abandono escolar, evasão escolar e seus fatores determinantes.

### 3.6 FRACASSO, ABANDONO E EVASÃO ESCOLAR: FATORES RELACIONADOS

As próprias indefinições do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (1998), e do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) (2012), trazem à tona a falta de conceito claro para fracasso, abandono e evasão escolar, sendo necessário compreender suas dimensionalidades dentro da Classificação Internacional Padrão de Educação e da educação brasileira (SILVA; LIMA, 2017).

Vale destacar que, embora o abandono tenha ligação com a evasão escolar, eles são conceitos diferentes e não possuem um fator único, sendo importante encontrar alternativas para enfrentar a evasão/fracasso escolar. Isso requer a análise e compreensão de fatores históricos, políticos, cognitivos, sociais, afetivos e culturais (ALMEIDA; OLIVEIRA, 2016).

### 3.6.1 Fracasso escolar

O termo fracasso escolar é utilizado como representante das situações de baixo desempenho escolar, dificuldades de aprendizagem e/ou comportamentais, reprovações, defasagem ano/série/idade e evasão escolar (POZZOBON; MAHENDRA; MADRIN, 2017).

Dentro do campo da Sociologia da Educação, Bourdieu e Champagne (1998) relacionam fracasso escolar voltado à origem social do aluno, que afeta o comportamento do indivíduo de dentro para fora e não o inverso, a estrutura social de onde o indivíduo vem, conduz suas ações individuais, não de forma mecânica e nem rígida, mas princípios de orientação que seriam adaptadas pelo sujeito nas variadas circunstâncias de ação.

Para Patto (1999), o fracasso escolar estava absolutamente ligado ao modo capitalista de compreender a realidade, preservando a situação de dominação sofrida pelas famílias mais pobres, a autora sugere a necessidade de interrogar o discurso de que o fracasso é culpa do aluno ou de sua família, e chama a atenção para a proporção muito maior dos determinantes institucionais e sociais na produção do fracasso escolar do que problemas emocionais, orgânicos e neurológicos, rompendo com as visões psicologizantes, da carência cultural e das dificuldades de aprendizagem.

Para Scoz (1994), a culpa ainda é atribuída a problemas individuais dos alunos, na qual predomina o padrão conservador, que se utiliza de estratégias de culpar a vítima pelo próprio fracasso.

Segundo Charlot (2000), não existe o fracasso escolar, mas sim alunos em situações de fracasso, alunos que não conseguem aprender o que se quer que eles aprendam que não constroem certos conhecimentos ou competências, que naufragam e reagem com condutas de retração, desordem e agressão; enfim, histórias escolares não bem sucedidas, e são essas situações e essas histórias denominadas pelos educadores e pela mídia de fracasso escolar é que devem ser estudadas, analisadas, e não algum objeto misterioso, ou algum vírus resistente, chamado “fracasso escolar”.

Segundo Paiva (1998, p. 52), a condição socioeconômica do Estado e dos indivíduos envolvidos no processo de aprendizagem influencia na qualidade do ensino, que por sua vez acaba por refletir também na questão de aprovação, reprovação e repetência.

Os problemas sociais são comuns de nosso conhecimento, tais eles como ausência de recursos a ser investida na educação, a marginalização das cidades, causando situações precárias que refletem negativamente no ensino brasileiro (PINHEIRO, 2018).

Em estudo realizado por Pozzobon, Mahendra e Marin (2017), referiram a tendência ao uso de drogas por parte daqueles que acabam se enquadrando no perfil de fracasso escolar; relataram, ainda, que observaram comportamentos disfuncionais de colegas, demonstrando que conheciam os riscos de marginalização e criminalidade e o risco de gravidez não planejada na adolescência.

Percebe-se que o Fracasso Escolar persiste ao longo da história e parece estar imune às ações já desenvolvidas na tentativa de redução (PATTO, 1999).

No limiar do século XXI, o fracasso escolar é compreendido como um elemento que expressa a complexidade da sociedade atual, produzido por múltiplas determinações; no entanto, os termos fracasso e evasão escolar foram substituídos pelos termos: dificuldades de aprendizagem; sucesso/insucesso e permanência nos debates e pesquisas educacionais (SANTOS, 2018).

### 3.6.2 Abandono escolar

O Instituto de Estatística da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura define o abandono como a “proporção de alunos de uma coorte matriculada em uma determinada série em um determinado ano escolar que não está mais matriculado no ano escolar seguinte” (UNESCO, 2009, p.44).

Segundo Ananga (2011), abandono escolar está classificado em duas categorias, tais como: a) abandono temporário: caracterizado pelo abandono escolar intermitente por alguns meses e, depois, pelo retorno à escola; b) permanente: os alunos classificados como desistentes de eventos tiveram eventos familiares, escolares ou de vida (por exemplo, gravidez), que os levaram a desistir por longos períodos de tempo.

O INEP (1998) refere que o abandono é uma condição do aluno que deixa de frequentar a escola durante o andamento do ano letivo; nesta mesma concepção, Saraiva (2019) complementa que abandono é a condição de infrequência escolar, que ocorre durante o andamento do ano letivo, porém no outro ano escolar o (a) estudante retorna à escola. Pelos critérios do INEP, caracteriza-se quando o aluno deixa de frequentar as aulas e compromete o ano.

O abandono escolar está relacionado a fatores intrínsecos e extrínsecos à escola, como drogas, sucessivas reprovações, prostituição, falta de incentivo da família e da escola, necessidade de trabalhar, excesso de conteúdo escolar, alcoolismo, vandalismo, falta de formação de valores e preparo para o mundo do trabalho influenciam diretamente nas atitudes dos alunos que se afastam da escola (SILVA; LIMA, 2017).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) ressalta o risco de abandono escolar e maior probabilidade de desenvolver problemas de saúde mental com a utilização de álcool por indivíduos menores de 14 anos, ocasionando inúmeras consequências negativas em curto e longo prazo (WHO, 2011).

Entretanto, quando se fala em danos relacionados ao uso de bebida alcoólica, a escola pode contribuir para a prevenção, pois, para Freire (1991; 2006), a escola se apresenta como local privilegiado à libertação, pois é pela possibilidade de debater, discutir, dialogar que se alcançará a compreensão sobre a realidade circundante e, assim ser possível escrever a história das mudanças e das transformações. Ele propõe olhar a escola como espaço de ensino e aprendizagem,



onde debates de ideias, soluções, reflexões, possam surgir da organização do povo, para o povo e com o povo, como resultado da reflexão conjunta do fazer pela experiência própria.

Partindo desse pressuposto, a escola tem grande impacto social, podendo auxiliar em ações de promoção e prevenção.

### 3.6.3 Evasão escolar

A Evasão Escolar é um problema em todo território brasileiro, encontrando-se um grande índice de desistência em meio a alunos de Ensino Fundamental e Médio. Está faltando algo que motive, impulse e possibilite o aluno a estudar em detrimento de suas obrigações (ESPÍNOLA, 2010).

Como destaca Carmo (2010), a evasão transborda o campo da educação. Suas causas são aspectos individuais de dificuldades de aprendizagem, dificuldades didáticas do professor, conflito estudo/trabalho, caráter político, social e econômico.

Conforme Dore e Lüscher (2011), a evasão está associada à retenção e repetência, à saída do aluno da instituição, à saída do aluno do sistema de ensino, à não conclusão de um determinado nível de ensino, ao abandono da escola e posterior retorno, considerando-se também aqueles indivíduos que nunca ingressaram em um determinado nível de ensino, especialmente na educação compulsória.

Evasão Escolar, para Espinola (2010), é interpretada como o ato do indivíduo deixar o convívio escolar por algum tempo, ou definitivamente, desconsiderando, nesse sentido, o grau que o evadido tenha frequentado. Observa-se, ainda, que essa evasão ocorre quando o aluno deixa de frequentar as aulas, fato que também se caracteriza como abandono da escola, pois ocorre durante o ano letivo.

De acordo com Patto (1997), a reprovação e a evasão escolar são:

um fracasso produzido no dia-a-dia da vida na escola e na produção deste fracasso está envolvido aspectos estruturais e funcionais do sistema educacional, concepções de ensino e de trabalho e preconceitos e estereótipos sobre a sua clientela mais pobre. Estes preconceitos, no entanto, longe de serem umas características apenas dos educadores que se encontram nas escolas, estão disseminados na literatura educacional há muitas décadas, enquanto discurso ideológico, ao se pretender neutro e

objetivo, participa de forma decisiva na produção das dificuldades de escolarização das crianças das classes populares (PATTO, 1997, p.59).

Todavia, Gatti (2009) acrescenta que o insucesso escolar é um problema em destaque no país, uma meta que não foi alcançada de modo suficiente, pois os números mostram que a repetência e evasão na educação básica ainda são significativas. São vários os fatores relacionados à evasão escolar como aluno desinteressado, indisciplinado, com problemas de saúde, gravidez precoce, usuários de drogas lícitas e ilícitas, com problemas familiares e sociais.

Para Gadotti (2000), um dos papéis dos professores é estimulá-lo, a fim de que ele possa participar de todas as atividades propostas, tornando-se participativo em suas ações.

Freire (2007) afirma que o educando espera que um educador seja capaz de orientar as atividades, tomar decisões, estabelecer tarefas, cobrar as produções individuais e coletivas do grupo, o que manifesta o reflexo da autoridade competente e o exercício da liberdade.

Aquino (1997) afirma que cabe à escola transformar parte do fracasso, da exclusão, da pobreza, da desigualdade social em credibilidade e competência. Para esses educandos, a escola precisa provar que todos têm potencial, que são capazes de vencer os obstáculos que a sociedade impõe.

Como já apontado por Freire (1987), uma educação que possibilite o desenvolvimento de um processo para a autonomia que, embora mediada e construída na relação com outros sujeitos é sempre resultado de uma construção singular. Dessa forma, os sujeitos aprendem a compartilhar os saberes do mundo e a conviver com os outros, cuidando de si mesmo e de suas emoções.

Dessa forma, a escola, após identificar os fatos que corroboram a evasão escolar, precisa agir com precisão e refletir sobre os diferentes aspectos que permeiam, no decorrer de suas atividades político-pedagógicas, a tentativa de oferecer uma educação que venha atender às necessidades do indivíduo e da sociedade e, principalmente, superar o processo de evasão escolar que exclui principalmente as crianças e adolescentes desfavorecidas socialmente.

### 3.7 PROGRAMA DE COMBATE AO ABANDONO ESCOLAR NO PARANÁ

O Programa de Combate ao Abandono Escolar no Estado do Paraná é uma iniciativa da Associação de Pais, Mestres e Funcionários (APMF), Conselho Escolar, Conselho de Classe, Grêmio Estudantil e da Rede de Proteção Social da Criança e do Adolescente existente no município (PARANÁ, 2018), e conta com o envolvimento de estudantes, funcionários, professores, equipes pedagógicas e diretivas e também todas as instâncias colegiadas da comunidade escolar:

De acordo com o art. 205, da Constituição Federal (CF) de 1988, o “dever de educar” é uma tarefa que deve ser compartilhada entre escola, Poder Público em geral, família e sociedade:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

A Rede de Proteção Social da Criança e do Adolescente, preconizada através das disposições legais, Art. 227, da CF de 1988, Art. 86 da Lei nº. 8069/90, Resolução nº. 113 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) pressupõe a ação integrada, intersetorial e articulada de várias instituições da área social para prevenir e intervir diante das várias situações de violação dos direitos de crianças e adolescentes, dentre os quais se inclui o abandono escolar.

O abandono escolar constitui-se como uma grave forma de violência contra a criança e o adolescente, sendo fundamental que a comunidade escolar e a Rede de Proteção Social da Criança e do Adolescente articulem-se para evitar sua ocorrência e/ou para promover a reintegração escolar dos estudantes infrequentes, conforme CF, LDB, ECA e outras leis vigentes.

Dessa maneira, cada escola conta com aliados da Rede de Proteção Social da Criança e do Adolescente para buscar o estudante, que está em situação de abandono escolar. Também fazem parte da Rede de Proteção às áreas da saúde, da assistência social e da segurança pública que, por meio de seus atores, articulam ações no sentido de combater a violência contra a criança e o adolescente, bem como garantir os seus direitos (PARANÁ, 2018). A partir desse pressuposto, as

reflexões mostram como a escola e a sociedade pode contribuir para a diminuição do abandono e evasão escolar, que não basta serem apontados os fatores para a evasão e o abandono escolar, sendo preciso intervir sobre os fatores e incentivar a participação dos adolescentes na sociedade.

Na sequência, o delineamento, com detalhes, de como se desenvolveu a pesquisa.



Figura 3: Banca de Qualificação

## 4 DELINEAMENTO DO ESTUDO

### 4.1. TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, entendida como aquela que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social e é tratada por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais procurando insistentemente compreender e interpretar, da forma mais fiel possível, a lógica interna dos sujeitos que estuda, e dar conhecimento de sua verdade (MINAYO, 2007).

De natureza básica, que visa produzir conhecimento por meio de conceitos, tipologias, verificação de hipóteses e elaboração de teorias que possuam relevância na disciplina acadêmica, ancoradas de determinadas escolas de pensamento, sem dispensar a pesquisa empírica; a observação de uma situação é utilizada como meio de comprovar proposições ou hipóteses, sem preocupação de resolução de problemas; seus resultados são generalizáveis e expostos em livros e revistas e submetido à avaliação dos pares (THIOLLENT, 2009).

Com análise descritiva, que busca identificar o registro e a análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou o processo estudado (PEROVANO, 2014). E, finalmente, é uma pesquisa de cunho exploratório, por proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses que estimulem a compreensão (GIL, 2007).

Morgan (1997) define Grupo Focal (GF) como uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais, que coleta informações por meio das interações grupais e, de acordo com os objetivos da investigação, cabe a criação de um ambiente favorável à discussão, que propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista (MINAYO, 2007).

Na análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo que Minayo (2003, p. 74) propõe, visando verificar hipóteses e/ou descobrir o que está por trás de cada conteúdo manifesto (...). O que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto (seja ele explícito e/ou latente).

## 4.2 CENÁRIO DO ESTUDO

O cenário escolhido para a pesquisa foi o município de Foz do Iguaçu-PR, com uma população de 256.081 habitantes sendo 19,2% na faixa etária de 10 a 19 anos de idade, o que equivale aproximadamente a 49.167 adolescentes (IBGE, 2019).

Na cidade o Núcleo Regional de Educação, responsável por 28 Colégios Estaduais, quatro Escolas de Modalidades Especiais, dois colégios de EJA e um Centro de Educação Profissional-CEP (PARANÁ, 2018).

A seleção de dois colégios para o estudo foi por meio de sorteio aleatório, sendo o Colégio A e o Colégio B, conforme dados acessados no site do Núcleo de Educação (PARANÁ, 2018).

O primeiro foi aberto em 2001, situado na região de Três Lagoas com 16 turmas de ensino fundamental final e 10 turmas de ensino médio, totalizando 774 alunos, 65 professores. Segue a Tabela 1, com a distribuição de turmas no Colégio A.

Tabela 1: Distribuição das turmas de Ensino Fundamental Final e Ensino Médio do Colégio A.

<b>16 turmas de ensino fundamental final;</b>	<b>10 turmas de ensino médio.</b>
5 turmas de 6º ano- 5 (tarde). 5 turmas de 7º ano- 2 (manha), 3 (tarde). 3 turmas de 8º ano- 1 (manha), 2 (tarde). 3 turmas de 9º ano- 2 (manha), 1 (tarde).	3 turmas de 1º ano 2 (manha) 1 (noite). 4 turmas de 2º ano 2 (manha) 2 (noite). 2 turmas de 3º ano 1 (manha) 1 (noite).

Fonte: Turmas de Ensino Fundamental II e Médio (PARANÁ, 2019).

A seguir, a Tabela 2, que mostra a taxa de abandono escolar por série no Colégio A.

Tabela 2: Taxa de abandono escolar por série no Colégio A, dados no INEP (2019).

<b>Série/ ano</b>	<b>Taxa de abandono</b>
6º ano	1,32%
7º ano	5,17%
8º ano	15,73%
9º ano	6,25%
1ª série	20,59%
2ª série	40,00%
3ª série	13,58%

Fonte: Taxa de abandono por série (PARANÁ, 2019).

A seguir, a Tabela 3: Taxa de distorção de Idade/ série do Ensino Fundamental Ensino Médio do Colégio A.

Tabela 3: Taxa de distorção de Idade/Ano do Colégio A, dados no INEP (2019).

Ensino	Taxa de Distorção
6º Ano	26,32%
7º Ano	28,45%
8º Ano	53,93%
9º Ano	27,68%
1ª Série	41,91%
2ª Série	50,00%
3ª Série	38,46%

Fonte: Distorção de idade/ ano (2019) (PARANÁ, 2019).

O colégio B foi aberto em 1982. Está localizado na região de Três Lagoas, com 31 turmas de ensino fundamental final, 15 turmas de ensino médio regular, e nove turmas do EJA, totalizando com 1797 alunos, 65 professores. A seguir segue a Tabela 4 com a distribuição de turmas no Colégio B.

Tabela 4: Distribuição das turmas de Ensino Fundamental Final e Ensino Médio do Colégio B.

16 turmas de Ensino Fundamental Final	10 turmas de Ensino Médio
11 turmas de 6º ano- 11 (tarde).	6 turmas de 1º ano- 4 (manhã) 2 (noite).
11 turmas de 7º ano- 5 (manhã), 6 (tarde).	5 turmas de 2º ano- 3 (manhã) 2 (noite).
6 turmas de 8º ano- 4 (manhã), 2 (tarde).	4 turmas de 3º ano- 2 (manhã) 2 (noite).
3 turmas de 9º ano- 2 (manhã), 1 (tarde).	3 turmas de EJA.
6 turmas de EJA.	

Fonte: Turmas de Ensino Fundamental Final e Médio (2019) (PARANÁ, 2019).

A seguir, a Tabela 5, que mostra a taxa de abandono escolar por série no Colégio B.

Tabela 5: Taxa de abandono escolar por série no Colégio B, dados no INEP (2019).

Série/ ano	Taxa de abandono
6º ano	0,29%
7º ano	0,00%
8º ano	0,85%
9º ano	1,02%
1ª série	14,75%
2ª série	12,77%
3ª série	10,67%

Fonte: PARANÁ. Programa de Combate ao Abandono Escolar (2019).

A seguir, a Tabela 6: Taxa de distorção de Idade/ série do Ensino Fundamental Final e Ensino Médio do Colégio B.



Tabela 6: Taxa de distorção de Idade/Ano do Colégio B, dados no INEP (2019).

Ensino	Taxa de Distorção
<b>Ensino Fundamental Final</b>	
6° Ano	16,28%
7° Ano	21,61%
8° Ano	27,12%
9° Ano	13,78%
<b>Ensino Médio</b>	
1ª Série	28,57%
2ª Série	23,94%
3ª Série	26,67%

Fonte: Distorção de idade/ ano (2019).(PARANÁ, 2019).

#### 4.3 PARTICIPANTES

Esta pesquisa optou por utilizar, como critério cronológico, o estabelecido pela OMS: adolescência período que vai dos 10 aos 19 anos, 11 meses e 29 dias, tendo a classificação da adolescência em três fases, a adolescência anterior dos 10-14 anos, a adolescência média dos 14 aos 17 anos e a adolescência tardia dos 17-19 anos (OMS, 2002).

Logo após foi realizada a seleção aleatória dos alunos matriculados do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental Final e do Ensino Médio e alunos matriculados na EJA, no ano de 2019. A seleção aleatória ocorreu da seguinte forma, pegou-se a lista de chamadas de todas as turmas e com números de 1 a 40 sorteou um de cada turma. Foi agendado um encontro com os adolescentes para explicar sobre a pesquisa e seus objetivos. Aos adolescentes selecionados que concordaram, foram entregues o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento (TA) e, então, agendadas as datas para a realização do grupo focal.

No colégio A, foram sorteados 12 alunos do período matutino. Destes, permaneceram nove alunos nas três sessões e 12 alunos do período vespertino, dos quais permaneceram oito alunos.

No colégio B foram sorteados 12 alunos matriculados na EJA e Ensino Médio do período noturno; destes, permaneceram nas sessões seis adolescentes.

O período escolhido foi o noturno. Justifica-se pela Resolução MEC/CNE/CEB nº 3, de 15/6/10 em seu art. 5º, III, que prevê a condição da existência de oferta variada para o pleno atendimento aos adolescentes, jovens e

adultos situados na faixa de 15 anos ou mais, com defasagem idade-série, tanto no ensino regular quanto na EJA, tornando-se necessário incentivar a oferta de EJA no período diurno e noturno. No então nos colégios selecionados não tinha turmas da EJA no período diurno.

#### 4.3.1 Critérios de inclusão

Os sujeitos que participaram do estudo foram os alunos devidamente matriculados e frequentando os colégios selecionados no município de Foz do Iguaçu, no ano de 2019, na faixa etária de adolescentes, conforme a OMS, frequentando do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental Final, 1º ao 3º do Ensino Médio e da EJA.

#### 4.3.2 Critérios de exclusão

Sujeitos com idade superior a 20 (vinte) anos e alunos que deixaram de participar de uma das sessões.

### 4.4 INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, utilizou-se de entrevista com a técnica de Grupo Focal tendo - como roteiro previamente planejado - nove perguntas abertas mostradas a seguir:

No primeiro dia do grupo focal, foram apresentadas as seguintes questões:

- Quais os conhecimentos que vocês têm sobre o álcool?
- Como foi o primeiro acesso ao uso de bebida alcoólica?
- Você conhece alguém que abandonou ou evadiu-se da escola por utilizar o álcool?
- 

No segundo dia do Grupo Focal, as perguntas foram:

- Cite as causas que podem estar relacionadas ao uso do álcool aos que estão na escola estudando.
- Como você relaciona o uso de álcool ao aprendizado?
- Na tua opinião, o adolescente que faz uso/consumo de álcool pode abandonar ou evadir-se da escola?

E, para concluir, no terceiro dia (último dia) de cada GF, foram apresentadas:

- O que poderia ser feito (o que você propõe) para evitar o uso do álcool?
- Na tua opinião, qual o papel da escola para prevenir o uso de álcool pelos adolescentes?
- Qual tua sugestão para o aluno adolescente que usa ou consome álcool não abandonar ou evadir-se da escola?

#### 4.5 PROCEDIMENTOS

Optou-se, neste estudo, pela composição do Grupo Focal (GF) pelo critério dos sujeitos, os adolescentes, serem estudantes. Isso favoreceu para que os relatos de seus conhecimentos, crises, necessidades e valores, pudessem ser compreendidos a partir de suas semelhanças e homogeneidade que conforme Minayo (2007) se deve ter em conta que a formação do grupo permita um ambiente favorável à discussão e propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista.

A coleta de dados no Colégio A ocorreu no período de março a maio de 2019. No colégio B, para a EJA e Ensino Médio Regular noturno, no mês de agosto e setembro de 2019. O Núcleo de Educação e a direção de cada colégio estudado receberam uma cópia do projeto de pesquisa e uma carta com as explicações necessárias acerca da pesquisa.

No primeiro encontro dos colégios A e B, foi explicado sobre o estudo e seus objetivos e entregue o TCLE e TA para os adolescentes assinarem (o TA) e levarem (o TCLE) a seus responsáveis, para a autorização de participação do estudo.

Em um segundo momento, foi recolhido o TCLE e o TA e agendado o primeiro Grupo Focal. O GF difere da entrevista individual por basear-se na interação entre as pessoas para obter os dados necessários à pesquisa (MINAYO, 2007).

A maneira de realizar a coleta de dados em pesquisas, grupos de discussão tem como objetivo focalizar a pesquisa e formular questões mais precisas; complementar informação sobre conhecimentos peculiares a um grupo em relação a crenças, atitudes e percepções e desenvolver hipóteses de pesquisa para estudos complementares (MINAYO, 2007).

Terceiro momento: iniciado o Grupo Focal, para a participação dos adolescentes que retornaram com os termos autorizados.

Para que se possa compreender melhor, a técnica de GF, descrita por Minayo (2007), é um instrumento privilegiado de investigação empírica, caracterizado por um tipo de entrevista, ou conversas em grupos pequenos e homogêneos, usados para focalizar a pesquisa e formular questões mais precisas; complementar informação sobre conhecimentos peculiares de um grupo, em relação a atitudes e percepções, ou predominantemente como técnica exclusiva para aprofundamento das entrevistas, pois permite a repetição das questões do roteiro que merecem um detalhamento sucessivo em uma ou várias sessões.

Os participantes de todos os GF foram informados, no início do grupo, pelo pesquisador, da finalidade e do formato da discussão, do caráter informal do grupo e da necessidade da participação de todos. Para melhor esclarecer, serão detalhados todos os GF, mas para isso será classificado: Grupo Focal manhã (GFm); Grupo Focal Vespertino (GFv) e Grupo Focal noturno (GFn). Essa classificação se deu pela necessidade de algumas especificidades de cada GF.

O número de participantes na composição do GF foi composto por GFm nove adolescentes; GFv com oito adolescentes e GFn com seis adolescentes, que seguiu a orientação da literatura, ou seja, de ser o GF formado de seis a quinze pessoas, conforme foi anteriormente referido.

Ao todo foram formados três GF com três sessões cada. Segue a Tabela 7, que mostra o número de adolescentes em todos os GF nos períodos matutino, vespertino e noturno, totalizando 23 adolescentes no estudo.

Tabela 7: Participantes do estudo por período nos Colégios A e B no ano de 2019 e idade.

Período	Nº de alunos	Serie/quantidade de alunos	Qt/idade
Matutino	09	7°(01);8°(01);9°(01);1°(05),3°(01)	1(12)1(13)2(14)2(15)2(16) 1(17)
Vespertino	08	6°(02);7°(01);8°(04);9°(01)	1(11)6(13)1(14)
Noturno	06	1°(01)2°(01) EJA (04)	2(16) 4(17)

Fonte: Adolescentes selecionados (2019) (PARANÁ, 2019).

Procurou-se manter a atenção máxima nos depoimentos dos adolescentes, que expressaram que o uso de bebida alcoólica interferia na aprendizagem, como também um fator relacionado a problemas sociais, violência, abandono e evasão escolar. A moderadora deixou os adolescentes, sujeitos da pesquisa, de modo confortável, encorajando-as para que expressassem livremente suas concepções sobre o uso da bebida alcoólica e sua interferência com a aprendizagem. A moderadora procurou discorrer pouco e escutar mais, e em alguns períodos fez intervenções, quando necessário, para manter o debate focado e em harmonia com a temática em discussão.

Cada sessão teve a duração de 30 minutos, até uma hora, para discussão acerca do uso de bebida alcoólica, abandono e evasão escolar, com horários pré-definidos pela coordenação pedagógica, com os alunos e com a pesquisadora, sem alterar a rotina das aulas e das atividades escolares.

A seção de discussão foi dirigida pelo pesquisador com a função de moderador e registro e relato.

A seção foi realizada em ambiente de harmonia apropriado às finalidades propostas. Procurou-se contribuir para que as naturais divergências de opiniões não interferissem no desenvolvimento da sessão. Todas as falas foram gravadas em áudio, com a permissão dos participantes, e depois foram transcritas e analisadas. A fim de preservar a identidade dos adolescentes, foi acordado o uso nomes fictícios escolhidos por eles.

Porém, no momento da análise dos dados, foram reclassificados os adolescentes estudados, sendo diferenciado F para adolescentes do sexo feminino e M para adolescentes do sexo masculino. Para complementar, devido ao fato de serem vários adolescentes do sexo feminino e masculino foram numerados por ordem da pesquisa, sendo para as adolescentes do número1 ao 16 e os adolescentes de 1 a 7, ficando das seguintes classificação para as adolescentes

(F1;F2;F3;F4;F5;F6;F7;F8;F9;F10;F11;F12;F13;F14;F15 e F16) e para os adolescentes (M1;M2;M3;M4;M5;M6 e M7).

#### 4.6 ANÁLISE DOS DADOS

Para analisar, compreender e interpretar os dados das falas foi utilizado a Técnica de Análise de Conteúdo, uma técnica de pesquisa que tem determinadas características metodológicas: objetividade, sistematização e inferência (MINAYO, 2012). A análise de conteúdo se inicia pela leitura das falas, realizada por meio das transcrições de entrevistas, depoimentos e documentos.

Geralmente, todos os procedimentos levam a relacionar estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados e articular a superfície dos enunciados dos textos com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural e processos de produção de mensagem. Esse conjunto analítico visa a dar consistência interna às operações (MINAYO, 2007).

Há várias modalidades de análise de conteúdo, dentre as quais destacamos: análise lexical, análise de expressão, análise de relações, análise temática e análise de enunciação. No entanto, neste estudo foi utilizada a análise temática, porque é considerada apropriada para as investigações qualitativas.

Para Minayo (2007, p. 316), “a análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifique alguma coisa para o objetivo analítico visado”. Desta forma, ao analisarmos as falas transcritas, percorreremos os passos da modalidade temática:

Pré-análise: é a exploração do material e tratamento dos resultados representados, no caso, pela leitura e escolha dos materiais e documentos utilizados no método descrito pela autora. Para tanto, fez a transcrição das falas em papel A4, sobre forma de tabelas contendo a quantidade de adolescentes, destacando e descrevendo as principais falas (MINAYO, 2007).

Ordenação: com posse das transcrições, iniciou-se o momento da leitura apurada dos dados e, finalmente, sua sistematização com ótica ao alcance dos objetivos propostos para o estudo; assim, buscou-se compreender no interior das falas suas significações (MINAYO, 2007);

Agrupamento do conteúdo extraído, tomando-se por base as convergências apresentadas nas respostas dos sujeitos ao um contexto de similitude do objeto estudado (MINAYO, 2007).

Procurou-se, neste estudo, registrar aspectos como: opiniões, experiências, ideias, observações, preferências, necessidades apresentadas pelos participantes. Os dados obtidos foram anotados, registrando-se a fala de cada participante, procurando-se refletir sobre o conteúdo da discussão. Posteriormente à realização da seção de discussão, a pesquisadora iniciou a análise dos dados obtidos mediante leitura cuidadosa dos registros.

#### 4.7 ASPECTOS ÉTICOS

Antes de iniciar a coleta de dados, a pesquisa buscou a autorização da diretora do colégio, do referido município, para a realização da pesquisa. Ressalta-se que foi elaborado o TCLE para os responsáveis pelos alunos menores de 18 anos e o TA para os alunos menores de idade, sendo que os sujeitos assinaram duas vias antes da realização do grupo focal.

Os participantes foram informados, antecipadamente, de que podiam desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, pois a participação é de livre consentimento. Além disso, foram informados aos adolescentes e à direção/coordenação do colégio que dados individuais não seriam fornecidos, por se tratar de material sigiloso. Foi informado aos integrantes da pesquisa que, se acontecesse alguma manifestação de sofrimento por parte dos sujeitos pesquisados, a aplicação da pesquisa poderia ser suspensa e o método reelaborado.

Nesta pesquisa, todos os critérios de sigilo e recomendações no que tange à pesquisa envolvendo seres humanos instituídos pela Resolução 446/2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), foram adotados. Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Unioeste (CEP/UNIOESTE), no início do mês de julho de 2018, e foi aprovado pelo CEP em agosto de 2018, sob o CAAE 93757318.9.0000.0107. Parecer nº 2.809.116.



Figura 4: Etapas necessárias para apreciação dos resultados



## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a caracterização dos adolescentes estudados e, em seguida, sendo discorrido sobre as categorias (I ao X), com o intuito de responder ao objetivo da pesquisa, que consiste em conhecer a opinião de adolescentes escolares de Ensino Fundamental Final, Ensino Médio e EJA da cidade de Foz do Iguaçu – PR quanto à relação do uso/consumo do álcool na evasão e abandono escolar.

Para que se possa compreender melhor, em um estudo realizado por Priotto e Nihei (2016), foi analisado que conhecer o delineamento de uso de bebida alcoólica dos adolescentes é de grande relevância aos profissionais de saúde, da área social da segurança e do jurídico, pois possibilita definir ações de prevenção, conforme as necessidades desta população e, neste caso, o estudo destacou e incluiu a Educação para também pensar em ações de prevenção.

### 5.1 CATEGORIA I - CARACTERIZAÇÃO DOS ADOLESCENTES, O PRIMEIRO USO DE BEBIDA ALCOÓLICA (INFLUÊNCIA, FAIXA ETÁRIA, FAMILIAR E SOCIAL)

A primeira categoria descrita é sobre o primeiro contato pelo qual se caracterizaram os primeiros usos de bebida alcoólica, levando em consideração o período, o cenário em que aconteceu o uso, o tipo de bebida e a companhia com quem ocorreu o uso. Nesta categoria, foi considerado o primeiro uso de bebida alcoólica.

Nesta pesquisa, a idade dos participantes variou entre 11 e 17 anos, sendo a média de 13 anos, com sete (30,5%) adolescentes. As idades de 11, 12 anos tiveram um (4,3%) participante de cada idade; com 15 anos foram dois (8,7%); 14 anos foram três (13%); com 16 anos, quatro (17,4%) e com 17 cinco (21,8%) participantes, totalizando 23 participantes.

Com relação à idade em que ocorreu o primeiro contato com bebidas alcoólicas, esta variou entre nove e 14 anos. As idades de 10, 11, 12 e 14 anos foram representadas por dois adolescentes cada; a idade de nove anos com três adolescentes e cinco adolescentes tinham 13 anos de idade quando experimentou

bebida alcoólica, idade em que o uso de bebida alcoólica é entendido por lei como ilícito e proibido.

Em estudo realizado por Farias *et al* (2011) a curiosidade é uma característica marcante nessa faixa etária e, sendo uma característica inerente a esse ciclo da vida, torna-se motivo de risco para a adição.

Em relação à frequência de consumo de bebidas alcoólicas, quatro adolescentes relataram ter usado apenas uma vez, dez relataram usar, às vezes, e seis informaram fazer uso nos finais de semana; porém, na visão dos adolescentes, a quantidade ingerida é o que interfere nas alterações relacionadas ao álcool.

[...] eu bebo um pouquinho, comecei a beber com nove anos uma espuminha e com 10 eu aumentei um pouquinho e com 12 já tomo um copo (M3).

[...] muitas vezes dependendo do tanto que a pessoa bebeu ela não tem controle dela (F7).

Em um estudo realizado por Bispo (2011), a maior parte dos adolescentes experimentou drogas entre 13 e 15 anos de idade. Embora se reconheça a adolescência como a etapa mais crítica da elaboração da identidade, notou-se que a cada ano se reduz a idade para o início do uso de drogas, seja elas licitas ou ilícitas.

Quanto ao sexo, em sua maioria 16 (69,5%), são indivíduos do sexo feminino e sete (30,5%) do sexo masculino. Desses três (13%) afirmaram nunca ter ingerido bebida alcoólica e 20 (87%) informaram já ter ingerido.

Os motivos alegados para o não consumo resumiram-se à não autorização dos pais. No Brasil, a análise dessas variáveis pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada no ano de 2009, utilizando-se dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelou que 71,4% dos escolares já experimentou bebida alcoólica alguma vez (MALTA *et al.*,2014); isso indica que o índice de ingestão de bebida alcoólica nos adolescentes pesquisados está acima da pesquisa realizada em 2009.

Com referência à repetição ao uso de bebidas alcoólicas, os participantes do estudo afirmaram que sim, repetiram o uso de consumir álcool com 16 (93,3%) e 4(8,7%) disseram que não. Essas diferenças foram significativas, indicando que o começo do uso regular de álcool vem ocorrendo mais precocemente.

Assim, constatou-se que o período de experimentação das bebidas alcoólicas ocorreu dos nove aos 14 anos. Os participantes que mais precocemente

fizeram a experimentação de bebida alcoólica tinham nove anos, enquanto os que fizeram uma experimentação mais tardia já tinham 14 anos. Neste estudo, sete dos participantes realizaram a primeira experiência com a idade de 12 a 13 anos, idade média. Dessa forma, conforme a classificação de adolescência, comentada por Behrman, Kliegman e Jensen (2003), esses adolescentes estavam na fase inicial e média da adolescência.

[...] em minha casa. Com 13 anos (M2).  
 [...] com 12 anos foi em casa com Família (F3).  
 [...] eu tinha 12 anos quando comecei em casa (F9).  
 [...] foi em casa com 13 anos (F15).

Segundo Souza, Areco e Silveira (2005) e Priotto; Nihei (2016) o uso de bebida alcoólica tem um componente cultural, permitido em quase todas as sociedades do mundo, e as consequências do seu uso inadequado afetam a população de maior risco para o consumo, que são os adolescentes e adultos jovens; entretanto, não se pode negar o impacto que fatores econômicos e publicitários têm sobre o modelo de uso.

Para ilustrar a relevância que tal experimentação teve na trajetória dos adolescentes, é importante analisar o cenário e a companhia que ocorreu o uso. Neste estudo, a maioria dos participantes informou que o primeiro contato com as bebidas alcoólicas aconteceu na companhia dos pais, avós ou amigos. O primeiro contato, em vários participantes, ocorreu no recinto familiar com o apoio dos mesmos, sendo possível analisar nas falas a seguir:

[...] não lembro com quantos anos, acho que com uns 10 anos comecei a beber, mas foi em casa [...] na verdade minha mãe disse que criança tem que tomar com vontade engraçado que minha mamãe me incentivava a beber (M6).  
 [...] eu acho que a influência vem de casa realmente por que eu comecei a beber só porque vi meu pai bebendo e daí me deu vontade, desde pequeno eu queria saber o que é que ele bebia, eu tinha 11 anos [...] Eu também queria como saber como era o cigarro, mas assim vem realmente de casa ou amigos (F6).  
 [...] Comecei a beber aos 14 anos, em casa, com a família (F13).

De acordo com Gomes (2012), a família está inserida em um tempo e em um espaço, que atravessa a cultura, que inclui e exclui valores e fatos significativos de uma história presente, mas atravessada pelo passado, sendo necessário incluir a

dinâmica e a história de vida familiar na perspectiva do adolescente, que prematuramente inicia o consumo de bebidas alcoólicas.

A inserção cultural da bebida em eventos familiares facilita que o primeiro contato do adolescente com o álcool seja na casa dos pais ou de parentes e tal contato poderá influenciar o uso do álcool na adolescência; todavia, não é difícil que a primeira experiência com bebida alcoólica aconteça na companhia da família (SCHENKER; MINAYO, 2005). Isso foi observado nas falas dos mesmos que fizeram o uso em festa comemorativa da família.

[...] a primeira vez quando eu tinha 13 anos na ceia de Natal foi em casa (M1).

[...] em casa no Natal Champanha com 13 anos (F1).

[...] foi em casa, foi em casa com minha mãe com a amiga eu tinha nove anos, no natal, não foi muito, mas já foi um começo (F2).

[...] foi em casa também numa festa de aniversário com 14 anos (F5).

Estudos apontam que o começo do uso ocorre, na maioria das vezes, entre familiares e posteriormente com amigos. Certamente, as atitudes apresentadas pelos familiares podem refletir no comportamento das crianças que vivem nesse meio, visto que os familiares são os principais responsáveis pela formação do caráter moral dos seus descendentes e dos valores que este agrega no decorrer de sua relação com o exterior (DALLO; MARTINS, 2011; LOPES; REZENDE, 2014; PINHEIRO *et al.*, 2017). O exemplo está nas falas dos adolescentes:

[...] acho que o filho vai ver o pai e a mãe bebendo e vai querer fazer igual (M2).

[...] eles vão pensar que é o certo, pois seus pais estão fazendo isso [...] eles pegam isso para eles algo que eles levam, foi um arrumar encrencas na escola ou em outros lugares tipo pois vão achar que não vai dar nada, porque os pais dele fazem isso (F2).

[...] ah sei lá tipo exemplo vem tudo de casa (F3).

A família emerge como essencial nesse debate visto sua implicação nesses comportamentos apresentados pelos adolescentes (OLIVEIRA *et al.*, 2015). Na investigação de fatores que motivaram o uso de bebidas alcoólicas, foi a influência de outros familiares serem pais biológicos, que aparece como o motivo apontado por três dos adolescentes entrevistados.

[...] eu só consigo beber quando meu avô está comigo, comecei com 10 anos (M3).

[...] foi lá no barzinho, meu avô estava lá ele me deu um pouquinho aí eu bebi cerveja com 11 anos (M5).  
 [...] comecei na casa da minha avó com nove anos foi um pouco ruim porque fiquei com tontura e comecei passar mal (F8).

Em conformidade com Zaitter (1994), a turma de amigos é um conjunto de indivíduos com os mesmos interesses e anseios. Observa-se, na adolescência, uma proporção de valores que na busca da identidade recorre às situações que se apresentam mais favoráveis no momento, sendo que o mesmo acaba escolhendo fazer parte de um grupo em que a presença dos pais não se faz necessário. Logo, surge o espírito de grupo, onde o processo de identificação é tão marcante que o adolescente pertence mais ao grupo de adolescente do que o grupo familiar (ABERASTURY E KNOBEL, 2000). Foi possível identificar que a experimentação com amigos esteve presente entre os adolescentes estudados:

[...] a primeira vez que bebi foi na casa do meu amigo [...] (M7).  
 [...] comecei com minha amiga (F7).  
 [...] com meus amigos (F14).  
 [...] eu bebi com minhas amigas (F16).

Os amigos dos adolescentes são considerados como os principais motivadores para o início do consumo, pois essa ação pode ser vista como uma maneira de se inserir no mundo adulto, como uma prova de maturidade diante da sociedade e frente ao seu grupo de pares (SILVEIRA *et al.*, 2014); no entanto, neste estudo, o uso com amigos foram 4 (20%), inferior em relação da utilização em ambiente familiar com 16(80%).

Segundo Chiapetti (2001) e Kazdin (1993), o arranjo e a dinâmica familiar em desarmonia aumentam a fragilidade do adolescente, tornando-o mais suscetível a condutas de risco, sendo um deles o contato uso de drogas lícitas e ilícitas particularmente durante a pré-adolescência e adolescência como se pode observar na fala a seguir:

[...] minha mãe não gosta, mas meu pai bebe junto comigo (F6).  
 [...] é que eu não tenho entendimento com a minha mãe eu bebo para me divertir e esquecer isso, e chegar em casa e não brigar com ela (F13).

Dentre as bebidas consumidas no primeiro contato com o álcool, a cerveja apareceu como a primeira bebida consumida por 14 (60%) dos adolescentes

entrevistados, o que pode se comparar com o estudo de Priotto e Nihei (2016), em que o tipo de bebida alcoólica mais relatada no Brasil e do Paraguai foi cerveja/chope sendo 88,9% e 86,7, respectivamente. Em seguida, a vodka consumida por 4 (20%) deles, que difere com o estudo de Priotto e Nihei (2016), foi o quarto tipo de bebida alcoólica no Brasil com (50,6%). O vinho, que foi a primeira bebida alcoólica ingerida por 2 (10%) dos adolescentes que também difere do estudo de Priotto e Nihei (2016) como terceira (59,3%).

Contudo, as bebidas mais utilizadas respectivamente foram: cerveja, vodka e vinho.

- [...] eu bebi cerveja com 11 anos (M5).
- [...] eu achei que era suco, mas era vinho (M2).
- [...] Champanha com 13 anos (F1).
- [...] foi com nove anos que bebi, mas era só uma espuminha na minha casa (F4).
- [...] eu bebo algum copo sim, mas só no natal champanhe (M1).
- [...] Comecei a beber em casa com meu pai, mas não era vodka era cerveja
- [...] meu pai falou só para tomar um golinho eu tinha 13 anos (M4).
- [...] eu bebi cerveja (F5).
- [...] eu tomei vodka e energético (F2).
- [...] eu bebi vinho (M6).

A aceitação do uso de bebida alcoólica se dá por tratar-se de uma droga legalizada e aceita pela sociedade, estando presente em várias festividades como bailes, casamentos, formaturas, aniversários, réveillon, festas open bar, corroborando o consentimento social do seu consumo (MONTEIRO *et al.*, 2011). Dessa forma, ela é utilizada não somente em grupos de mais idades como também tem aumentado o uso em grupos de adolescentes.

- [...] é uma droga aceita pela sociedade, qualquer boteco qualquer esquina que você vai tem bebidas alcoólicas (M4).
- [...] eu bebo geralmente no Natal, no aniversário, em casa (F3).

O que se mostra é que os adolescentes fazem uso de álcool (bebida alcoólica) regularmente ou em algumas ocasiões festivas. Tanto que, no estudo realizado por Priotto e Nihei (2016), com adolescentes do Brasil, Paraguai e Argentina 53% dos pesquisados do Paraguai, 69% dos adolescentes do Brasil e 70% dos adolescentes da Argentina já haviam consumido bebida alcoólica, em algum momento da sua vida. Esses dados corroboram os dados obtidos neste estudo que 86,5% dos adolescentes já fizeram uso de bebida alcoólica em algum

momento na vida (76,5% do sexo feminino e 100% masculino), mesmo sendo proibida a venda de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos de idade (Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996) (BRASIL, 1996), o uso/consumo de bebida alcoólica é uma prática comum entre esses adolescentes.

## 5.2 CATEGORIA II- REAÇÃO E COMPORTAMENTO APÓS O USO DE BEBIDA ALCOÓLICA

A seguir, são apresentados os depoimentos dos participantes acerca da temática sobre o uso de bebida alcoólica, trazendo as concepções dos adolescentes diante de suas experiências e conhecimento em relação aos efeitos que o uso de bebida alcoólica tem causado sendo eles efeitos estimulantes ou depressores.

Após a ingestão de álcool, aparecem os efeitos como euforia e desinibição, podendo funcionar como mecanismo de fuga nessa fase, pois pode servir como estimulantes para indivíduos tímidos e aqueles com medo de tomar iniciativas ou de assumir responsabilidade (WESSELOVICZ *et al.*, 2008). Como se pode observar:

- [...] vicia, afeta diretamente no comportamento das pessoas (F4).
- [...] eu acho que a pessoa pode fazer uma coisa que nunca fez tipo ela ficar fora do consciente isso pode dar muitos problemas (F1).
- [...] é então de modo geral você acaba fazendo coisas que não faria e depois acaba se arrependendo (F6).

No entanto, a sociedade utiliza a bebida alcoólica para relaxamento e diversão, sendo muitas vezes uma companhia nos eventos sociais, principalmente nos eventos entre adolescentes (ROZIN; ZAGONEL, 2012). Uma das colocações feita foi acerca do uso da bebida como estimulantes em festas, como sendo essencial para a alegria e usufruir da liberdade:

- [...] quando as pessoas bebem elas se soltam mais (F2).
- [...] as pessoas aproveitam para desabafar o que sente melhor (F4).
- [...] me senti feliz, mas perde noção das coisas (M2).
- [...] tem pessoas que bebe e fica mais engraçadas ou tímidas, mas tem pessoas que ficam mais sentimentais, depende muito do que a pessoa está sentindo ela acaba se soltando e coloca os sentimentos que ela tem para fora (F3).

Em relação à fase depressora, esses efeitos começam a surgir com o tempo, como falta de coordenação motora, descontrole e sono, caso o consumo é

muito exagerado, o efeito depressor fica exacerbado, podendo até mesmo provocar o estado de coma (WESSELOVICZ *et al.*, 2008).

- [...] eu já bebi bastante de não consegui levantar do lugar (F5).
- [...] eu já bebi de precisar ser carregada aí ainda filmaram (F2).
- [...] meu pai anda com as pernas dura quanto está bêbado, perde a noção das coisas (F4).
- [...] primeiro você se sente bem depois começa a ficar deprimido depois chora depois volta o normal, mas é isso aí de volta (F9).
- [...] eu já bebi de perder a noção, mas no outro dia eu acordo cedinho (F1).

Estudiosos têm concluído que o álcool é a substância mais ligada às mudanças de comportamento provocadas por efeitos psicofarmacológicos que têm como resultante a violência (MINAYO; DESLANDES, 1998).

- [...] fica doido, perde a noção das coisas (F11).
- [...] a gente perde noção das coisas a maioria das pessoas é assim (F12).

Em um estudo realizado por Priotto e Silva (2019), sobre o consumo de drogas e bebidas alcoólicas pelos adolescentes, destaca-se que é um fator preocupante, ressaltando os índices elevados de consumo de álcool que interferem e aumentam a vulnerabilidade dos adolescentes como participantes da violência.

Na fala dos adolescentes, foi possível observar que há dificuldade em manter as relações familiares pacíficas e afetuosas com o uso de álcool de maneira abusiva:

- [...] beber demais pode estragar alguma família e ele (M1).
- [...] conheço pessoas que bebia demais e a família foi destruída (F6).
- [...] o álcool talvez possa fazer a gente se envolver se envolver em briga e você pode apanhar ou bater e você beber muito você vai brigar (M3).

Apesar dessa visão que os adolescentes relataram, alguns abordaram a necessidade do uso com moderação e as dificuldades que algumas pessoas possam ter para fazer uso de uma maneira equilibrada da substância.

- [...] acho que o álcool praticamente não faz mal, eu bebo desde os 12 anos, acho que tem que saber o limite (M6).
- [...] eu acho que se a pessoa saber se controlar e o momento certo para beber ainda vai depender do tempo tipo está fora da escola, tipo um momento de lazer meu no caso (F2).



O uso de bebida alcoólica na adolescência é um evento complexo que envolve vários fatores como ambiente familiar, escolar além de outros fatores, como a relação com amigos e outros adolescentes, sendo importante a compreensão dos problemas relacionados ao uso de bebida alcoólica por adolescentes pela fase que está em processo de estruturação da vida adulta (MALTA *et al.*, 2011).

Ao serem questionados quanto a já terem recebido orientações na escola sobre o uso de bebidas alcoólicas, três (13%) responderam que sim e 20 (87%) responderam que não. Todos esses adolescentes pesquisados afirmaram saber de algum dos efeitos que o álcool ocasiona individualmente e socialmente como: perda da memória, sono, vômito, morte, violência, brigas, desentendimento familiar, amnésia, tontura, alteração de comportamento, falta na escola, acidentes, cirrose.

### 5.3 CATEGORIA III- RISCOS E DANOS RELACIONADOS AO USO DO ÁLCOOL A SAÚDE

Estudos mostram que o uso de bebida alcoólica é adotado por um elevado percentual de adolescentes da Região de Tríplice Fronteira, constituindo um fenômeno social aceito e tolerado por alguns e, provavelmente, estimulado socialmente, mas que pode trazer malefícios à saúde dos adolescentes bem como susceptibilidade a riscos no trânsito, no comportamento sexual e mesmo ter impacto negativo na vida escolar (PRIOTTO; NIHEI, 2016). É importante destacar a interferência do álcool em outros comportamentos de risco e agravos à saúde do adolescente.

Autores afirmam que adolescentes, sob o efeito do álcool, estão mais vulneráveis ao tabagismo, ao uso de drogas ilícitas e ao sexo desprotegido (MALTA *et al.*, 2014), sendo possível analisar nas seguintes falas:

- [...] a pessoa começa usando álcool para depois usar outras drogas (F2).
- [...] uso da bebida também influencia em outras coisas também quantos tipos de drogas (M1).
- [...] pode usar outras drogas (M5).
- [...] eles vão colocando drogas dentro da sua bebida sem você perceber (F9).
- [...] na minha festa colocaram balinha na bebida todo mundo ficou mal, a pessoa fica louca (F6).

Seguem as citações dos adolescentes referentes a doenças que têm como um dos fatores desencadeantes a ingestão de bebida alcoólica:

[...] em excesso pode até causar coma alcoólica (F7).  
 [...] o álcool faz mal à saúde e a vida (M1).  
 [...] eu já bebi ao extremo [...] vomitei (F2).  
 [...] fiquei tonto depois (M2).

O consumo prejudicial resultou mundialmente, em 2010, na morte de 2,5 milhões de pessoas, incluindo violência, suicídio e acidentes de trânsito, até doenças de limitação da condição funcional, tais como, cirrose, pancreatite, demência, polineuropatia, miocardite, desnutrição, hipertensão arterial, infarto e câncer (WHO, 2011). Alguns destes problemas foram citados pelos adolescentes:

[...] ele faz mal para a saúde é perigoso dá problema no rim, no pulmão, no fígado [...] meu avô quando recebe a aposentaria dele ele só compra pinga pra ele beber com meu tio, fica uns dez dias dormindo, não se alimenta. (F9).  
 [...] pode causar inúmeras doenças e problemas no corpo e até mentalmente e psicologicamente (F5).  
 [...] da fraqueza, perde noção de espaço e outras coisas, (M3).

Seu uso causa prejuízos ao desenvolvimento cerebral, favorece a ansiedade e comportamentos de risco, com repercussões até a vida adulta (COUTINHO *et al.*, 2016). Conforme estudo realizado por Rosa; Loureiro; Sequeira (2016) o abuso do álcool faz com que os adolescentes tenham dificuldade de se controlar, falta de responsabilidade, com grande probabilidade para o vício e isso é confirmado pelas falas de vários adolescentes entrevistados:

[...] acaba com a humanidade, ele ingerido em muitas doses pode é fazer a pessoa ficar fora do comum, fora do normal (M1).  
 [...] eu acho que faz mal pra vida e em excesso pode se tornar alcoólatra (F7).

No Brasil, o álcool é o fator de risco que mais contribui para a carga de doenças, sendo responsável por 6,2% das doenças de limitação da condição funcional (WHO, 2011), podendo-se notar que nas falas dos adolescentes estudados pontos importantes que corroboraram com a literatura estudada como:

[...] leva à morte vicia, a população perde o controle de tudo porque é uma droga que afeta o sistema nervoso [...] álcool vicia meu tio e minha irmã de 18 anos precisou ficar internada em São Paulo um bom tempo devido ao excesso de bebida (F2).

[...] faz mal, te causa conflito e pode fazer pessoas morrer (F6).  
 [...] meu tio bebe demais passa a noite bebendo (F8).  
 [...] minha irmã de 20 anos precisou ficar internada devido à bebida (F12).  
 [...] meu avô precisou ficar internado pelo uso do álcool (M2).

Segundo Garcia *et al.* (2015), o álcool é fator causal em mais de 60 tipos de doenças e lesões e causa principal de algumas doenças, como também é um componente importante em diversas causas de óbito. O mesmo relata que, de 2010 a 2012, foram registradas, no Brasil, a cada ano, quase 20 mil mortes, nas quais o consumo de álcool foi condição necessária para a sua ocorrência, equivalendo a mais de 1500 mortes por mês ou 50 por dia, sendo as doenças do fígado uma das principais causas de morte.

Na visão dos adolescentes, a ingestão de bebida alcoólica é um dos fatores responsáveis por doenças no fígado como:

[...] da cirrose (F4).  
 [...] um primo da minha mãe já teve cirrose e morreu (M1).  
 [...] acho que faz mal para fígado (F7).

Conforme Malta *et al.* (2014) o álcool na adolescência é fenômeno complexo, multifatorial e socialmente determinado, estando presente no contexto do ambiente familiar, escolar além de outros fatores, como a relação com amigos e outros adolescentes.

#### 5.4 CATEGORIA IV- PROBLEMAS FAMILIARES

As primeiras interações da criança ocorrem com seus familiares e podem ser positivas ou negativas. Por essa razão, os fatores que afetam o desenvolvimento na família são provavelmente os mais cruciais, podendo exercer tanto um caráter protetor como de risco para o uso e abuso do álcool na adolescência (DIEHL; FIGLIE, 2014).

Em algumas descrições, foi possível evidenciar que os problemas relacionados ao consumo de álcool e às suas consequências vão além da saúde individual de quem usa como perda da confiança, fragilização dos vínculos familiares, rebaixamento da autoestima, falta de perspectivas, entre outros (OMS, 2015).

[...] beber demais pode estragar uma família (M4).  
 [...] é pode destruir laços familiares, amigos, influenciar amigos (F5).

O alcoolismo é definido pela OMS como um estado psíquico e/ou físico, resultante da interação do organismo vivo e a substância, caracterizado por alterações que compelem à pessoa à ingestão da droga, de forma sucessiva ou periódica, com a finalidade de experimentar seus efeitos psíquicos e, às vezes, para evitar o desconforto de sua abstinência (PILLON, 2005). Constitui fonte importante de perturbação da dinâmica familiar, com inevitáveis repercussões sobre os demais elementos, particularmente sobre os filhos (DUTTON *et al.*, 2014). A associação do consumo de drogas lícitas e ilícitas, com alterações de comportamento e práticas violentas, é considerada (PRIOTTO; SILVA, 2019).

No discurso de alguns adolescentes, foi sinalizado o efeito do álcool nos hábitos cotidianos de seus familiares, inclusive potencializando os episódios violentos, expressos de diversas maneiras:

[...] meu tio bebe vários dias, não se alimenta direito, briga com os filhos (F8).  
 [...] meu tio amanhece bebendo, aí briga com minha tia (M2).  
 [...] eu sei que é ruim, pois depois a pessoa abandona família e é uma das piores coisas difícil de largar [...] minha mãe falava que meu pai tava em casa quebrando tudo porque ele é alcoólatra e que nós não tínhamos as coisas dentro de casa (M4).  
 [...] então o que posso dizer não tenho mais experiência muito boa com álcool por que foi com o álcool que meu tio chegou ao ponto de querer matar minha tia porque ele bebia demais e aí chegava em casa muito doido (F13).

Contudo, o uso abusivo de bebida alcoólica por um de seus membros designa uma crise na interação familiar com a comunidade e com a sociedade (PRATI; COUTO; KOLLER, 2009).

## 5.5 CATEGORIA V- PROBLEMAS PARA A SOCIEDADE

Desde tempos imemoriais, existe uma preocupação do ser humano em entender a essência do fenômeno da violência, sua natureza, suas origens e meios apropriados, a fim de atenuá-la, preveni-la e eliminá-la da convivência social (MINAYO, 1994).

Apesar de ser uma droga lícita, a bebida alcoólica tem a potencialidade de causar várias consequências à sociedade e, diante de tantos agravos, seu consumo continua sendo indiscriminado e está em ascensão nas faixas etárias mais jovens (BAUMGARTEN; GOMES; FONSECA, 2012), como pode se observar no comentário abaixo:

[...] é uma droga lícita muito prejudicial, quando você usa parece que você vai para outro mundo (M3).  
 [...] a gente bebe cada vez dá vontade de beber mais (F4).

Essas ideias relacionadas ao consumo de bebida alcoólica são fortemente evocadas pela mídia, induzindo o consumidor à associação do consumo de álcool aos momentos de diversão e fantasia (BAUMGARTEN, GOMES; FONSECA, 2012; FARIA *et al.*, 2011). A fim de garantir lucro, as empresas de bebidas alcoólicas apresentam propagandas atraentes com intuito de conseguir novos consumidores, sendo notável isso no comentário seguinte:

[...] a mídia não coloca os maus que a bebida traz porque isso dá dinheiro (M3).

O consumo de bebida alcoólica pode provocar dependência e os transtornos, que são decorrentes do uso irregular e abusivo, atingem negativamente os familiares e contribuem massivamente para a violência doméstica e conflitos interpessoais (MALBERGIER; CARDOSO; AMARAL, 2012). Isso foi possível notar na fala de um adolescente:

[...] a gente perde a noção das coisas não sabe o que esta fazendo [...] a maioria das pessoas é assim [...] ela causa muita briga entre amigos e familiares (F12).  
 [...] meu avô estava no gole deram um soco na boca caiu com a bike perdeu o pneu bêbado (M5).  
 [...] o meu avô quando bebe aí quando acaba o dinheiro dele ele começa a vender as coisas de casa para beber (F9).

No Brasil, a questão do trânsito é muito mais passível de prevenção, exigindo, vontade política e atuação coordenada, sendo que a atenção a esse problema tem de articular, conjuntamente, controle e punição dos motoristas em relação à ingestão de bebidas alcoólicas e excesso de velocidade (MINAYO, 1994). O abuso do álcool e de outras substâncias é um elemento fundamental

associado aos homicídios (OPAS, 1993; MINAYO, 1993). Para ilustrar tem-se a fala a seguir:

[...] a gente não fica só em risco de acidente, mas e outras coisas também como homicídio [...] (M2).

É destaque nas estatísticas a violência no trânsito. No caso de óbito, denominam-se causas externas.

## 5.6 CATEGORIA VI- MOTIVOS PARA USAR ÁLCOOL (BEBIDA ALCOÓLICA)

Para Pechansky *et al.* (2004), há informações consistentes sobre elementos que influenciam o início e mantêm o uso de substâncias por parte dos adolescentes. Isso está relacionado à estrutura de vida do adolescente como traumas familiares, separação, brigas e agressões, sendo observados nas falas dos adolescentes.

Segundo Cavalcante, Alves e Barroso (2008), os fatores associados ao consumo de álcool na adolescência estão ligados a aspectos sócio-históricos, como a industrialização e a urbanização de décadas recentes, e à crise econômica dos anos 1980, responsável pela dificuldade de inserção do jovem no mercado de trabalho e pela conseqüente insatisfação de suas necessidades. Isso foi possível analisar na fala de dois adolescentes estudados:

[...] eu chegava muito cansado do trabalho e peguei o costume muito feio chegar todo dia mesmo que tinha aula eu passava no boteco pegava uma cerveja e saía tomando porque na minha cabeça aquilo ajudava, [...] e mais para curtir (M4).

[...] esquecer o trabalho, quando eu trabalhava de estagiário eles me exploraram um pouco daí para esquecer os problemas e por diversão eu bebia (M7).

A literatura aponta que grupos e amigos podem influenciar o uso de álcool e outras drogas, o que pode estar relacionado à idade, uma vez que, devido à imaturidade utilizam as bebidas alcoólicas por curiosidade, por diversão, busca por novas experiências, por novas sensações, por pressão do grupo social, ansiedade e devido à baixa autoestima (CARDOSO; MALBERGIER, 2014; NEVES; TEIXEIRA; FERREIRA, 2015; WANG *et al.*, 2015).

[...] eu bebo para se divertir (F12).

[...] muitas vezes as pessoas bebem por curiosidade para saber como que é (F2).

[...] aonde eu vou sábado domingo tem adolescentes de 13 anos fumando bebendo para se encaixar em um grupo social (F6).

A bebida alcoólica é entendida como um meio facilitador dessa interação, atuando como um passaporte para a socialização na busca por amigos e identificação a algum grupo (MENDES; TEIXEIRA; FERREIRA, 2010).

[...] alguns bebem só para se mostrar falar que bebe, falar que fuma fazer amizade (F5).

[...] muitas vezes quando a pessoa começa a bebe, fumar algo do tipo para se encaixar em nível social e aí quando vai perceber perdido viciado e não consegue parar, tenta, mas não consegue (F2).

[...] às vezes uma pessoa vai de uma escola para outra para tentar se encaixar em um grupo social é difícil, pois muitas vezes é até difícil lugar que você vai morar eles acabam pegando um grupo, exemplos em um grupo de pessoas mais nerds, se aparecer mais engraçadas outros tipo que tenta se aparecer mais, e têm outros que bebem e fumam [...] vai acabar arrumando para tentar ficar em algum grupo (F3).

Relacionamentos conflituosos entre pais, filho e familiares, com pouca comunicação, ou que falte suporte e monitoramento familiar, têm sido associados ao uso de álcool e outras drogas, tornando-se fator de risco para iniciação e/ou manutenção do consumo de substâncias (MALBERGIER; CARDOSO; AMARAL, 2012). O ambiente familiar desempenha grande controle no início e na manutenção do uso de álcool entre adolescentes, e isso foi exposto pelos pesquisados.

[...] eu bebo para esquecer os problemas da minha cabeça (F14).

[...] a pessoa vai beber para esquecer os problemas, mas não adianta nada, se o álcool é uma droga, pois só prejudica (M4).

[...] a sociedade julga muito quem bebe [...] por que para você beber você tem alguma coisa. Tem muita gente que bebe para esquecer amor, e a sociedade não se importa para isso, não vê o lado da pessoa aí sim julga falando [...] (F13).

[...] quando tem um conflito familiar o jovem vai procurar a bebida que vai dar felicidade momentânea (F5).

O estudo mostrou que o uso de álcool teve associação com mau relacionamento com a mãe, percepção de que o pai é liberal e ter pais separados.

[...] é que eu não tenho entendimento com a minha mãe eu bebo para me divertir e esquecer isso [...] chegar em casa e não brigar com ela, meu pai deixa beber (F13).

O uso do álcool muitas vezes é utilizado em momentos de insegurança, o adolescente passa a necessitar da droga para estabelecer laços sociais, momentos de prazer (SCIVOLETTO, 2011).

[...] é que ele faz tipo ele nos deixa mais confiante essas coisas (M8).  
 [...] ele dá um efeito bom na hora depois você vê que faz (M3).  
 [...] eu acho que mesmo que a pessoa bebe para ficar feliz depois que o efeito acabar acaba a felicidade (M6).

O uso de drogas pelos próprios pais, atitudes permissivas dos pais perante o uso de drogas, incapacidade de controle dos filhos pelos pais, indisciplina e uso de drogas pelos irmãos são todos fatores predisponentes à maior iniciação ou continuação de uso de drogas por parte dos adolescentes (PECHANSKY; SZOBOT; SCIVOLETTO, 2004).

No entanto, ressalta-se que a experimentação da bebida alcoólica, na fase da adolescência está associada aos comportamentos de risco e queda no desempenho escolar e dificuldades no aprendizado (PECHANSKY; SZOBOT; SCIVOLETTO, 2004; PAIVA *et al.*, 2015).

## 5.7 CATEGORIA VII: COMO A BEBIDA ENTRA NA ESCOLA E O REGIMENTO ESCOLAR

De acordo com Xavier (2002), as escolas, ao criarem as normas de convivência em sala de aula, promovem práticas de vivências democráticas, nas quais as regras são construídas a partir de necessidades reais e baseadas em princípios para o estabelecimento de boas relações.

Dedeschi (2011) afirma que regras são fatos sociais presentes nas relações interpessoais e precisam ser compreendidas como normas que determinam o que é permitido ou proibido, supondo sempre o sentimento de respeito entre as pessoas.

No entanto, no Regimento Escolar (RE) dos colégios pesquisados existem regras estabelecidas. Ao estudante é vetado: consumir, portar, manusear ou ingerir qualquer tipo de substância psicoativa lícita ou ilícita nas dependências da instituição de ensino. Mesmo com esta regra sendo colocada, observou-se que a mesma é descumprida por alguns adolescentes, como é possível observar nas falas a seguir:

[...] eu trouxe bebi aqui na escola (M2).  
 [...] eu já trouxe bebida aqui bebi aqui dentro (F2).  
 [...] eu já trouxe bebida na escola (12).  
 [...] eu já trouxe vodka, energético, trouxe na mochila, mas eu não trouxe para mim, eu trouxe para outra pessoa (M6).  
 [...] eu já trouxe vodka e uísque e bebi aqui dentro (M4).  
 [...] eu trouxe semana passada mesmo, bebia um pouco na sala quando professor um pouco virado para o quadro e o resto na rua (M7).



[...] eu só trouxe, mas não bebi porque tava na mochila e esqueci-me de tirar (M8).  
 [...] eu já eu trouxe uma batidinha não foi das mais fortes, mas já valeu (F13).

Nestas situações, podemos notar que houve um desvio social por alguns adolescentes como um tipo de comportamento disfuncional em relação ao grupo em que os mesmos estavam inseridos, que conforme Dias (2009), desvio social é considerado um comportamento anticonvencional e podem existir subculturas anticonvencionais, que permanecem em desvio social permanente.

Pode se analisar que alguns alunos não traziam bebida alcoólica para a escola, porém os mesmos já presenciaram colegas trazerem bebidas, como é visto nas seguintes falas:

[...] as pessoas trazem bebida na mochila (M3).  
 [...] compra e coloca na bolsa e traz para escola Já vi muitas vezes aqui na escola (F8).

Nas falas registradas, foi possível observar como os adolescentes levam a bebida para dentro dos muros da escola, sendo em mochilas. Outro ponto interessante é que os mesmos aproveitam os momentos de festas dentro do ambiente escolar para utilizar bebidas, como é o caso das falas a seguir:

[...] eu trouxe na festa setembrina (M2).  
 [...] trouxe na festa junina, aproveite beber (F2).  
 [...] também trouxe na festa agostina (F3).

Conforme Rucheinsky (2004), a escola não está preparada para atender o aluno quando ele está alcoolizado ou drogado, pois aconselhamentos não resolvem. Porém, conforme o RE existe uma regra estabelecida caso o aluno traga para o recinto escolar bebida alcoólica e outras drogas, bem como comparecer às aulas sob efeito de tais substâncias, cabendo à escola comunicar a autoridade policial, imediatamente, e, em seguida, ao conselho tutelar ou à promotoria de justiça da infância e da juventude.

[...] eu estava no oitavo ano parecia água, mas era vodka, e a escola descobriu, chamou meus pais e o conselho tutelar (M6).  
 [...] eu já vim para escola sobre efeito do álcool eu não aguentei ficar na escola chamaram meus pais e me buscaram, eu me senti bem louco (M3).

[...] eu sai para vim para escola aí passei na casa do amigo meu e comecei beber, consegui ficar na escola 30 minutos até a professora me tirar da sala, devido estar atrapalhando (M5).

Muitos atos de indisciplina são analisados na esfera pedagógica e administrativa da escola, aplicando as ações pedagógicas, educativas e disciplinares previstas no Regimento Escolar e, depois de esgotados todos os recursos pedagógicos, devem acionar a Rede de Proteção Social dos Direitos de Crianças e Adolescentes. Sendo averiguada nas falas dos adolescentes entrevistados a opinião quanto ao aluno não cumprir com as regras estabelecidas:

[...] acho que a pessoa pode ser expulsa por vir bêbada ou trazer a bebida para escola, pois isso interfere na escola (F1).  
 [...] na minha sala teve um piá que foi expulso por causa de bebida (F1).

Partindo das falas pronunciadas pelos adolescentes, e de acordo com o RE, observa-se que a escola está executando as normas, considerando que por ela ter um papel de formação do cidadão, acaba se omitindo ou agravando o problema, pois segundo Tavares *et al.* (2008), ao constatar alunos fazendo uso de drogas, simplesmente comunica aos familiares e os incumbe do cuidado com esse membro, o que significa muitas vezes o afastamento desses alunos das salas de aula e, em muitas ocasiões, o fim da vida escolar.

[...] a escola tem que ser mais parceira porque eles só dão suspensão e mandou para casa e não vai resolver nada (M7).  
 [...] quando eu bebi fiquei suspensa da escola por três dias eu tava morando com meu pai e com minha madrasta daí me deixaram de castigo (F14).

Entretanto, os adolescentes ressaltam que é necessário fazer mais que o estabelecido, é preciso trabalhar orientar para a prevenção ao uso de bebida alcoólica e outras drogas em escolas. Uma tática utilizada mundialmente (ONRUST *et al.*, 2016). Nos colégios pesquisados, existem medidas que auxiliam na segurança dos adolescentes como é citado:

[...] até ano passado apresentava a carteirinha para entrar na escola (F7).  
 [...] eu acho que o uniforme eles têm que existir sim todo mundo tem que estar uniformizado (F1).

Dentro das normas do RE, está registrado que caso o aluno não esteja uniformizado será convocado os responsáveis do adolescente, com registro e

assinatura, e/ou Termo de Compromisso, conscientizando os estudantes e seus responsáveis sobre a importância da identificação dos adolescentes.

Porém, alguns adolescentes relatam que somente o uso do uniforme e a carteirinha não é o suficiente para a segurança. Referiram que quando faziam a patrulha escolar fazia vistoria havia mais proteção.

[...] eu acho que só a carteirinha e uniforme não dá segurança que a gente precisa [...] o que a gente quer não encontra em carteirinha e uniforme (F2).  
 [...] eu acho que nem a carteirinha ajuda muito a gente fica sem carteirinha até abril período a gente fica à mercê (F4).  
 [...] quando a Patrulha vinha na escola todo mundo que tinha a álcool, cigarro começar a esconder sabia que a Patrulha ia vistoriar por isso que eu acho que deveria ter essa segurança aqui na escola (F6).

No entanto, nota-se que o uso de drogas lícitas e ilícitas vem sendo um dos problemas que depreciam o desempenho escolar e a relação entre os adolescentes. Isso é um alerta para as autoridades responsáveis por políticas públicas, com a necessidade de ações que considerem fatores de proteção e de risco associados à prevenção do uso de drogas (AGABIO *et al.*, 2015). Nas falas seguintes, observa-se que adolescentes se sentem inseguros no ambiente escolar como:

[...] eu acho que se quiserem fazer alguma coisa mal com a gente aqui fica muito fácil, a gente não tem segurança a única pessoa que cuida na entrada é a tiazinha do portão e nem sempre ela fica às vezes ela tem que fazer outras coisas [...] assim qualquer um pode entrar uma tiazinha não consegue segurar (F5).  
 [...] as câmeras ali da frente da escola não funcionam (F1).  
 [...] você pode andar até com maconha, pois no colégio ele só olha o uniforme (F4).

Segundo Rucheinsky (2004), as consequências pelo uso de bebida alcoólica e outras drogas são diversas, tais como: dormir na carteira, agressividades físicas ou verbais, danificação do patrimônio escolar, baixa aprendizagem, repetência e evasão escolar, assunto que será discutido na categoria a seguir.

## 5.8 CATEGORIA VIII: RELAÇÃO ENTRE USO ÁLCOOL E OS PROBLEMAS ESCOLARES

Drogas, como o álcool, são substâncias que interferem no funcionamento dos neurotransmissores, provocando alterações e distúrbios no comportamento (MASUR; CARLINI, 1989).

As drogas inibem a neurogênese, prejudicando o desenvolvimento cerebral e piorando a desempenho neurocognitivo, interferindo negativamente nas atividades básicas do cotidiano desempenhadas pelos adolescentes como: alimentação, sono, higiene, estudo, perda de vida escolar regular, relações pessoais (REIS; OLIVEIRA, 2015; SANTOS *et al.*, 2016).

[...] você tem preguiça de pegar o caderno (M2).  
 [...] reprovei por causa eu dormir demais na sala e por falta (M6).  
 [...] eu vi umas duas três vezes para escola sobre efeito do álcool, sentir bastante sono, a professora não precisa me tirar da sala, só sono e cansaço (M7).

Conforme estudo realizado por Rosa; Loureiro; Sequeira (2018), o uso/ abuso do álcool faz com que os adolescentes tenham dificuldade de se controlar, falta de responsabilidade. Isso é confirmado pelas falas dos adolescentes entrevistados:

[...] ele fica viciado não faz as coisas que tem que fazer (M3).  
 [...] quando eu vim pra escola bêbada, eu ficava parada não sabia de nada no outro dia (F2).  
 [...] não conseguia fazer nada (F3).  
 [...] faz mal a muitas pessoas e faz perder a noção do que está fazendo e o que está dizendo (F8).  
 [...] pode fazer muito mal e também pode tirar pessoa do colégio (M4).

O uso de bebidas alcoólicas está ainda relacionado aos prejuízos nas habilidades emocionais, cognitivas, comportamentais levando a dificuldades de aprendizado e ao baixo desempenho escolar, devido a problemas de concentração (SBP, 2007). Isso foi possível analisar nas falas a seguir:

[...] não consegue aprender você não consegue raciocinar nesse momento (M3).  
 [...] eu bebi e vim sobre efeito senti muita tontura não conseguia nem olhar para o quadro tudo ficava girando (F4).  
 [...] não consegue prestar atenção direito [...] fica viajando (M5).  
 [...] desenvolve menos [...] senti fraqueza, perdi a noção das coisas não consegui raciocinar (M2).  
 [...] quando estou bêbada não consigo concentrar (F2).  
 [...] amnésia pode dar (M6).  
 [...] acho que a memória da pessoa fica mais lenta (F11).  
 [...] a para quem estuda de manhã é ruim tipo de noite você bebe e de manhã está com aquela ressaca atrapalha porque você não consegue entender o que o professor está falando você precisa ir embora daí você perde matéria perde um monte de coisa (F5).  
 [...] eu acho que as pessoas muitas vezes gazeiam a aula para beber e usar outras drogas (F6).

Frequentemente, adolescentes que fazem uso de bebidas alcoólicas faltam às aulas, o que acaba prejudicando seu desempenho escolar (ANJOS; SANTOS; ALMEIDA, 2012).

- [...] quando bebe não consegui vir para a escola (F12).
- [...] quando a gente está bêbada não tem como vir, mas quando a gente está são daí pode vir (F7).
- [...] quando a gente bebe é difícil acordar no outro dia (F2).
- [...] o aluno fica mais desinteressado [...] (M7).
- [...] fica desinteressado, gazeia aula para beber (M4).
- [...] eu acho que pode você perde o interesse nos estudos (F1).
- [...] é perde o foco nos estudos (M8).

Adolescentes que fazem uso de bebidas alcoólicas podem ter consequências negativas diversas, desde problemas sociais e nos estudos, praticar sexo sem proteção e/ou sem consentimento, maior risco de violência (FADEN, 2005).

- [...] se eu beber no domingo para segunda sim interfere muito no meu aprendizado e com certeza você vem cansado e muito exausto (F1).
- [...] quem bebe não tem condições de vir para escola, atrapalha os outros, faz confusão (M3).

De acordo com Anjos; Santos; Almeida (2012), adolescentes que fazem uso de bebidas alcoólicas faltam às aulas, fator que acaba prejudicando seu desempenho escolar. No decorrer das falas, houve relatos quanto ao comportamento de dormir em sala de aula e chegar atrasado às aulas após ter freqüentado uma festa na noite anterior, o que condiz com a literatura.

- [...] eu quando saio na sexta, sábado e domingo, devido ir e beber aí não consigo ir para a escola (F6).
- [...] quem estuda de manhã e foi na festa à noite vai vir com cansaço muito excessivo e vai acabar não entendendo (F8).
- [...] saio toda sexta sábado e domingo bebo a noite só que tipo assim o único problema eu não consigo acordar para ir para escola aí eu acho que a bebida me atrapalha bastante acordo zonza com dor de cabeça e atrapalha realmente eu não consigo acordar só quero ficar deitada (F11).
- [...] quando estou bêbada não tenho condições de vir para escola (F2).

Além disso, destaca-se o papel do envolvimento grupal e a própria atuação da mídia que incentiva e enaltece o uso de substâncias como o álcool (OLIVEIRA; ARGIMON, 2015 e SCHENKER; MINAYO, 2005) que beber é divertido, engraçado,

porém os fatores de riscos que os mesmos possibilitam nada são engraçados como no desempenho escolar, e isso foi citado pelos adolescentes como consequências:

- [...] as pessoas que usam o álcool e vem para o colégio senti tontura e não consegue copiar (M5).
- [...] ele me atrapalhou no final do trimestre eu tirei um monte de nota vermelha chamaram meus pais para falar do meu comportamento da sala (M6).
- [...] todo mundo percebeu que eu estava bêbada no outro dia morri de vergonha (F3).

O uso dessas substâncias leva a problemas diversos na adolescência, desde sociais a educacionais como o desinteresse em relação ao estudo, sendo relatado pelos pesquisados:

- [...] atrapalha muito na escola a gente fica agitado (F1).
- [...] pode atrapalhar muito na concentração (F12).
- [...] o uso de bebida não colabora com meu aprendizado (F1).
- [...] não colabora no meu aprendizado (F9).
- [...] não colabora na minha aprendizagem (F10).
- [...] não colabora na minha aprendizagem, pois quando eu bebo não consigo me concentrar (M3)
- [...] se bebe diariamente atrapalha nos estudos (M6).
- [...] o álcool não ajuda as pessoas em nada o álcool não ajuda nos aprendizados só causa danos (F8).
- [...] para quem consome vários dias a chance é muito maior de abandonar a escola (M3).
- [...] acho pode atrapalhar muito se pensar em desistir (F5).

No entanto, nas falas dos adolescentes, observa-se que o uso de bebida alcoólica tem capacidade de desenvolver várias consequências ao adolescente e a sociedade, sendo destacado neste estudo o abandono e a evasão escolar.

O tema abandono e evasão escolar citado por Freire (1987) envolvem questões cognitivas, psicoemocionais, fatores socioculturais, institucionais e aqueles ligados à economia e à política.

## 5.9 CATEGORIA IX - REPROVAÇÃO, ABANDONO ESCOLAR E EVASÃO ESCOLAR

Paulo Freire (1987) defende que é conciso pensar em uma educação que lute para a libertação do homem de sua condição de oprimido, atribuindo-lhe maior autonomia intelectual e resgate a sua condição de sujeito.

Alguns adolescentes assumem a culpa pelo próprio fracasso, tanto que aparece como argumentos nas seguintes respostas:

[...] reprovei no sétimo por bagunça mesmo por causa de não fazer os trabalhos (M8).

[...] foi devido o trabalho foi muito ruim, mas foi por causa disso que reprovei como sempre, chegava atrasada na segunda terceira aula por falta e não por nota (F6).

[...] reprovei uma vez oitavo ano, também gazeava aula [...] fui reprovado por falta, ia às rodinhas com os amigos, saia beber (M3).

Para Parolin (2007), a qualidade do relacionamento da família e da escola é determinante para o bom andamento do processo de aprender e de ensinar do aluno e o seu bem viver em ambas as instituições. Três adolescentes relataram problemas familiares terem contribuído com o desinteresse e até mesmo situações de indisciplina.

[...] tive alguns problemas, não tinha como vir para escola briguei com meu pai eu fiquei morando na rua, usava bebidas, drogas até fazer as pazes com ele (F3).

[...] reprovei dois anos, um no nono e outro no primeiro, uma hora eu morava com a minha mãe uma hora morava com meu pai (M4).

[...] reprovei no sétimo por falta minha Madrasta me fazia ficar em casa fazendo serviço (F14).

Conforme Sousa *et al.* (2011) outros fatores podem contribuir para a reprovação, além do uso de bebidas alcoólicas como desinteresse dos adolescentes pelos estudos, que têm significativo peso pelo abandono escolar provocando a distorção idade-série, favorecendo o fracasso escolar. Foi possível analisar que alguns adolescentes reprovaram mais do que uma vez.

[...] reprovei duas vezes quando fui para a sexta série (M2).

[...] eu reprovei duas vezes (M8).

[...] reprovei um nono ano e no primeiro ano (M6).

Considerando a distorção idade-série, surgem inquietações e passam a existir questionamentos de como atenuar a frustração dos estudantes pelos anos perdidos com o intuito de diminuir as reprovações e evasões dos estudantes que já estão fora da idade adequada para a série que estuda.

Em relação à taxa de distorção de Idade/Série notou-se que no colégio A o número é maior em relação ao colégio B e relação da corte no estado do Paraná, o que é interessante analisar e identificar os fatores relacionados a esta distorção para possíveis ações serem realizadas.

A seguir, a Tabela 8 com dados interessantes relacionados à taxa de distorção de idade série dos colégios pesquisados.

Tabela 8: Distorção de idade do Colégio A e B (INEP, 2019).

Ensino	Colégio A	Colégio B	Paraná
Taxa de Distorção Idade Série - Ensino Fundamental Final	33,8 %	19,3 %	20,2 %
Taxa de Distorção Idade Série - Ensino Médio	43,9 %	27,0 %	25,6 %

Fonte: Rendimento Escolar (2019) (PARANÁ, 2019).

Outro fator relacionado à reprovação citado pelos adolescentes foi a mudanças de escolas.

[...] reprovei duas vezes oitavo ano uma foi transferência de matrícula de colégio (M7).

[...] eu já reprovei por mudar de escola várias vezes (F3).

A seguir segue a Tabela 9 dos Colégios A e B e o índice de reprovação nestas instituições, onde pode se analisar que o índice de reprovação é elevado, onde conseguinte nota-se que em relação ao Ensino Fundamental Final é maior que o Ensino Médio.

Tabela 9: Taxa de Reprovação do colégio A e B conforme dados do INEP (2019).

Reprovação											
Indicadores	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Ensino Fundamental Final Colégio A	6,2%	23,7%	12,7%	10,5%	11,0%	13,7%	21,2%	26,4%	18,5%	20,8%	13,3%
Ensino Fundamental Final Colégio B	11,7 %	10,3%	13,1%	11,7%	24,7%	23,3%	25,8%	21,8%	17,4%	23,9%	12,5%
Ensino Médio Colégio A	8,0%	21,4%	9,0%	10,3%	7,0%	12,6%	11,8%	13,0%	9,6%	14,7%	9,7%
Ensino Médio Colégio B	4,7%	11,4%	15,7%	28,6%	21,8%	25,1%	27,8%	26,5%	15,3%	20,3%	8,0%

Fonte: Rendimento Escolar (2019), (PARANÁ, 2019).

Foi possível observar que o colégio A possui menos alunos matriculados em relação ao colégio B e, nos últimos anos, o número de reprovações foi maior.

Foi possível analisar também que há anos a porcentagem de reprovação aumenta; por conseguinte, dependendo do ano o índice de reprovação diminui,



porém neste estudo não foi possível analisar as causas relacionadas a essas reprovações, conforme autores citam que existem vários fatores que interferem no processo de ensino aprendizagem, onde a reprovação é um dos fatores que contribui para o abandono escolar.

Segundo dados do Ministério da Educação (MEC), só são registrados dados de alunos reprovados, matriculados e que abandonou, não ficam registrados os motivos que determinam o abandono escolar (PEREIRA, 2019).

Pode se analisar que dos 23 adolescentes pesquisados, 6 (26,1%) estudantes do período noturno já tinham histórico de reprovação enquanto os do período matutino e vespertino 4 (17,4%) tinham história de reprovação totalizando 10(43,5%), sendo considerado um número elevado.

As alegações, fatores para tal reprovação foram diversos como mudanças de escolas frequente, atrasos devido horários de trabalho, cansaço, porém negaram relação com o uso de bebida alcoólica.

No entanto, pode se notar que a reprovação nas escolas é por diversos motivos sobrevividos da família, da escola, dos professores e da sociedade. Saviani (2000) defende que, numa reciprocidade de determinação, na relação dialética entre escola e sociedade, por meio da qual a sociedade determina as relações na escola, mas que a escola também pode interferir na sociedade no sentido de possibilitar sua transformação.

Faz se necessário distinguir abandono que, para Maitê e Arraes (2015), abandonar é deixar de estudar por um determinado período e retornar aos estudos, sendo por fatores internos ou externos.

Os fatores internos seriam: a diferença de linguagem dos atores escolares, atitudes dos professores, características da direção, o programa pedagógico da escola, alguns citados pelos adolescentes como quando mudaram da escola municipal para a estadual:

[...] as formas das aulas que tem na escola, Acho que no quinto ano pouco tempo com professor [...] mas vindo para o ensino fundamental II fica com menos tempo para conhecer professor, isso influencia muito, na escola municipal conhece todas as professoras, tem intimidade com professor, já no colégio estadual acaba se fechando e muitas vezes abandonando (F4).

[...] lá no colégio era apenas um professor que fica o ano inteiro conosco, aqui todo dia vai mudar de professor, cada aula e cada ano, isso fica complicado a gente não tem muito contato com o professor (M2).

[...] realmente na escola municipal nós se apegamos bastante com professor, eu vou lá ver eles na escola, tipo assim eu vou lá direto só para ver eles, aqui já é mais complicado (F5).

Com base no que foi relatado pelos adolescentes, evidenciam-se alguns fatores extrínsecos como fatores relacionados ao abandono escolar, como o trabalho, gravidez e uso de álcool e outras drogas.

[...] meu padrasto abandonou por causa do trabalho (M5).

[...] eu abandonei no sétimo por falta porque eu estava grávida, tinha 15 anos (F15).

[...] minha mãe sempre doente tinha que cuidar dela aí fica complicado (F12).

[...] acho isso se você beber vai começar a pensar em desistir no momento em que você começar a beber e Pensar em desistir estudar já pode se deparar com um viciado (F4).

[...]eu tive um primo que abandonou, quando mudou de escola (M1).

Cabe agora analisar que, dos 23 adolescentes entrevistados, oito tinham exemplos de pessoas próximas que tinham abandonado a escola como amigos, familiares, citando diversos fatores relacionados como uso de bebida, trabalho, problemas familiares, gravidez na adolescência. Quando comparado à literatura, esses fatores conferem com a realidade.

Segundo a OMS (2014), a utilização de álcool por adolescentes está associada ao aumento do risco de abandono escolar, de agressão, de suicídio, de intoxicação por álcool e à maior probabilidade de desenvolver problemas de saúde mental, com inúmeras consequências negativas em curto e longo prazo. Como é possível analisar nas falas seguintes:

[...] o uso excessivo de álcool prejudica e agem na aprendizagem linguagem coordenação motora quem bebe em quantidade maior tem muito mais chance de abandonar a escola em relação a quem não bebe (M2).

[...] afeta muito no aprendizado fazendo porque a pessoa comece a pensar desistir (F5).

[...] a uma menina veio para escola bêbada tiveram que chamar a ambulância ela desmaiou (F11).

[...] pode fazer muito mal e também pode tirar pessoa do colégio (M4).

Evasão da escola vem sendo um problema debatido e preocupante. Suas causas podem estar relacionadas a fatores exteriores ao indivíduo ou inerentes a ele, decorrendo de situações adversas à aprendizagem.

Vários estudos sobre abandono escolar evidenciam que é um problema nacional e, a cada ano, milhares de alunos deixam os bancos da escola sem concluir a Educação Básica, tendo vários fatores internos e externos como

causadores (SILVA; LIMA, 2017). Na tabela 10 a seguir mostra o índice de abandono escolar nos anos de 2007 a 2017.

Tabela 10: Taxa de abandono escolar no Ensino Fundamental Final e Ensino Médio conforme dados do INEP (2019) turmas do Colégio A.

Indicadores	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Ensino Médio Colégio A	22,4%	20,1%	22,3%	21,1%	14,3%	19,2%	17,8%	17,2%	27,0%	28,6%	31,0%
Ensino Médio Colégio B	24,8%	14,3%	0,2%	0,8%	11,5%	0,4%	0,3%	1,7%	28,6%	14%	13,7%
Ensino Fundamental Final Colégio A	11,6%	8,4%	11,9%	11,4%	13,3%	11,9%	10,9%	8,4%	9,8%	17,7%	7,6%
Ensino Fundamental Final Colégio B	6,9%	8,0%	4,1%	7,9%	9,5%	6,7%	0,1%	2,8%	9,9%	2,1%	5,7%

Fonte: Programa de Combate ao Abandono Escolar (2019) (PARANÁ, 2019).

Segundo dados do UNICEF (2017), existem no Brasil cerca de 21 milhões de adolescentes, com idade entre 12 e 17 anos, sendo que de cada 100 estudantes que entram no Ensino Fundamental apenas 59 terminam o 9º ano. Interessante mostrar na Tabela 10 a taxa de abandono escolar do Colégio A e B pesquisados.

Os dados mostram a realidade de colégio onde o número de abandono escolar é elevado, mesmo existindo programas de apoio. Notou-se que, no ano de 2017, o índice de abandono escolar no colégio A foi de 31%, enquanto no colégio B foi de 13,7%. No entanto, esses sujeitos que abandonam ou evadem-se do colégio farão parte do contingente de cidadãos com má formação educacional, que pode comprometer a consciência de direitos e deveres, podendo encontrar limitações para assumir cargos que exigem formação acadêmica. Ainda, podem também dificultar ou comprometer a escolha com discernimento de governantes e a compreensão de que podem ter papel importante na estruturação da sociedade (AURIGLIETTI; SCHMIDLINLÖHR, 2014).

Notaram-se, no decorrer do estudo, que o abandono e a evasão escolar são termos com significados diferentes, porém quando pesquisados nos dados relacionados ao desenvolvimento dos alunos, encontram-se dados somente como abandono escolar, não sendo diferenciados os termos, sendo necessária a ampliação dos dados nas redes que disponibilizam essas estatísticas.

Um dos motivos é a transferência do Ensino Fundamental Final para o Ensino Médio, que é uma novidade na cabeça do adolescente, pois ele deixa de ser tratado como criança e agora tem “autonomia” de fazer as próprias escolhas trazendo uma confusão no pensamento de muitos, as conversas que agora passam a ser frequentes nas rodas de amigos, sobre sexo, drogas e festas (CABRAL, 2017).

[...] minha mãe, meu tio e minha tia evadiu da escola por causa da bebida ao invés de vir para a escola ia para o bar (F2).

[...] por causa de droga minha irmã evadiu (F12).

Quanto à influência da escolaridade dos pais sobre o aprendizado os filhos, existem quatro canais potenciais: pais mais escolarizados podem adquirir mais bens para o aprendizado de seus filhos; geralmente, têm parceiros com nível de escolaridade similar, o que potencializa o efeito da escolaridade; tendem a ter um padrão de comportamento em que nutrem mais expectativas em relação à escolaridade dos filhos; e tendem a possuir menos filhos (DAROS *et al.*, 2012).

[...] meu pai parou infância que foi na sétima série (F6).

[...] minha irmã porque ela bateu na menina aqui mesmo e aí ela foi expulsa por bater em uma menina, agora ela for fuma narguilé (F10).

[...] minha mãe ela evadiu, pois ela desistiu de estudar (M4).

Em um estudo realizado por Pereira (2019), um dos fatores que contribui para a evasão escolar e a gravidez precoce, nota se que muitas vezes não se dá a importância de que adolescentes consomem bebida alcoólica de forma abusiva, perdendo o controle de si e é nesses momentos em que mantém relações desprotegidas podendo ocasionar uma gravidez precoce.

[...] como posso dizer ela minha tia evadiu por assunto de gravidez mesmo em vez de vir para escola ia para festa e ela nunca mais voltou (F13).

Para Pereira (2019) é preciso identificar fatores que contribuem para a evasão e debruçar sobre eles, para que a escola conheça e reflita sobre os diferentes aspectos que permeiam no decorrer de suas atividades políticas-pedagógicas, na tentativa de oferecer uma educação que venha atender, de fato, às necessidades do indivíduo, da sociedade e principalmente superar o processo de evasão escolar que exclui, principalmente, as crianças desfavorecidas socialmente.

[...] meu pai desde pequeno ele bebia ele abandonou e nunca mais voltou (M8).  
 [...] minha mãe, pois ela falou que quando ela tava no terceiro ela vinha para o colégio e saía beber com os colegas, também nunca mais estudou (F15).  
 [...] ano passado um aluno da minha sala desistiu e eu vejo todo dia ele bebendo fumando usando maconha (F6).

Notou-se que ao evadir da escola alguns continuaram fazendo o uso de bebida e iniciaram uso por outras drogas como citado acima. O interessante foi que ao serem indagados a darem a sua opinião sobre a importância de estudar e as respostas foram:

[...] se a gente não estuda fica sem conhecimento (M3).  
 [...] se não estudar não tem futuro (F9).  
 [...] eu acho assim que essas pessoas não devem desistir do colégio [...] por que estudar é o nosso futuro (F4).  
 [...] se a pessoa parar de estudar ela para de progredir na vida dela, socialmente etc. (F13).  
 [...] muitas vezes a pessoa abandona e quando quer retornar para escola já está numa idade mais avançada aí vai ficar estranho e para ela arrumar um emprego depois disso vai ser difícil então (F1).

Esses dados indicam a importância de a escola estar preparada para lidar com esse problema em manter esse aluno ou aluna estudando e recebendo tratamento e atendimento psicológicos e assim dar sequência a um desenvolvimento apropriado e condições de manter-se sem repetir ou evadir da escola.

Enfatizando que a escola é um espaço fundamental para a formação de cidadãos capazes de fazer escolhas com autonomia e assumirem a importância imediata e futura de suas decisões, com a responsabilidade que lhes cabe (ANDREOLI *et al.*, 2006).

Partindo desses pressupostos, adolescentes deram sugestões de prevenção ao uso de bebida alcoólica e ao abandono e evasão escolar.

#### 5.10 CATEGORIA X - INDICAÇÃO DE AÇÕES DE PREVENÇÃO AO USO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS E AO ABANDONO E EVASÃO ESCOLAR

Políticas públicas e iniciativas de ações voltadas à promoção da saúde e prevenção ao uso de bebida alcoólica por adolescentes trata-se de um processo construído ao longo da vida, mediado por fatores biogenéticos e ambientais, instituições como a família, a escola e a comunidade exercem papel fundamental na

construção desse repertório de habilidades assertivas de enfrentamento das adversidades e vulnerabilidades (ZANELATTO; ZANELATTO, 2014).

Autores referem que a escola é considerada um dos principais locais para o desenvolvimento de ações de prevenção ao uso de substâncias devido ao tempo de vinculação do adolescente ao espaço escolar (SANCHEZ *et al.*, 2010). O espaço escolar se faz necessário para intervir com ações de educação em saúde e a inclusão desses temas no currículo das escolas e colégios, sobre a prevenção (PRIOTTO, NIHEI, 2016). No entanto, adolescentes relataram que nos momentos de aulas vagas, seria interessante os mesmos realizarem atividades voltadas à prevenção do uso do álcool como:

[...] acho que eles não poderiam liberar a gente nas aulas vagas porque ele só deixa dentro da escola quem vai de ônibus, pois quase todo mundo que saiu da escola vai querer beber(F1).

[...] também acho que eles não deveriam liberar nas aulas vagas pois praticamente, mas isso não acontece(F6).

[...] também não liberar nas aulas vagas, deixar aqui no pátio por que as aulas vagas os pais não sabem que você está livre, e do portão para fora a escola responsabilidade por você, você é responsável por si mesmo (F4).

[...] eu acho que deveria liberar até 10 minutos antes, não uma aula inteira, pois dá tempo de ir comprar drogas e na saída ter alguém cuidando (M2).

É importante saber que o ECA que define os adolescentes como cidadãos, sujeitos de direitos, merecedores de atenção e cuidados (BRASIL, 1990). Muitos adolescentes relataram a necessidade de segurança no ambiente escolar:

[...] eu acho que tem que ter segurança além das tias por que realmente por que as pessoas até em dias normais trazer bebida para escola (F6).

[...] ter algum segurança ali na entrada vistoria pelos acontecimentos que estão acontecendo no Brasil (F2).

[...] é preciso segurança na escola (F7).

[...] precisamos de segurança na escola (M5).

[...] a gente encontra em alguém que mostre para gente que a gente está Seguro tipo assim não só que nesse Colégio, mas em todos os colégios porque é muito fácil para você entrar com qualquer tipo de droga arma, sem chegar ao ouvido de ninguém precisava um guarda um polícia algo do tipo (M4).

[...] eu acho que colocando segurança ali já ajuda revistar os alunos (F8).

Importante lembrar que escola não deve esperar que o problema surja na sala de aula, nos banheiros, no pátio, no portão para discutir a questão. Adolescentes relataram que seria importante ter vistorias e até mesmo utilizar

equipamento para detectar alunos sob efeito de bebida alcoólica, pois seria uma barreira:

- [...] acho que precisava fazer teste do bafômetro (F9).
- [...] era bom teste do bafômetro (M2).
- [...] tipo revistarias mochila ou comércios de bebida pedir sempre documento, pois só querem ganhar dinheiro (M3).
- [...] acho que toda sociedade poderia contribuir, eu vou ao bar e eles não me vendem bebida, isso contribuiria, pois isso é uma lei menores de 18 anos não podem comprar, mas você vai lá e compra (F5).
- [...] acho interessante a revista no portão da escola (F11).
- [...] patrulha escolar ajudaria (F8).

A escola deve contribuir para o desenvolvimento dessas habilidades em seus alunos através da comunicação, da responsabilidade pela vida, da construção de convicções sobre valores que incentivem a autoestima e a empatia, com objetivo de focar na diminuição da probabilidade dos adolescentes envolverem-se com o uso de substâncias, atentando para as vulnerabilidades e promovendo proteção (VILELA; GRANDI; FIGLIE, 2014). Adolescentes relataram a necessidade de palestras educativas sobre o tema.

- [...] realizar orientações como palestra aulas vagas (F7).
- [...] eu acho que eles deveriam dar mais palestras nas escolas (F5).
- [...] tipo mais palestras nos ajudaria (F2).
- [...] conversar dar palestra (M3).

Conforme os pensamentos do educador Freire (1997), educação são essencialmente comunicação e diálogo, no qual o aluno se torna um sujeito participativo, como visto nas falas dos mesmo que colar cartaz somente não contribui com o seu desenvolvimento, assim como palestras meramente transmissíveis, que não têm a participação do sujeito.

- [...] acho que deveria ter conversa, mas a palestra para poder ajudar, que deveria ter um grupo para ajudar, mas eles só pega e cola cartaz (F13).
- [...] podia ter dinâmicas, perguntas iguais nós estamos fazendo aqui todos nós debatemos, pois nas palestras nós só ouvimos e aqui nós estamos debatendo, pois é uma coisa legal (F10).
- [...] nas palestras só fica falando e ninguém entende nada, dá sono e agente ate dorme (F2).
- [...] que nem aqueles colocam cartaz na escada, a gente desce e nem para ler os cartazes (M6).
- [...] fazendo cartaz não adianta nada acho que ele deveria debater mais esse assunto (M4).

Freire (1996) dá importante atenção à palavra conscientização para ele, o termo se relaciona necessariamente com ação, relação entre o pensar e o atuar, e é o desvelar da razão de ser das coisas. Com isso, nota-se a importância das falas dos adolescentes que ações contribuem para o seu aprendizado como:

[...] acho interessante ter campanha para parar de beber, mostrar o mal que a bebida faz, acabaria o abandono e a evasão escolar (F11).  
 [...] eu acho fazer campanha ajuda a sociedade em geral (M3).  
 [...] campanhas para não beber é interessante (F8).

Segundo Freire (1987), a orientação implica que os indivíduos assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Pode se analisar que os adolescentes sugerem além de campanha, outras medidas que pode auxiliar na prevenção do uso do álcool como grupos de apoio.

[...] poderia ter mais aulas fechada somente para esses alunos, pelo menos uma hora, nem que fosse uma vez no mês, explicar o que ocorre se você usa álcool (F5)  
 [...] grupo de apoio, sabe aquele quando as pessoas são alcoólatras (F2).  
 [...] poderia ser igual à gente está fazendo aqui esses grupos nem que fosse uma vez no mês, mostrar o que ocorre se você usar o álcool (F6).  
 [...] tipo um grupo de apoio sabe quando as pessoas são alcoólatras elas vão para o grupo de apoio dividir experiências fatos experiência isso seria legal cada um dividindo uma parte aqui contando como começou seria legal (F12).  
 [...] seria bom grupos para tirar dúvidas principalmente os mais novos poderia ser uma coisa dinâmica, com isso que a gente está fazendo aqui que não é pergunta e resposta julgando um debate todo mundo conversa (F9).  
 [...] conversa um debate o que seria legal daí vai estimular (F1).  
 [...] mostrar o que o álcool faz na vida das pessoas (M2).

Nota-se que o envolvimento da família e da escola na realização de programas educativos voltados à prevenção do uso de álcool ou de outras drogas entre adolescentes é essencial (ONRUST *et al.*, 2016), sendo o discurso dos adolescentes estudados:

[...] a escola poderia auxiliar os pais sobre o uso do álcool nessa faixa etária de idade, incentivar os pais para conversar com seus filhos porque na escola não tem como falar com todo mundo, porque é muita gente (M8).  
 [...] era uma muito boa aquelas reuniões que tem com os pais na sexta-feira, mas nem todos compareciam por causa dos empregos e sim eu acho que realmente fazer um núcleo de apoio isso ajudaria muitos alunos, assim é trabalho de formigas (M6).  
 [...] o colégio podia fazer mais reuniões com os pais fazer palestra fazer algum projeto com alunos conversar mais com eles, grupo de apoio (F15).



[...] conversar, os pais poderiam colaborar com a escola também [...] chamar os pais e conversar pode resolver o problema perguntaram o que está acontecendo por que está faltando com frequência (F12).

A família é o alicerce de qualquer indivíduo, uma vez que esta é responsável pela elaboração de relações primárias de convivência e a base de seu desenvolvimento, e quando essa família não está em condições de apoiar, o adolescente procurar preencher essa lacuna na rua com amigos próximos e, dependendo da situação vivenciada, pode ser incentivado à experimentação e ao uso de drogas (SANCHEZ *et al.*, 2010). No entanto, adolescentes relataram que a escola pode ter parceria neste momento em que o adolescente está em conflito com a família.

[...] nem sempre os pais dão esse apoio para os filhos, a direção o professor podia conversar, perguntar o porquê disso e tentar resolver o problema, nem sempre os pais resolvem isso (F12).

[...] os amigos às vezes podem ajudar a gente, mas muitas vezes pode levar para o mau caminho, então os professores seria melhor opção (F8).

A sociedade tem papel importante na orientação do adolescente oferecendo-lhe a oportunidade da informação, contribuindo para que se torne habilitado e capaz de cuidar de sua vida com melhor qualidade (ONRUST *et al.*, 2016). Nos relatos dos adolescentes, constou com a participação de profissionais da área de saúde, assim como pessoas que já realizaram tratamento para substância lícitas e ilícitas.

[...] procurar ajuda no postinho de saúde como psicólogos psiquiatras ajuda com aqueles Alcoólicos Anônimos (F14).

[...] poderiam ajudar a ter um psicólogo específico para detectar esses alunos que estão passando por esses momentos e chamar os alunos para conversar porque muitas vezes é difícil o aluno fechado chegar a alguém conversar até mesmo entre a gente muitas vezes não fala o que está passando melhor seria ter um psicólogo dentro do colégio para poder apoiar esses alunos (M8).

[...] eu acho que teria que ter uma pessoa ali para conversar porque muitas vezes a gente não comenta nem com os amigos, porque querendo ou não uma pessoa experiente ajudaria a gente, agente teria confiança (F13).

[...] ter psicólogo nas escolas (F4).

[...] acho que para auxiliar os alunos que já estão na escola alcoolatras deveria ter psicólogos ou alguma coisa do tipo que pode ajudar eles, isso seria uma ajuda para escola e para os alunos, pois se é um menor de idade vai querer essa ajuda, pois muitos não vão querer recorrer aos pais, pois muitos tomam escondido dos pais (F2).

Esses dados remetem à importância de que os adolescentes estudantes relatam a necessidade de um momento na escola para um diálogo aberto sem

preconceitos com os pais e com os adolescentes, enfatizando as consequências da utilização de tais substâncias bem como o envolvimento em atividades prazerosas, sendo essas ações alternativas que possam combater ou minimizar a utilização das bebidas alcoólicas, principalmente nesta faixa etária e como benefício educacional e também social evitar o abandono ou evasão escolar.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo conhecer a concepção de adolescentes escolares de Ensino Fundamental Final, Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos) da cidade de Foz do Iguaçu – PR quanto à relação do uso do álcool com o abandono e a evasão escolar.

Ressalta-se que, o fracasso o abandono e a evasão escolar são realidades presentes na educação básica, mesmo existindo programas educacionais essenciais que tem como objetivo de diminuir o abandono e evasão escolar, nota se que os índices de adolescentes que abandonaram ou evadiram continuam alto, sendo possível analisar as Tabelas 2 e 5 dos colégios pesquisados.

A partir dos resultados e discussões deste estudo, constatou-se que o uso de bebida alcoólica por adolescentes é uma constante, e mesmo que a venda seja proibida para menores de dezoito anos, o início do uso da bebida alcoólica pelos adolescentes do Ensino Fundamental Final e Ensino Médio e EJA, se deu muito precocemente.

Foi possível analisar que o uso precoce da bebida alcoólica se deu por influencia de familiares e amigos. **E que** muitos adolescentes utilizaram a bebida alcoólica devido à facilidade na compra e a necessidade de aceitação a novos grupos sociais, sendo possível considerar o uso da bebida como um meio facilitador dessa interação.

Observou-se que os adolescentes pesquisados reconhecem os riscos do uso de bebidas alcoólicas tanto individuais como coletivos com ênfase nos riscos na aprendizado, abandono e evasão escolar.

Da mesma forma os dados expostos por esta pesquisa, confirmaram a importância desta investigação quanto ao uso do álcool e o dano na sua saúde e formação educacional, evidenciando a necessidade em caráter de urgência de ações e intervenções a serem desenvolvidas para a promoção e prevenção. Entendendo que o uso em excesso de álcool na adolescência tornou-se um problema de saúde pública e também um problema educacional.

Dessa forma, espera-se que os dados aqui mostrados possam subsidiar informações importantes para a estruturação de políticas públicas de redução do abandono e evasão escolar.

Contudo, para a realização desta pesquisa houve muita dificuldade em encontrar pesquisas que correlacionam o uso de bebida alcoólica ao abandono e evasão escolar, no entanto, este foi relatado pelos adolescentes como um fator e meio que desencadeia riscos a saúde, dificuldade de concentração, sonolência, gravidez precoce, agitação motora a faltar nas aulas e terem dificuldade em seu desenvolvimento.

Cabe, no entanto, estruturar as escolas, colégios para realizar atividades em grupo, dinâmicas de grupo voltadas a esta faixa etária, com os temas voltados a esta problemática, do uso/consumo de álcool, sendo muitas vezes necessário trazê-los para a realidade atual destes adolescentes.

Como uma estratégia que pode facilitar a construção do conhecimento do aluno em diversas áreas do saber, é importante estudar a cultura que os cercam para que os mesmos permaneçam no ambiente escolar durante toda sua formação básica evidenciando a importância do apoio conjunto da família, escola e sociedade.

Além da escola é preciso que políticas públicas vislumbrem essa possibilidade de acompanhamento e de prevenção.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. e cols. **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Trad. S. M. G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artmed. 2000.

AGABIO, R. et al. A Systematic Review of School Based Alcohol and other Drug Prevention Programs. **Clin Pract Epidemiol Ment Health**. 2015; disponível em ><https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4378029/> acessado em jan 2020.

AGUIAR, R. M. R. A.; ALMEIDA, S. F. C. **Mal-estar na educação**: o sofrimento psíquico de professores. Curitiba: Juruá, 2011.

ALMEIDA, N. G; OLIVEIRA, R. C. Evasão na EJA: possibilidades de enfrentamento ao abandono escolar. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. versão online. vol 1. 2016 Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_ped\\_uepg\\_noemiguedindealmeida.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_uepg_noemiguedindealmeida.pdf). Acesso em: 11 jan. 2020.

ALMEIDA, R. M. et al. Uso de álcool, drogas, níveis de impulsividade e agressividade em adolescentes do Rio Grande do Sul. **Psico** (Porto Alegre). 2014; 45(1): 65-72.

ANANGA, E. D. Tipologia do abandono escolar: as dimensões e a dinâmica do abandono escolar no Gana. **Revista Internacional de Desenvolvimento Educacional**, 31 (4): 374-381, 2011.

ANDREOLLI, S. B.; MOREIRA, F. G.; SILVEIRA, D. X. Redução de danos do uso indevido de drogas no contexto da Escola Promotora de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 11(3), 807-816. 2006.

ANJOS, K. F.; SANTOS, V. C.; ALMEIDA, O. S. Perfil do consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes escolares. **Rev. Saúde. Com**, 2012; 8(2):20-31. Disponível em: <<http://www.uesb.br/revista/rsc/v8/v8n2a03.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2020.

AQUINO, J. G. O mal-estar na escola contemporânea: erro e fracasso em questão. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Erro e fracasso na escola**: alternativas teóricas e práticas. 4. ed. São Paulo: Summus, 1997, p. 91-110.

ARAUJO, P. *et al.* Substance misuse and sexual function in adolescents with chronic diseases. **Rev. paul. pediatr.** São Paulo, v. 34, n. 3, p. 323-329, Sept. 2016.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1981.

AURIGLIETTI, R. C. R.; SCHMIDLINLÖHR, S. Evasão e abandono escolar: causas, consequências e alternativas: o combate à evasão escolar sob a perspectiva dos alunos. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. 2014. [Versão Online]. Cadernos PDE. Vol. I.

AYRES, J. et al. Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In: CAMPOS, G.; MINAYO, M.C.S.; AKERMAN, M.; DRUMOND, J.R.; M.; CARVALHO, Y.M. (Orgs.). **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo: Fiocruz, 2006.

BAUMGARTEN, L. Z.; GOMES, V. L. O.; FONSECA, A. D. **Consumo alcoólico entre universitários(as) da área da saúde da Universidade Federal do Rio Grande/RS: subsídios para enfermagem**. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 530-535, Sept. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452012000300015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000300015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06 nov. 2019.

BAVA, S.; TAPERT, S. F. Adolescent brain development and the risk for alcohol and other drug problems. **Neuropsychol Rev**. v. 20, n. 1, p. 398-413, 2010.

BECKER, K. L. O efeito da interação social entre os jovens nas decisões de consumo de álcool, cigarros e outras drogas ilícitas. **Estud. Econ**. São Paulo, v. 47, n. 1, p. 65-92, Mar. 2017.

BEHRMAN, R. E.; KLIEGMAN, R. M.; JENSEN, H. B. **Nelson text book of pediatrics**. 17. ed. Philadelphia: Saunders, 2003.

BERNI, L.; ROSO, A. V. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Psicologia & Sociedade**, 26, 2014.

BISPO, G. M. B. **Significado de família para adolescentes com uso problemático de drogas**. 2011. 115f. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 218-227.

BRASIL. **Constituição Federal**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**: Estatuto da Criança e do Adolescente. Presidência da República Federativa do Brasil: Casa Civil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm). Acesso em: 28 jan. 2020.

BRASIL. **Lei nº. 9.294 de 15 de julho de 1996**. Dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumíferos, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas, nos termos do parágrafo 4º do artigo 220 da Constituição Federal. Diário Oficial da União 1996; 16 jul.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, Brasil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 28 jan. 2020.

BRASIL. **Lei Estadual nº 16.049, de 19 de fevereiro de 2009. Dispõe que terá direito à matrícula no 1º. Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos, a criança que completar 6 anos até o dia 31 de dezembro do ano em curso**. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/pagina-401.html>. Acesso em: 04 fev.2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes Nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde. 2010.

BRASIL.4 META.**Todo jovem com 19 anos com ensino médio concluído**. Disponível em: [https://www.todospelaeducacao.org.br/\\_uploads/\\_posts/128.pdf](https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/128.pdf). Acesso em: 23 set.2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p.

CABRAL, C. G. L. **Evasão Escolar**: o que a escola tem a ver com isso? Universidade do Sul de Santa Catarina. 2017. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Carine.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2019.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**: normalidade e psicopatologia. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CARDOSO, L. R. D.; MALBERGIER, A. A influência dos amigos no consumo de drogas entre adolescentes. **Estud Psicol**. [Internet]. 2014 mar; 31(1):65-74.

CARLINI, E.A.; NOTO, A.R.; SANCHEZ, Z.M.; CARLINI, C.M.A.; LOCATELLI, D.P.; ABEID, L.R.; MOURA, Y.G. **VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras**. São Paulo: Cebrid, 2010. Disponível em: <https://www.cebrid.com.br/vi-levantamento-estudantes-2010/>. Acesso em: 08 já.2010.

CARMO, G. T. **O enigma da Educação de Jovens e Adultos: um estudo das evasões e retornos à escola sob a perspectiva da teoria do reconhecimento social**. 2010. Disponível em: [www.seeja.com.br](http://www.seeja.com.br). Acesso em: 30 nov. 2019.

CARVALHO, D. P. A Nova Lei de Diretrizes e Bases e a formação de professores para a educação básica. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v. 5, n. 2, p. 81-90, 1998.

CARVALHO, A. P. *et al.* Consumo de álcool e violência física entre adolescentes: quem é o preditor? **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, p. 4013-4020, dez. 2017.

CAVALCANTE, M. B. P. T.; ALVES, M. D. S.; BARROSO, M. G. T. Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, 2(3), 555-559.2008.

CÉSAR, M. R. A. **A invenção da “adolescência” no discurso psicopedagógico.** 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

Centro de informação sobre o uso de álcool (CISA). **Álcool: Origem e Composição.** 2004. Disponível em <https://cisa.org.br/index.php/pesquisa/artigos-cientificos/artigo/item/74-alcool-origem-e-composicao>. Acessado em abril de 2020.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHECCHIA, A. K. A. **Adolescência e escolarização:** uma perspectiva crítica em psicologia escolar. Campinas: Alínea, 2010.

CHIAPETTI, N. **Comportamento de risco em pré-adolescentes institucionalizados.** Tese de Doutorado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP. 2001.

COHEN, R. H. P. **A lógica do fracasso escolar:** psicanálise & educação. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

COUTINHO, R. X.; DOS SANTOS, W. M.; FOLMER, V.; PUNTEL, R. L. Prevalência de comportamentos de risco em adolescentes. **Cad. Saúde Colet**; 21(4): 441-449. 2013.

COUTINHO, E.S.F. *et al.*: Patterns of alcohol consumption in brazilian adolescents. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, n. 1, p.1-9, 2016.

DALLO, L.; MARTINS, R. A. Uso de álcool entre adolescentes escolares: um estudo-piloto. **Paidéia** [Internet]. 2011[cited 2019 dec 22]; 21(50): 329-334. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n50/05>. Acesso em: 28 jan.2020.

DAROS, F.; POTMTEIER, S.; WESSILING, L. A estrutura familiar e a educação. **Revista Técnica Científica (IFSC)**, U.3, nº 1, 2012.

DEDESCHI, S. C. C. **Bilhetes reais e/ ou virtuais: uma análise construtivista da comunicação entre escola e família.** Campinas, SP. 2011. XXX f. 278 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

DIEHL, A.; FIGLIE, N.B. Prevenção ao uso de álcool e drogas: o que cada um de nós pode e deve fazer? Porto Alegre: Artmed, 2014.



DORE, R.; LÜSCHER, A. Z. Permanência e evasão na educação técnica de nível médio em Minas Gerais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n. 144, p. 770-89, dez.

DUTTON, C.E *et al.* Posttraumatic stress disorder and alcohol dependence: individual and combined associations with social network problems. **J AnxietyDisord**. 2014; 28(1):67-74.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **AdolescSaude** 2005; 2(2):6-7.

ERICKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Jarar, 1976.

ESPÍNOLA, F. A. L. **Fatores determinantes da evasão escolar no ensino médio**. 43f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC). Guarabira: UEPB, 2010.

FADEN, V. Epidemiology. In: GALANTER, M. (ed.). **Recent developments in alcoholis**. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers; 2005. v.17, p.1-4.

FAIAL, L. C. M. *et al.* Vulnerabilidades na adolescência: um campo oportuno para a prática da saúde: revisão integrativa. **Rev. enferm. UFPE on line**;10(9):3473-3482, set. 2016.

FARIA, R. *et al.* Propaganda de álcool e associação ao consumo de cerveja por adolescentes. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 441-447, June 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102011000300001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102011000300001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06 nov. 2019.

FERREIRA, M. *et al.* Escala de envolvimento como álcool para adolescentes (AAIS): análise factorial confirmatória. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n.5, p. 39-43, ago. 2017.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.) **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL; p.141-172, 2009.

FONTES, C. **O drama do insucesso escolar**. Lisboa. Portugal, 2003.

FORNARI, L. T. Reflexões acerca da reprovação e evasão escolar e os determinantes do capital. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, RS, v. 17, n. 1, p. 112-124, jan./jun. 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez; 1991.

FREIRE, P. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Cenário da Infância e Adolescência no Brasil 2017**. Disponível em: <https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Cenario-2017-PDF.pdf>. Acesso em: 23 set.2019.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 2000.

GALDURÓZ, J. C.; SANCHEZ, Z. V. D. M.; OPALEYE, E. S.; NOTO, A. R.; FONSECA, A. M.; GOMES, P. L. S.e cols. Fatores associados ao uso pesado de álcool entre estudantes das capitais brasileiras. **Rev Saúde Pública**, 44(2), 267-273, 2010.

GARCIA, L.Pet *al.* Uso de álcool como causa necessária de morte no Brasil, 2010 a 2012. **Rev Panam Salud Pública [Internet]**. 2015 ; 4(38):418-24. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v38n5/v38n5a10.pdf>. Acesso em: 06 nov.2019.

GASPARINI, H. D. **Uso de drogas entre estudantes universitários**. 2003, 126f. (Dissertação em Psicologia). Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco; Mato Grosso, 2003.

GATTI, B. Formação de professores para o ensino fundamental: instituições formadoras e seus currículos. **Estudos & Pesquisas Educacionais**. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, B. M. R. **A influência da família no consumo de álcool na adolescência**. 2012.175f. Tese (Doutorado em Enfermagem) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

GUIMARÃES, A. **Indisciplina e violência**: a ambiguidade dos conflitos na escola. São Paulo: Summus, 1996.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_media/ibge/arquivos/7d410669a4ae85faf4e8c3a0a0c649c7.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/7d410669a4ae85faf4e8c3a0a0c649c7.pdf). Acesso em: 28 jan.2020.

IDEB. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. Formação em Ação, 2012.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Informe estatístico do MEC revela melhoria do rendimento escolar**, 1998.

KANN, L. *et al.* **Youth risk behavior surveillance**. United States, 65(6):1-174, 2015.

KAZDIN, A. E. Adolescent mental health: Prevention and treatment programs. **American Psychologist**, 48(2), 127-141.1993.

LARROSA, S. L.; PALOMO, J. L. R. A. Factores de riesgo y de protección en el consumo de drogas en adolescentes y diferencias según edad y sexo. **Psicothema**, 22(4),568-573, 2010.

LEVISKI, D. L. **Adolescência**: reflexos psicanalíticos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LOPES, A.P.; REZENDE, M. M. Consumo de substâncias psicoativas em estudantes do ensino médio. **Psicol. teor. Prat [Internet]**. 2014. 16(2). Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872014000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872014000200003). Acesso em: 28 jan.2020.

LOSACCO, S. O jovem e o contexto familiar. In: ACOSTA, A. R.;VITALE, M. A. F. (Orgs.).**Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez - Instituto de Estudos Especiais - PUC/SP, 2005.

MALBERGIER, A.; CARDOSO, L. R. D.; AMARAL, R. A. D. Uso de substâncias na adolescência e problemas familiares. **CadSaude Publica**; 28(4):678-688. 2012.

MALTA, D.C.*et al.*Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. **RevBrasEpidemiol**; 14(1):136-146, 2011.

MALTA, D.C.*et al.* Exposição ao álcool entre escolares e fatores associados. **Rev. Saúde Pública**. 2014; 48(1):52-62.

MAITÊ, R. S.; ARRAES, R. A. **Determinantes da Evasão e da Repetência Escolar**. Disponível em:[http://www.bnb.gov.br/documents/160445/226386/ss2\\_mesa2\\_artigos2014\\_determinantes\\_evasao\\_repetencia\\_escolar.pdf/ad70eaa8-0185-4455-a380-3f97c33fbe5d](http://www.bnb.gov.br/documents/160445/226386/ss2_mesa2_artigos2014_determinantes_evasao_repetencia_escolar.pdf/ad70eaa8-0185-4455-a380-3f97c33fbe5d).Acesso em:12 mai. 2018.

MEIRELES, A. C. A.; CINTRA, D. F. Fatores de risco para o uso de drogas: considerações sobre a saúde mental de adolescentes brasileiros. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed.04, Vol. 04, pp. 125-141, Abril de 2018.

MENDES, L. R.; TEIXEIRA, M. L. O.; FERREIRA, M. A. **Bebida alcoólica em La adolescencia: el cuidado-educación como estrategia de acción de La enfermería**. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 158-164, Mar. 2010.

MICHELI, D. *et al.* (Org.). **Neurociências do abuso de drogas na adolescência: o que sabemos?**São Paulo: Atheneu, 2014.

MINAYO, M. C. S. **Os limites da exclusão social: meninos e meninas de rua no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MINAYO, M. C. S. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cafajeste. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. S7-S18, 1994. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1994000500002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 jan.2020.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 35-42, jan.1998.

MINAYO, M.C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2013.

MOLA, Rachel *et al.* Uso de preservativo e consumo de bebida alcoólica em adolescentes e jovens escolares. **Einstein (São Paulo)**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 143-151, June 2016.

MONTEIRO, C. F. S.; DOURADO, G. O. L.; GRAÇA, C. A. G.; FREIRE JR., A. K. N. Relatos de mulheres em uso prejudicial de bebidas alcoólicas. **Escola Anna Nery**, 15(3), 567-572. 2011.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research**. (2nd ed.). Thousand Oaks, California: Sage, 1997.

MOURA, N. A.; MONTEIRO, A. R. M.; FREITAS, R. J. M. Adolescents using (il)licit drugs and acts of violence. **Journal of Nursing UFPE on line**. 1981-8963, [S.l.], v. 10, n. 5, p. 1685-1693, apr. 2016.

NATIONAL INSTITUTE ON ALCOHOL ABUSE AND ALCOHOLISM (NIAAA). The doctor's guide to help patients with alcohol problems. Washington: NIAAA; 1995.

NEVES, K. C.; TEIXEIRA, M. L. O.; FERREIRA, M. A. Fatores e motivação para o consumo de bebidas alcoólicas na adolescência. **Esc. Anna Nery**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 286-291, June 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452015000200286&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452015000200286&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 jan.2010.

NOSELLA, P. Trabalho e educação. In: GOMES, C. M. (Org.). **Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez, 1989, pp. 39-58.

OLIVEIRA, W.A.*et al.* In-terfaces between family and school bullying: an systematic revision. **Psico-USF. [Internet]**. 2015 [citeddec 10, 2019];20(1):121-32.

OLIVEIRA, M. N. R.; RAMOS, R. Y. A. N. Condições psicológicas e comportamentos sexuais de adolescentes. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 34, n.87, p. 350-363, 2016.

OLIVEIRA, M.; ARGIMON, I. Terapia cognitivo-comportamental em grupo: adolescentes e dependência química. In: NEUFELD, C. B. **Terapia cognitivo-comportamental em grupo para adolescentes**. Porto Alegre, Artmed. 2015, pp. 189-201.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD (OPAS). 1993. **Resolución XIX: Violencia y Salud**. Washington, DC: Opas. (Mimeo.).

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Relatório mundial de violência e saúde**. Genebra: OMS, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre álcool e saúde**. 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Alcohol**. 2015. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs349/en/>. Acesso em 28 jan. 2020.

ONRUST, S. A.; OTTEN, R.; LAMMERS, J.; SMIT, F. School-based programmes to reduce and prevent substance use in different age groups: What works for whom? Systematic review and meta-regression analysis. **Clin Psychol Rev. [Internet]** 2016 Mar; 44: 45-59. Acessado em 16 jan 2020.

PAEZ, E.; POSADA, I. C. Significados al consumo de alcohol en habitantes de una comunidad rural, Antioquia, Colombia, 2010-2011. **Revista Ciencias de la Salud**, Bogotá, v. 13, n. 1, p. 77-90, jan. 2015.

PAIVA, V. *et al.* Revolução Educacional e Contradições da Massificação do Ensino. **Contemporaneidade e Educação**. Rio de Janeiro, n.3, 1998.

PAIVA, P. C. *Pet al.* **Consumo de álcool em bingo por adolescentes escolares de 12 anos de idade e sua associação com sexo, condição socioeconômica e consumo de álcool por melhores amigos e familiares**. 2015.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Saúde. **Lei nº 16.049 de 19 de fevereiro de 2009. Dispõe que terá direito à matrícula no 1º ano do ensino fundamental de nove anos, a criança que completar 6 anos até o dia 31 de dezembro do ano em curso**. Curitiba: DOU, 20 fev. 2009.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Criança e da Juventude. **Compreendendo o Adolescente**. 2. ed. Curitiba, 2010. (Cadernos de Socioeducação). Disponível em:

[http://ens.ceag.unb.br/sinase/ens2/images/Biblioteca/Livros\\_e\\_Artigos/cadernos\\_de\\_socioeducacao/CADERNOS%20DE%20SOCIOEDUCA%C3%87%C3%83O.%20Comp%20reendendo%20o%20adolescente.pdf](http://ens.ceag.unb.br/sinase/ens2/images/Biblioteca/Livros_e_Artigos/cadernos_de_socioeducacao/CADERNOS%20DE%20SOCIOEDUCA%C3%87%C3%83O.%20Comp%20reendendo%20o%20adolescente.pdf) Acesso em: 24 abr. 2020.

PARANÁ. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. In: GIRARDI, L.C.; ORZECOWSKI, S.T. **Distorção idade-série: desafio de uma educação de qualidade para todos**. Curitiba: SEED, 2016. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_ped\\_unicentro\\_lisianececchele.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unicentro_lisianececchele.pdf). Acesso em: 26 jan. 2020.

PARANÁ. **Programa de combate ao abandono escolar**. Curitiba: SEED, 2018. Disponível em: [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/combate\\_abandono\\_escolar/pcae\\_2ed.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/combate_abandono_escolar/pcae_2ed.pdf). Acesso em: 14 fev. 2019.

PARANÁ. **NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO**. Curitiba: SEED, 2019. Disponível em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=943>. Acesso em: 14 fev. 2019.

PAROLIN, I. **Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem**. Curitiba: Positivo, 2007.

PATTO, M. H. Para uma crítica da razão psicométrica. **Psicologia USP**. São Paulo, vol. 8, nº 1, p. 47-62, 1997.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1999.

PEREIRA, M. C. Evasão escolar: causas e desafios. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 04, Ed. 02, Vol. 01, pp. 36-51. Fevereiro de 2019.

PEROVANO, D. G. **Manual de metodologia científica para a segurança pública e defesa social**. Curitiba: Juruá, 2014.

PILLONS, C. Atitudes dos enfermeiros com relação ao alcoolismo: uma avaliação de conhecimentos. **RevEletrEnfer [online]**. 2005 [acesso 2019 dez 10]; 7(3). Disponível em: [http://www.fen.ufg.br/Revista/revista7\\_3/original\\_07.htm](http://www.fen.ufg.br/Revista/revista7_3/original_07.htm).

PINHEIRO, M. O. E. **Evasão escolar no ensino fundamental: reflexos e consequências futuras**. 2018. 24. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade Anhanguera, Valparaíso de Goiás, 2018.

PECHANSK, F. *et al.* Álcool entre adolescentes. **RevBrasPsiquiatr**; 26(Supl):14-17.2004.

PEREIRA, M. R. **A psicanálise escuta a educação**: 10 anos depois. Belo Horizonte: Fino Traço, Fapemig. Org, 2012.

PINHEIRO, M. A. et al. Prevalência e Fatores Associados ao Consumo de Álcool e Tabaco entre Estudantes de Medicina no Nordeste do Brasil. **RevBras de Educ Médica [Internet]**.2017 [cited 2019 dec 22]; 41 (2): 231-250. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v41n2/1981-5271-rbem-41-2-0231.pdf> 11.

POZZOBON. M.; MAHENDRA, F.; MARIN, A.H. Renomeando o fracasso escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. volume 21, número 3, setembro/dezembro de 2017: pp.387-396.

PRATI, L. E.; COUTO, M. C. P. P.; KOLLER, S. H. Famílias em vulnerabilidade social: rastreamento de termos utilizados por terapeutas de família. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2009, vol.25, n.3 [cited 2020-01-10], pp.403-408. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722009000300014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722009000300014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PRIOTO, E. P. Escola e Adolescência. In: MALAGUTTI, W.; BERGO, A. M. A. (Org.). **Adolescentes uma abordagem multidisciplinar**. São Paulo: Martinari, 2009, v. 1, p. 215-238

PRIOTTO, E. **Violência escolar**: políticas públicas e práticas educativas no município de Foz do Iguaçu. Cascavel: Edunioeste, 2011.

PRIOTTO, E. P.; NIHEI, O.K. **Perfil do adolescente e jovem na tríplice fronteira**: Brasil, Argentina e Paraguai. Curitiba: CRV, 2016.

PRIOTTO, E. M. T. P.; SILVA, M. A. Consumo de álcool e drogas e participação em violência por adolescentes de uma região trinacional. **SMAD Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 3, p. 1-9, set. 2019. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-69762019000300002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762019000300002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 jan. 2020.

RAIZEL, R. *et al.* Comportamentos de risco à saúde de adolescentese atividades educativas da Estratégia Saúde da Família em Cuiabá, Mato Grosso, 2011. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 291-299, June2016.

REICHERT, R. A. *et al.* Conceitos de dependência e vulnerabilidade ao uso de drogas. In: ESTEIO. Prefeitura Municipal de Esteio. **Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no contexto escolar e outros espaços**: fortalecendo as redes sociais e de cuidados. Conselho Municipal de Políticas sobre Drogas. Brasília. Technopolitik, 2019.

REIS, T. G.; OLIVEIRA, L. C. M. Padrão de consumo de álcool e fatores associados entre adolescentes estudantes de escolas públicas em município do interior brasileiro. **Rev. bras. epidemiol.** São Paulo, v. 18, n. 1, p. 13-24, Mar. 2015.

RODRIGUES, A; CHECHIA, V. A. Fracasso escolar e processo de ensino e aprendizagem. **Psicologia - Saberes & Práticas**, n.1, v.1, 29-36, 2017.

ROSA, L.C.S *et al.* **Articulando a RAPS**: a construção de novas práticas e saberes no Piauí. Brasília: Verbis Editora, 2015.

ROSA, A.; LOUREIRO, L.; SEQUEIRA, C. Literacia em saúde mental sobre abuso de álcool em adolescentes: desenvolvimento de um instrumento de medida. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. 16, p. 59-68, dez. 2016.

ROZIN, L; ZAGONEL, I. P. S. Fatores de risco para dependência de álcool em adolescentes. **Acta Paul Enferm.** v. 25, n 2, p. 314-8. 2012.

RUCHEINSCKY, A. A violência descortinando a educação: a polêmica de decifrar a prática social. In: LAMPERT, E. (org.). **Educação, cultura e sociedade**: abordagens múltiplas. Porto Alegre: Sulina, 2004.

SANTOS, M. D. *et al.* Percepção de adolescentes e jovens acerca da fisiopatologia do álcool e a influência desta sobre o consumo. **Rev. enferm. UFPE online**; 10(9):3241-3250, set. 2016.

SANTOS. O. S. **Evasão na educação profissional a situação do Colégio Estadual Bolívar Santana diante da gestão socioeducacional**.v. 11, n. 1 (2018) [citeddec 10, 2019]. Disponível em: [eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/](http://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/). Acesso em: 28 já.2020.

SARAIVA. A. M. A. **Dicionário de Verbetes**. Disponível em [http://www.gestrado.org/?pg=dicionario verbetes & id=391](http://www.gestrado.org/?pg=dicionario%20verbetes%20&id=391). Acesso em: 18 abr. 2019.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 7ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SANCHEZ, Z. V. D. M. *et al.* The role of information as a preventive measure to the drug use among young people at risk. **Ciênc. Saúde Colet.** [Internet]. 2010 May;15(3):699-708.

SBP, D. A. Uso e abuso de álcool na adolescência. **AdolescSaude**. 2007;4(3):6-17. Disponível em: [http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=93](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=93). Acesso em: 26 dez. 2019.

SCIVOLETTO, S. Mudanças psicológicas na adolescência e o uso de drogas nesta faixa etária. In: SILVA, E. A.; MICHELI, D. (Orgs.) **Adolescência, uso e abuso dedrogas**: uma visão integrativa. São Paulo: Editora Fap-Unifesp; 2011. p. 71-90.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas: uma revisão da literatura. **CadSaude Publica**, v. 20, p. 649-659, 2004.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C.S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 10, n. 3, p.707-717, set. 2005.



SCHENKER, M.; CAVALCANTE, F. G. Vulnerabilidade, família, abuso, dependência de drogas e violência. In: SILVA, E.A.; MOURA, Y.; ZUGMAN, D. K. (Orgs.), **Vulnerabilidades, resiliência e redes: uso, abuso e dependência de drogas**. São Paulo: Red Publicações, 2015.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.  
SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE (SES). Coordenadoria de Controle de Doenças. Programa Estadual DST/Aids. Centro de Referência e Treinamento em DST/Aids. **O tempo não para: experiências de prevenção às DST, HIV e Aids com e para adolescentes e jovens**. São Paulo, 2013.

SILVA, F. C. Evasão escolar na EJA nas escolas da rede municipal de Assu/RN: contextos de uma realidade pedagógica e curricular. In: Congresso internacional da cátedra Unesco de educação de jovens e adultos, 1., 2010, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UNESCO, 2010.

SILVA, C. M. **Drogas dentro do Espaço Escolar: um estudo sobre como a Escola de Aplicação da FEUSP lida com a questão**. 2016. 63f. Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. 2016.

SILVA FILHO R. B.; LIMA ARAÚJO, R. M. L. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil. **Educação por escrito**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 35-48, jan.-jun. 2017. Disponível em: file:///C:/Users/fernanda/Downloads/24527-114840-2-PB%20(3).pdf. Acesso em: 03 dez. 2019.

SILVEIRA, H. S. *et al.* Efeitos das drogas lícitas e ilícitas na percepção de adolescentes: uma abordagem de enfermagem. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 21, n. 6, p. 748-753, 2014.

SOUSA A. A.; SOUSA T. P.; QUEIROZ M. P.; SILVA E. S. L. Evasão escolar no ensino médio: velhos ou novos dilemas? **Vértices**, 2011.

SOUZA, D. P. O.; ARECO, K. N.; SILVEIRA FILHO, D. X. Álcool e alcoolism entre adolescentes da rede estadual de ensino de Cuiabá, Mato Grosso. **RevSaude Publica**, v. 39, p. 585-592, 2005.

SOUZA, A. P. *et al.* **Fatores associados ao fluxo escolar no ingresso e ao longo do ensino médio no Brasil**. Pesquisa e Planejamento Econômico, Brasília, 2012. Disponível em: <http://ppe.ipea.gov.br/index.php/ppe/article/viewFile/1322/1110> Acessado em: 14 set. 2019.

SOUZA, J. *et al.* Consumo de drogas e conhecimento sobre suas consequências entre estudantes de graduação em enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e5540016, 2018.

SOTTO MAIOR NETO, O.S. **Introdução**: programade fortalecimento das bases de apoio familiares e comunitários nas escolas. Estatuto da Criança e do Adolescente. Piraquara, 2004.

STEINBERG, L. A dual systems modelofadolescentrisk-taking. **Dev Psychobiol**; 52(3):216-224.2010.

TAVARES, F. B. *et al.* **Intervindo na Relação Escola e Drogas**. In: XI ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, UFPB Teresina, 2008.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

UOL EDUCAÇÃO. **Brasil tem 3ª maior taxa de evasão escolar entre 100 países, diz Pnud**. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/03/14/brasil-tem-3-maior-taxa-de-evasao-escolar-entre-100-paises-diz-pnud.htm>. Acesso em: 02 mai. 2018.

UNICEF. **O direito de ser adolescente**: oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades. Brasília: UNICEF, 2011.

UNICEF. **Cenário da exclusão escolar no Brasil (2017)**. Disponível em: <https://buscaativaescolar.org.br/downloads/guias-e-manuais/busca-ativa-escolar-v10-web.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.

UNESCO (Instituto de Estatística da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) 2009. **Indicadores de educação**: Diretrizes técnicas. Disponível em: [http://www.uis.unesco.org/Library/Documents/eigu\\_ide09-en.pdf](http://www.uis.unesco.org/Library/Documents/eigu_ide09-en.pdf). Acesso em: 03 dez. 2019.

VALIM, G.G.; SIMIONATO, P.; GASCON, M.R.P. Alcohol consumption in adolescence: literature review. **AdolescSaude**; 14(4):184-194.2017.

VIEIRA, S. L.; FARIAS, I. M. S. **Política Educacional no Brasil**: introduçãohistórica. Brasília: Liber Livro, 2007.

**Grandi, C. G.; Vilela, T. R.; Figlie, N. B.** Children of substance abusers: psychosocial profile of children and adolescents. 19 Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 22, n. Suplemento Especial, p. 17-26, **2014**.

XAVIER, M. L. M. (org.). **Disciplina na escola**: enfrentamento e reflexões. Porto Alegre: Mediação, 2002.

WANG, C., HIPPI, JR.; BUTTS, C.T.; JOSE, R.; LAKON, C.M. Alcohol use among adolescent youth: The role of friendship networks and family factors in multiple school studies. **PLoS One**. [Internet]. 2015 Mar;10(3): e0119965.

WESSELOVICZ, A. A. G. *et al.* Fatores associados ao consumo de bebidas alcoólicas pelos adolescentes de uma Escola Pública da cidade de Maringá, Estado do Paraná. **Acta Scientiarum Health Science**, v. 30, n. 2, p. 161-166, 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Action needed to reduce health impact of harmful alcohol use**. 2011. Disponível em: [http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2011/alcohol\\_20110211/en/](http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2011/alcohol_20110211/en/)>. Acesso: 06 ago. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Violence and Injury Prevention**. World report on violence and health [Internet]. Geneva: WHO; 2015. Disponível em: [http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/world\\_report/en/](http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/). Acesso em: 02 dez.2019.

ZAGO, N. Fracasso e sucesso escolar no contexto das relações família e escola: Questionamentos e tendências em sociologia da educação. **Revista Luso-Brasileira**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.pucrio.br/17155/17155.PDFXXvmi>. Acesso em: 05 ago.2018.

ZAITTER, M. A. B. **Drogadição**: drogas e consequências. São Paulo: Lovise.1994.

ZAPPE, J. G.; ALVES, C. F.; DELL AGLIO, D. D. Comportamentos de risco na adolescência: revisão sistemática de estudos empíricos. **Psicol. rev.** (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 79-100, jan. 2018. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682018000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 08 jan. 2020.

ZANELATTO, N. A.; ZANELATTO, R. Resiliência. In: DIEHL, A.; FIGLIE, N. B. (Org.). **Prevenção ao uso de álcool e drogas**: o que cada um de nós pode e deve fazer? Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 338-352.

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisadoras: Fernanda Carminati de Moura – 45 99514464; Prof. Dra Elis Maria Teixeira Palma Priotto – 45 35768100.

Convidamos seu-sua filho (a) a participar da pesquisa intitulada “O uso de álcool por adolescentes e o abandono ou evasão escolar ” o presente estudo está sendo desenvolvido por meio do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Ensino, nível mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Foz do Iguaçu e tem como objetivo geral do estudo foi conhecer a opinião de adolescentes escolares de ensino fundamental final, ensino médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos) da cidade de Foz do Iguaçu – PR quanto à relação do uso/consumo do álcool na evasão e abandono escolar. Como objetivos específicos: Examinar as principais causas relacionadas ao uso do álcool e o aprendizado citados pelos adolescentes que estão frequentando a escola; Avaliar se o álcool é uns dos fatores que contribui com o abandono e evasão escolar na faixa etária de 10 a 19 anos; Analisar a opinião dos adolescentes quanto aos meios que podem ser utilizados para prevenir o abandono escolar a evasão e o uso de álcool. Sua participação é voluntária e será muito importante para realização desta pesquisa. Você não terá despesas pessoais em qualquer fase do estudo e também não haverá compensação financeira relacionada à sua participação. De acordo com a Resolução n. 466/12 do Conselho nacional de Ética em Pesquisas, garanto-lhe que seu nome será mantido em sigilo e as informações colhidas serão para uso somente desta pesquisa e a divulgação dos resultados em trabalhos científicos. Esclarecemos que será garantido o direito de poder se retirar em qualquer momento do projeto caso não queira participar das atividades propostas, sem que isso lhe cause prejuízos ou penalidades. Desde já agradecemos sua colaboração e solicitamos ainda a declaração de seu consentimento livre e esclarecido neste documento. Acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito das informações sobre o estudo acima citado que li ou que foram lidas para mim. Eu discuti com o pesquisador \_\_\_\_\_, sobre a decisão do(a) mesmo(a) em participar desse estudo. Declaro estar ciente, de que a entrevista será gravada, transcrita e analisada e os resultados serão utilizados somente para esta pesquisa e serão divulgados em trabalhos científicos. Recebi a garantia de que meu nome não será revelado e tendo recebido o contato da pesquisadora poderei pedir para sair desta pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo ou penalidades. Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa.

Assinatura do participante:

Assinatura do pesquisador:

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

## APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO

Pesquisadoras: Fernanda Carminati de Moura – 45 99514464;

Prof. Dra. Elis Maria Teixeira Palma Priotto – 45 35768100.

Convidamos você a participar da pesquisa intitulada “O uso de álcool por adolescentes e o abandono ou evasão escolar ” o presente estudo está sendo desenvolvido por meio do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Ensino, nível mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus Foz do Iguaçu e tem como objetivo geral do estudo foi conhecer a opinião de adolescentes escolares de ensino fundamental final, ensino médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos) da cidade de Foz do Iguaçu – PR quanto à relação do uso/consumo do álcool na evasão e abandono escolar. Como objetivos específicos: Examinar as principais causas relacionadas ao uso do álcool e o aprendizado citados pelos adolescentes que estão frequentando a escola; Avaliar se o álcool é uns dos fatores que contribui com o abandono e evasão escolar na faixa etária de 10 a 19 anos; Analisar a opinião dos adolescentes quanto aos meios que podem ser utilizados para prevenir o abandono escolar a evasão e o uso de álcool. Sua participação é voluntária e será muito importante para realização desta pesquisa. Você não terá despesas pessoais em qualquer fase do estudo e também não haverá compensação financeira relacionada à sua participação. De acordo com a Resolução n. 466/12 do Conselho nacional de Ética em Pesquisas, garanto-lhe que seu nome será mantido em sigilo e as informações colhidas serão para uso somente desta pesquisa e a divulgação dos resultados em trabalhos científicos. Esclarecemos que será garantido o direito de poder se retirar em qualquer momento do projeto caso não queira participar das atividades propostas, sem que isso lhe cause prejuízos ou penalidades. Desde já agradecemos sua colaboração e solicitamos ainda a declaração de seu consentimento livre e esclarecido neste documento. Acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito das informações sobre o estudo acima citado que li ou que foram lidas para mim. Eu discuti com o pesquisador \_\_\_\_\_, sobre a decisão do (a) mesmo (a) em participar desse estudo. Declaro estar ciente, de que a entrevista será gravada, transcrita e analisada e os resultados serão utilizados somente para esta pesquisa e serão divulgados em trabalhos científicos. Recebi a garantia de que meu nome não será revelado e tendo recebido o contato da pesquisadora poderei pedir para sair desta pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo ou penalidades. Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa.

Assinatura do participante:

Assinatura do pesquisador:

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

## APÊNDICE C – GRUPO FOCAL

Questões norteadoras:

Primeiro dia do grupo focal foi apresentado às seguintes questões:

Quais os conhecimentos que vocês têm sobre o álcool?

Como foi o primeiro acesso ao uso de bebida alcoólica?

Você conhece alguém que abandonou ou evadiu-se da escola por utilizar o álcool?

Segundo dia do Grupo Focal foi apresentado às seguintes questões:

Cite as causas que podem estar relacionadas ao uso do álcool e estar na escola estudando?

Como você relaciona o uso de álcool ao aprendizado?

Na tua opinião o adolescente que faz uso/consumo de álcool pode abandonar ou evadir-se da escola?

Terceiro dia (último dia) de cada Grupo Focal foi apresentado as seguintes questões:

O que poderia ser feito (o que você propõe)?

Na tua opinião qual o papel da escola para prevenir o uso álcool pelos adolescentes?

Qual tua sugestão para o aluno adolescente que usa ou consome álcool não abandonar ou evadir-se da escola?

## ANEXO 1- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIOESTE - CENTRO DE  
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** O uso de álcool por adolescentes e o abandono ou evasão

**Pesquisador:** Elis Maria Teixeira Palma Priotto

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 93757318.9.0000.0107

**Instituição Proponente:** Universidade Estadual do Oeste do Paraná/ UNIOESTE

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.609.116

**Apresentação do Projeto:**

Reapresentação

**Objetivo da Pesquisa:**

Reapresentação

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Reapresentação

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Reapresentação

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

A proponente acrescentou argumentação sobre os riscos da pesquisa conforme exigência de parecer anterior do CEP Unioeste

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovação

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_P	05/08/2018	

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 2089

Bairro: UNIVERSITARIO

CEP: 85.819-110

UF: PR

Município: CASCAVEL

Telefone: (45)3220-3062

E-mail: cep.pppg@unioeste.br

UNIOESTE - CENTRO DE  
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.009.116

Básicas do Projeto	ETO_1156288.pdf	15:11:57		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	HJ.docx	06/08/2018 15:09:49	FERNANDA CARMINATI DE MOURA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	06/08/2018 15:07:37	FERNANDA CARMINATI DE MOURA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TA.pdf	06/08/2018 15:07:05	FERNANDA CARMINATI DE MOURA	Aceito
Outros	DA.pdf	06/07/2018 11:21:56	FERNANDA CARMINATI DE MOURA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DE.pdf	06/07/2018 11:20:38	FERNANDA CARMINATI DE MOURA	Aceito
Outros	GF.pdf	06/07/2018 11:10:01	FERNANDA CARMINATI DE MOURA	Aceito
Orçamento	OR.docx	06/07/2018 11:06:42	FERNANDA CARMINATI DE MOURA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CP.pdf	06/07/2018 11:04:33	FERNANDA CARMINATI DE MOURA	Aceito
Cronograma	CRO.docx	06/07/2018 11:02:16	FERNANDA CARMINATI DE MOURA	Aceito
Folha de Rosto	fl.pdf	06/07/2018 10:58:54	FERNANDA CARMINATI DE MOURA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: RUA UNIVERSITARIA 2069  
 Bairro: UNIVERSITARIO CEP: 85.819-110  
 UF: PR Município: CASCAVEL  
 Telefone: (45)3220-3002 E-mail: cep.prgg@unioeste.br